



Tipo de documento:	Padrão RA
Escopo:	Brasil
Situação do documento:	Aprovado
Data desta versão:	17 de setembro de 2012
Número da versão:	1.0
Período de consulta:	Encerrado
Responsável pela aprovação:	Rainforest Alliance
Pessoa de contato:	<u>David Escaquete</u>
E-mail de contato:	david@imaflora.org

Título:	Padrão Interino Rainforest Alliance/Imaflora para Avaliação do Manejo de Candeia (<i>Eremanthus erythropappus</i>) no Brasil (versão 1.0)
Código de documento RA:	N/A.

© 2007 Publicado pela Rainforest Alliance. Nenhuma parte deste trabalho coberta pelos direitos Copyright do autor pode ser reproduzida ou copiada em quaisquer formas ou meios (incluindo fotocópias, gravações, gravações em fitas ou sistemas eletrônicos de informações ou recuperação) sem a permissão por escrito do autor.

Índice

Introdução	2
Contexto	2
Desenvolvimento de padrões regionais.....	2
Estrutura dos padrões Rainforest Alliance	4
Comentários e contribuições públicas aos padrões e processos de certificação.....	4
Conteúdo	5
A. Escopo	5
B. Referências	5
C. Termos e definições.....	5
D. Siglas e abreviações	5
Padrão Interino Rainforest Alliance/Imaflora para Avaliação do Manejo de Candeia (<i>Eremanthus erythropappus</i>) no Brasil	6
Anexo 1: Listas oficiais de espécies ameaçadas no Brasil.....	21
Anexo 2: Glossário de termos e definições	124

Introdução

O objetivo principal da Rainforest Alliance é reconhecer bons gestores florestais através de uma verificação independente e confiável de suas práticas de manejo. A Rainforest Alliance é uma entidade certificadora acreditada pelo FSC® - Forest Stewardship Council, e é representada no Brasil pelo Imaflora, uma associação de direito civil sem fins lucrativos fundada em 1995.

O propósito deste padrão é fornecer aos gestores florestais, proprietários/produtores florestais, indústrias do setor florestal, cientistas, ambientalistas e público em geral, informações sobre os aspectos das operações de manejo florestal avaliados nos processos de certificação do Forest Stewardship Council (FSC). O padrão foi desenvolvido para o Brasil com base nos Padrões Genéricos Rainforest Alliance para Avaliação do Manejo Florestal, aprovados pelo FSC por meio do órgão acreditador correspondente, a ASI – “Accreditation Services International” e tem por escopo auditorias FSC de manejo de candeia (*Eremathus erythropappus*) no Brasil. O padrão final poderá sofrer revisões e atualizações futuras com fundamento em contribuições de partes interessadas e experimentos de campo.

Contexto

Florestas podem ser manejadas com diversas finalidades, objetivando a obtenção de diferentes produtos. Tal manejo pode ocorrer em florestas naturais ou em plantações, para produção de madeira ou de produtos não madeireiros, incluir sistemas mecanizados ou manuais de colheita e ser gerido por um grande empreendimento industrial ou por uma associação de produtores comunitários locais, entre outras possibilidades. Uma questão chave para processos de certificação tem sido a de avaliar uma ampla variedade de impactos ecológicos, socioeconômicos e silviculturais das atividades de manejo florestal de forma clara e consistente, com base em uma combinação de conhecimentos científicos e experiências práticas.

Em 1991, o Programa SmartWood da Rainforest Alliance apresentou o primeiro conjunto de padrões globais para certificação de manejo florestal, intitulado “Diretrizes Gerais para a Avaliação do Manejo de Florestas Naturais”, aplicável às florestas ou às operações florestais. No mesmo ano, o SmartWood também produziu as primeiras diretrizes regionais específicas para o manejo de florestas naturais na Indonésia. Em 1993, o SmartWood produziu uma minuta de “Diretrizes Gerais para a Avaliação de Plantações Florestais” e revisou as diretrizes para o manejo de florestas naturais. O grupo de trabalho inicial para desenvolver os Princípios e Critérios do FSC de 1991 a 1993 foi co-dirigido pelo diretor do SmartWood. Em 1998, após sete anos de aplicação e experiência concreta com a realização de inúmeras avaliações e auditorias florestais, o SmartWood conduziu uma ampla revisão de seus padrões para a avaliação de manejo florestal para florestas naturais e plantações. Desde então, revisões destes mesmos documentos ocorreram em 2000 e 2004. Desde 1993, cada padrão tem sido revisado pela equipe do FSC, órgão internacional que acreditou a Rainforest Alliance como uma certificadora de manejo florestal e cadeia de custódia.

Estes padrões foram desenvolvidos pela equipe Imaflora, com consultas a outros membros da Rainforest Alliance no mundo, bem como a outros profissionais florestais, ecólogos, cientistas sociais e técnicos florestais. As equipes do Imaflora e da Rainforest Alliance têm uma profunda experiência de campo no desenvolvimento de padrões regionais específicos de certificação florestal, alguns desde 1989 (Indonésia, Califórnia). Estes padrões foram desenvolvidos de acordo com os requisitos do FSC, bem como de outras diretrizes de manejo florestal e conservação biológica lançadas pela IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza) e ITTO (Organização Internacional para Madeira Tropical). A Rainforest Alliance tem desenvolvido seus trabalhos com nossos representantes (Imaflora no Brasil e NEPCON na Europa) e outras organizações como o Centro para Silvicultura Internacional (CIFOR), a Organização Internacional do Trabalho (OIT), cientistas, indústria florestal, organizações não governamentais (ONGs) e grupos de trabalho FSC para o desenvolvimento de padrões regionais. Reconhece-se a contribuição significativa efetuada por estas e outras organizações locais, nacionais e internacionais e diversos empreendimentos florestais, certificados ou não, engenheiros florestais, produtores de madeira e partes interessadas locais, que contribuíram com críticas às versões anteriores dos padrões Rainforest Alliance e forneceram sugestões para sua melhoria.

Desenvolvimento de padrões regionais

Padrões Nacionais/Regionais FSC:

Grupos de trabalho do FSC ao redor do mundo têm desenvolvido padrões específicos de certificação regionais ou nacionais. O Imaflora e a Rainforest Alliance apoiam, incentivam e participam sempre que possível destes processos. A experiência mostra que o processo de definição de normas regionais é vital para o sistema de certificação FSC. A elaboração de padrões regionais constitui um excelente meio de envolvimento do público em discussões amplas e importantes sobre o futuro de florestas e comunidades humanas. Em outras palavras, o processo de definição de padrões regionais deveria ser visto não somente como um processo de definição de padrões técnicos, mas também como um processo para busca de um manejo florestal sustentável. Neste processo, padrões regionais são desenvolvidos, testados no campo, revisados e aprovados por um grupo de trabalho regional, e então submetidos ao FSC Internacional para aprovação. O produto final, se aprovado, é um “Padrão aprovado pelo FSC”. Uma vez aprovado, todas as certificadoras acreditadas pelo FSC (como a Rainforest Alliance) devem utilizar o padrão regional aprovado para a certificação FSC naquele país ou região. As certificadoras podem ser mais rigorosas que os padrões regionais, nunca menos rigorosas.

Padrões Interinos:

Em países ou regiões que não possuem um padrão específico para um determinado escopo de certificação aprovado pelo FSC, a Rainforest Alliance deve desenvolver um padrão interino local adaptado para ser usado na avaliação de operações de manejo florestal na área geográfica designada. Os padrões adaptados são desenvolvidos a partir dos padrões genéricos Rainforest Alliance, possibilitando modificações dos indicadores de certificação de forma a considerar o contexto nacional (e.g. requisitos legais e perspectivas ambientais, sociais e econômicas específicas).

A presente minuta usou como base para sua elaboração a versão 2.0 do Padrão Interino Rainforest Alliance/Imaflora para Avaliação do Manejo de Plantações Florestais no Brasil (Versão 2.0) e os padrões genéricos Rainforest Alliance para Avaliação de Manejo Florestal. Ela foi elaborada pelo Imaflora em Português, idioma oficial do país no qual estão localizados os empreendimentos de manejo florestal a serem avaliados. A distribuição a partes interessadas relevantes se dará por e-mail, mediante publicação nas páginas eletrônicas do Imaflora e da Rainforest Alliance, por correio e reuniões presenciais. Após a consolidação final dos comentários apresentados durante este período de consulta, a versão final será publicada na página eletrônica do Imaflora da Rainforest Alliance com no mínimo trinta dias antes do início de sua aplicação no campo.

Caso haja o desenvolvimento, pela iniciativa nacional do FSC ou por um grupo de trabalho específico, de um novo padrão regional/nacional aprovado pelo FSC Internacional para o mesmo escopo de certificação deste documento, o padrão regional/nacional deverá prevalecer sobre o presente padrão interino, obedecidas especificações de transição estabelecidas pelo FSC após sua entrada em vigor.

A equipe Imaflora/Rainforest Alliance se utilizou adicionalmente de outros recursos como base e inspiração para elaborar os indicadores e verificadores deste padrão interino. A lista a seguir descreve os documentos de base e os principais documentos que foram revisados e considerados na elaboração e revisão deste Padrão Interino:

- Final Plantations Policy Review Report 2006-10-20;
- FSC-GUI-60-004 EN (V1-0) – Forest Stewardship Standards: Structure, Content and Suggested Indicators;
- FSC-PRO-01-001 (V2-0) EN – Development and Approval of FSC Social and Environmental Interim Standards;
- FSC-STD-01-001 (V- 4.0) – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship;
- FSC-STD-01-001 V5-0 D5-0 EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship;
- FSC-STD-01-002 (V 1-0) – Glossary of Terms;
- FSC-STD-20-002 V3-0 EN – Adaptation of Generic Indicators;
- FSC-STD-60-002 (V1-0) EN – Structure Content National Forest Stewardship Standards;
- FSC-STD-60-006 (V1-2) EN – Development of National Forest Stewardship Standards;
- FSC-STD-01-003 – SLIMF Eligibility Criteria;
- Rainforest Alliance Generic Standards for Assessing Forest Management, Rainforest Alliance, March 2012;
- Rainforest Alliance Global Non Timber Forest Product Certification Addendum, Rainforest Alliance 2012;

- ISEAL Code of Good Practice;
- Padrão para Avaliação de Manejo Florestal Comunitário e de Pequenos Produtores no Brasil 2010 POR;
- Padrões de certificação do FSC para Manejo Florestal em Terra Firme na Amazônia Brasileira (24 de março de 2002, POR);
- Padrão Interino Rainforest Alliance/Imaflora para Avaliação do Manejo de Plantações Florestais no Brasil (Versão – 2.0 de 29 de maio de 2012).

Estrutura dos padrões Rainforest Alliance

Os Padrões Genéricos Rainforest Alliance estão diretamente baseados nos Princípios e Critérios do FSC (FSC-STD-01-001) e incluem indicadores genéricos em cada critério para elaboração de uma norma global da Rainforest Alliance. Como já especificado, estes indicadores constituem o ponto de partida para o desenvolvimento de “Padrões Interinos Imaflora/Rainforest Alliance” específicos por região, que serão utilizados pelos auditores florestais para avaliar a sustentabilidade de práticas e impactos do manejo florestal dos empreendimentos candidatos à certificação.

Este Padrão Interino está dividido nos seguintes dez princípios:

1. Obediência às leis e aos princípios do FSC
2. Direitos e responsabilidades de posse e uso
3. Direitos dos povos indígenas
4. Relações comunitárias e direitos dos trabalhadores
5. Benefícios da Floresta
6. Impacto ambiental
7. Plano de manejo
8. Monitoramento e avaliação
9. Manutenção de Florestas de Alto Valor de Conservação
10. Plantações

No padrão está descrito, separadamente, cada um dos princípios do FSC, com seus respectivos critérios, incluindo ainda os indicadores que devem ser auditados em todos os processos de certificação FSC conduzidos pelo Imaflora/Rainforest Alliance, exceto se considerados não aplicáveis pelos auditores. Uma vez que os princípios e critérios são internacionais, somente os indicadores estão sendo submetidos à presente consulta pública.

Comentários e contribuições públicas aos padrões e processos de certificação Imaflora/Rainforest Alliance

No processo de certificação convivem aspectos públicos e privados. Os relatórios de avaliação para certificação não são documentos públicos, a não ser quando exigido por lei ou mediante autorização da operação candidata. Três documentos públicos, no entanto, são disponibilizados para cada operação de manejo florestal certificado:

1. Um documento de consulta pública, que anuncia cada avaliação de certificação, publicado no mínimo 45 dias antes dos trabalhos de campo;
2. As normas de certificação a serem utilizadas; e
3. O resumo público do relatório de certificação, produzido com os resultados da avaliação realizada.

O documento público de consulta informará o público sobre a avaliação de certificação com uma antecedência mínima de 45 dias. O documento será disponibilizado publicamente nas páginas eletrônicas da Rainforest Alliance (www.rainforest-alliance.org) e do Imaflora (www.imaflora.org) e distribuído a diferentes partes interessadas por correio, e-mail ou entrega durante visitas presenciais.

A norma Imaflora/Rainforest Alliance a ser utilizada em cada processo será disponibilizada publicamente antes e durante a avaliação, sendo parte integrante dos registros públicos de todo processo de certificação florestal.

O resumo público do relatório de certificação é produzido como uma etapa final do processo e estará disponível após a decisão final sobre a certificação, se positiva. Para acessar resumos públicos de certificação, visite a página eletrônica de empreendimentos certificados do FSC (<http://info.fsc.org/>), ou contate o Imaflora no endereço Estrada Chico Mendes, 185 – Cx. Postal 411 – CEP: 13400-900 –

Piracicaba/SP – Brasil, pelo telefone: +55 19 3429-0800, ou através de nosso endereço eletrônico (www.imaflora.org).

O Imaflora e a Rainforest Alliance incentivam todas as partes interessadas a enviarem seus comentários – positivos ou negativos – sobre operações candidatas à certificação, operações certificadas, normas ou procedimentos de certificação.

Conteúdo

A. Escopo

Esta norma deverá constituir a base para a certificação FSC de empreendimentos de manejo de candeia (*Eremathus erythropappus*) no Brasil pela Rainforest Alliance, representada no Brasil pelo Imaflora.

B. Referências

- Final Plantations Policy Review Report 2006-10-20;
- FSC-GUI-60-004 EN (V1-0) – Forest Stewardship Standards: Structure, Content and Suggested Indicators;
- FSC-PRO-01-001 (V2-0) EN – Development and Approval of FSC Social and Environmental Interim Standards;
- FSC-STD-01-001 (V4-0) EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship;
- FSC-STD-01-001 V5-0 D5-0 EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship;
- FSC-STD-01-002 (V 1-0) – Glossary of Terms;
- FSC-STD-20-002 V3-0 EN – Adaptation of Generic Indicators;
- FSC-STD-60-002 (V1-0) EN – Structure Content National Forest Stewardship Standards;
- FSC-STD-60-006 (V1-2) EN – Development of National Forest Stewardship Standards;
- FSC-STD-01-003 – SLIMF Eligibility Criteria;
- Rainforest Alliance Generic Standards for Assessing Forest Management, Rainforest Alliance, March 2012;
- Rainforest Alliance Global Non Timber Forest Product Certification Addendum, Rainforest Alliance 2012;
- ISEAL Code of Good Practice;
- Padrão para Avaliação de Manejo Florestal Comunitário e de Pequenos Produtores no Brasil 2010 POR;
- Padrões de certificação do FSC para Manejo Florestal em Terra Firme na Amazônia Brasileira (24 de março de 2002, POR);
- Padrão Interino Rainforest Alliance/Imaflora para Avaliação do Manejo de Plantações Florestais no Brasil (Versão – 2.0 de 29 de maio de 2012).

C. Termos e definições

Ver glossário ao final do padrão.

D. Siglas e abreviações

AAVC: Atributo de Alto Valor de Conservação;

AVC: Área de Alto Valor de Conservação;

CDB: Convenção sobre Diversidade Biológica;

CITES: Convenção Internacional do Comércio da Fauna e Flora em Perigo de Extinção;

EMF: Empreendimento de manejo florestal

EPI: Equipamento de Proteção individual

FAVC: Florestas de alto valor de conservação;

FSC: Forest Stewardship Council – Conselho de Manejo Florestal;

ITTA: Acordo Internacional Sobre Madeiras Tropicais;

NR: Norma Regulamentadora;

OGM: Organismo Geneticamente Modificado;

OIT: Organização Internacional de Trabalho;

OMS: Organização Mundial de Saúde;

ONG: Organização Não Governamental;

PFNM: Produtos Florestais Não Madeireiros;

P&C: Princípios e Critérios;

RA: Rainforest Alliance;

SLIMF: Small or Low Intensity Managed Forests – manejo florestal de pequena escala e baixa intensidade;

UMF: Unidade de Manejo Florestal.

Padrão Interino Rainforest Alliance/Imaflora para Avaliação do Manejo de Candeia (*Eremanthus erythropappus*) no Brasil

Princípio #1 – Conformidade com as leis e Princípios do FSC

O manejo florestal deve respeitar toda legislação aplicável do país em que atua e os tratados e acordos internacionais dos quais o país é signatário e cumprir com todos os Princípios e Critérios do FSC.

1.1 O manejo florestal deve respeitar todas as leis nacionais, locais e exigências administrativas.

Nota: para referência às principais leis e outros diplomas normativos relevantes, ver Anexo 1 deste documento.

1.1.1 O EMF deve cumprir com as leis e regulamentos federais, estaduais e municipais aplicáveis à unidade de manejo florestal. O EMF deve assegurar o cumprimento da legislação aplicável por empresas prestadoras de serviços, subcontratados, clientes compradores de madeira e seus contratados ou subcontratados na unidade de manejo florestal.

1.1.2 Em caso de pendências administrativas ou jurídicas, o responsável pela unidade de manejo florestal deve agir para a sua resolução, listando as pendências, as providências tomadas e a serem encaminhadas e seus prazos de execução.

1.2 Devem ser pagos todos os impostos, taxas, royalties e outros encargos aplicáveis e legalmente requeridos.

1.2.1 O EMF deve estar em dia com os pagamentos realizados ou programados a título de impostos, encargos e demais débitos.

1.2.2 Existindo pendências de pagamentos referentes às atividades executadas na unidade de manejo florestal, deve haver um plano para quitação dos débitos, legalmente válido ou acordado com o credor ou instituição.

1.3 Nos países signatários devem ser respeitadas as prescrições de todos os acordos internacionais vinculantes como o CITES (Convenção Internacional do Comércio da Fauna e Flora em Perigo de Extinção), a OIT (Organização Internacional de Trabalho), o ITTA (Acordo Internacional Sobre Madeiras Tropicais) e a CDB (Convenção sobre Diversidade Biológica).

1.3.1 O EMF deve possuir uma coletânea dos acordos internacionais relevantes.

1.3.2 O EMF deve respeitar as convenções e tratados internacionais aplicáveis na Unidade de Manejo Florestal, incluindo CITES, OIT, ITTA e CDB.

Nota: com relação à OIT, são especialmente relevantes as convenções 29, 87, 98, 100, 105, 111, 138, 169 e 182.

1.4 Conflitos entre leis, regulamentos e os P&C do FSC devem ser avaliados caso a caso, para propósito de certificação, pelas certificadoras e as partes envolvidas ou afetadas.

1.4.1 No caso de identificação de conflitos entre leis, P&C do FSC e tratados ou convenções internacionais aplicáveis, o EMF deve apresentar à certificadora um relato formal sobre os conflitos identificados.

1.5 As áreas de manejo florestal devem ser protegidas da exploração ilegal, assentamentos e outras atividades não autorizadas.

1.5.1 O EMF deve ter medidas de proteção contra extração ilegal de madeira ou outros produtos, invasões, caça, pesca e outras atividades não autorizadas na unidade de manejo florestal.

1.6 Os responsáveis pelo manejo florestal devem demonstrar um compromisso de adesão de longo prazo aos Princípios e Critérios do FSC.

1.6.1 EMF deve possuir políticas ou declarações públicas assumindo o compromisso de longo prazo de adesão aos padrões de certificação FSC nas áreas sob avaliação.

1.6.2 O EMF não deve implantar atividades que conflitem frontalmente com os P&C do FSC em áreas sob sua responsabilidade de gestão fora da área florestal incluída no escopo de certificação.

1.6.3 O EMF deve disponibilizar informações sobre todas as áreas florestais ou outras áreas fora do escopo da certificação sobre as quais possui algum grau de responsabilidade pelo manejo para demonstrar conformidade com as políticas aplicáveis do FSC.

Nota: são aplicáveis, entre outros, os seguintes documentos FSC em suas versões mais atualizadas:

- FSC-POL-20-003: The Excision of Areas from the Scope of Certification;

- FSC-POL-01-004: Policy for the Association of Organizations with FSC.

São aplicáveis, ainda, as Interpretações de Padrões publicadas pelo FSC Internacional em sua página eletrônica: <http://www.fsc.org/standardsinterpretation.html>

Princípio #2 – Posse e Direitos e Responsabilidades de Uso

As posses de longo prazo e os direitos de uso sobre a terra e recursos florestais devem ser claramente definidos, documentados e legalmente estabelecidos.

2.1 Deve ser demonstrada clara evidência quanto aos direitos de longo prazo de uso dos recursos florestais da propriedade (e.g., títulos da terra, direitos costumários ou contratos de arrendamento).

2.1.1 O EMF deve possuir evidência documentada dos direitos legais de longo prazo (pela duração mínima de uma rotação ou ciclo de colheita) de manejar as terras e utilizar os recursos florestais para os quais a certificação é solicitada.

2.1.2 Em caso de pendências administrativas ou jurídicas, relativas à situação fundiária dos imóveis, o responsável pela unidade de manejo florestal deverá agir de forma efetiva para a resolução dos problemas, listando as pendências, as providências tomadas e a serem encaminhadas e seus prazos de execução.

2.2 As comunidades locais com direitos legais ou costumários de posse ou uso da terra devem manter controle sobre as operações de manejo florestal, na extensão necessária para proteger seus direitos ou recursos, a menos que deleguem esse controle para outras pessoas ou entidades, de forma livre e consciente.

2.2.1. O EMF deve fornecer evidências de que as comunidades locais ou partes afetadas deram seu consentimento formal, livre e consciente para atividades de manejo em áreas de sua posse ou que afetam seus direitos de uso.

2.3 Devem ser adotados mecanismos apropriados para resolver disputas sobre a posse ou direitos de uso. As circunstâncias e o estado de qualquer disputa serão explicitamente considerados na avaliação de

certificação. Disputas de magnitude substancial, envolvendo um número expressivo de interesses, vão normalmente desqualificar a certificação de um empreendimento.

2.3.1 O EMF deve demonstrar a evolução dos processos de resolução de disputas. Acordos, ajustes e contratos entre as partes envolvidas, se existentes, devem ser respeitados pelo EMF.

2.3.2 O EMF não deve estar envolvido em conflitos de magnitude substancial nas áreas florestais candidatas à certificação.

Nota: ver definição de “Conflitos ou disputas de magnitude substancial” no glossário de termos e definições (Anexo 4 deste documento).

Princípio #3 – Direitos dos Povos Indígenas

Nota: são considerados incluídos neste Princípio os povos indígenas e demais populações tradicionais.

Os direitos legais e costumeiros das comunidades indígenas de possuir, usar e manejar suas terras, territórios e recursos devem ser reconhecidos e respeitados.

3.1 Os povos indígenas devem controlar as atividades de manejo florestal em suas terras e territórios, a menos que deleguem esse controle a outros agentes, de forma livre e consciente.

3.1.1 No caso de operações florestais em terras e territórios de populações indígenas e/ou tradicionais, estas só devem ser iniciadas com evidências do consentimento livre, consciente e em conformidade com as leis vigentes por parte dessas populações.

3.2 As atividades de manejo florestal não devem ameaçar ou diminuir, direta ou indiretamente, os recursos ou direitos de posse dos povos indígenas.

3.2.1 Os acordos e negociações que envolvam recursos ou direitos de posse das populações indígenas e/ou tradicionais devem ser documentados, adequados à língua e ter a participação de representantes dessas populações.

3.3 Os locais de especial significado histórico, arqueológico, cultural, ecológico, econômico ou religioso para os povos indígenas devem ser claramente identificados em cooperação com estes povos, e reconhecidos e protegidos pelos responsáveis pela unidade de manejo florestal.

3.3.1 O EMF deve identificar os sítios de especial significado presentes na unidade de manejo por meio do engajamento efetivo das populações interessadas, incluindo, se necessário, consultas a especialistas.

3.3.2 Os locais de especial significado identificados devem ser protegidos durante as operações florestais.

3.4 Os povos indígenas devem ser recompensados pelo uso de seus conhecimentos tradicionais relativos ao uso de espécies florestais ou de sistemas de manejo nas operações florestais. Essa recompensa deve ser formalmente acordada mediante consentimento livre e consciente desses povos antes do início das operações florestais.

3.4.1 Devem existir acordos formais quando houver o uso de conhecimentos tradicionais para finalidades comerciais mediante o consentimento livre das populações tradicionais.

Princípio #4 – Relações Comunitárias e Direitos dos Trabalhadores

As operações de manejo florestal devem manter ou ampliar o bem estar social e econômico de longo prazo dos trabalhadores florestais e comunidades locais.

4.1 Devem ser dadas oportunidades de emprego, treinamento e outros serviços às comunidades inseridas ou adjacentes às áreas de manejo florestal.

4.1.1 O EMF deve oferecer oportunidades e/ou dar preferência às comunidades e residentes locais em termos de empregos, treinamentos, aquisição de suprimentos e a contratação de serviços locais.

4.2 O manejo florestal deve alcançar ou exceder todas as leis aplicáveis e/ou regulamentações relacionadas à saúde e segurança dos trabalhadores e seus familiares.

4.2.1 O EMF deve garantir condições ergonômicas, sanitárias e ambientais apropriadas aos trabalhadores próprios, terceirizados ou subcontratados no desempenho de suas atividades, inclusive quanto às formas de acomodação temporária ou permanente.

4.2.2 O EMF deve garantir o fornecimento de alimentação e água, em quantidade e qualidade compatíveis com as atividades desenvolvidas, aos trabalhadores próprios, terceiros e subcontratados.

4.2.3 O EMF deve fornecer ou garantir o fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPI) aos trabalhadores, sem ônus, em boas condições, apropriados às tarefas e aos equipamentos utilizados. O uso de EPIs deve ser obrigatório e monitorado pelo EMF.

4.2.4 Os locais de trabalho devem contar com condições de atendimento a emergências, incluindo equipamentos de primeiros socorros, treinamentos específicos e um sistema de comunicação efetivo.

4.2.5 Mulheres no período de gravidez e em fase de aleitamento materno não devem estar expostas a atividades que ofereçam riscos à sua saúde e à da criança.

Nota: questões relativas aos treinamentos de saúde e segurança ocupacional são contempladas no indicador 7.3.3.

4.3 Devem ser garantidos os direitos dos trabalhadores de se organizarem e voluntariamente negociarem com seus empregadores, conforme Convenções 87 e 98 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

4.3.1 As ações e políticas do EMF devem respeitar os direitos dos trabalhadores (próprios e terceirizados) de se organizar ou filiar a entidades sindicais e participar de negociações coletivas nos termos da legislação vigente e, quando aplicável, das Convenções 87 e 98 da OIT.

4.3.2 O EMF deve manter cópias atualizadas e garantir o cumprimento dos acordos e convenções coletivas, aplicáveis aos trabalhadores próprios, de empresas prestadoras de serviços, subcontratados, clientes compradores de madeira e seus contratados ou subcontratados atuando na unidade de manejo florestal.

4.4. O planejamento e implantação de atividades de manejo florestal devem incorporar os resultados de avaliações de impacto social. Devem ser mantidos processos de consulta com as pessoas e grupos diretamente afetados pelas áreas de manejo.

4.4.1 O EMF deve identificar, registrar e manter uma base atualizada de partes interessadas afetadas por seu manejo florestal.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

4.4.2 O EMF deve implantar programas de consulta que permitam efetiva comunicação com as pessoas e grupos diretamente afetados pelas operações de manejo florestal.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

4.4.3 O EMF deve conduzir uma avaliação de impactos socioeconômicos, identificando os impactos associados às atividades do manejo florestal. A avaliação deve ser proporcional à escala e intensidade das operações, em conformidade com as exigências dos P&C do FSC.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

4.4.4 O EMF deve definir medidas de prevenção e mitigação para os impactos socioeconômicos negativos identificados. As medidas definidas devem ser proporcionais aos impactos identificados e devem ser incluídas no planejamento e nas operações de manejo.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

4.4.5 Aplicável somente para SLIMFs – O EMF deve manter comunicação com vizinhos e identificar impactos sociais negativos, propondo e implantando medidas de mitigação para os impactos significativos.

4.5 Devem ser empregados mecanismos apropriados para resolver queixas e para proporcionar compensação justa no caso de perdas ou danos que afetem os direitos legais ou de costume, propriedade, recursos ou meios de vida das populações locais. Devem ser tomadas medidas para evitar tais perdas e danos.

4.5.1 O EMF deve receber, encaminhar, responder e tratar reclamações relacionadas a perdas ou danos que afetem os direitos legais ou costumários das comunidades locais, mantendo registros das etapas de cada processo.

Princípio #5 – Benefícios da Floresta

As operações de manejo florestal devem incentivar o uso eficiente dos múltiplos produtos e serviços da floresta para assegurar a viabilidade econômica e uma grande variedade de benefícios ambientais e sociais.

5.1 O manejo florestal deve se esforçar rumo à viabilidade econômica, levando em consideração todos os custos de produção de ordem ambiental, social e operacional, e assegurando os investimentos necessários para a manutenção da produtividade ecológica da floresta.

5.1.1 O empreendimento deve manter registros financeiros que permitam a verificação das estimativas de custos e receitas ao longo do tempo.

5.1.2 A receita obtida deve ser suficiente para cobrir os custos do manejo ao longo do ciclo florestal.

5.2 O manejo florestal e as operações de comercialização deveriam estimular a otimização do uso e o processamento local da diversidade de produtos da floresta.

5.2.1 O EMF deveria aproveitar os resíduos florestais para fins comerciais, energéticos, de conservação de solos ou outros.

5.3 O manejo florestal deveria minimizar os desperdícios associados com as operações de colheita e processamento local e evitar danos a outros recursos florestais.

Nota: para avaliação de danos à floresta e outros recursos naturais, ver critério 6.3.

5.3.1 O EMF deve minimizar a geração de resíduos das operações de colheita e processamento local e adotar práticas para sua disposição de forma a evitar impactos ambientais.

5.4 O manejo florestal deveria se esforçar para fortalecer e diversificar a economia local, evitando a dependência de um único produto florestal.

5.4.1 O EMF deveria visar o uso múltiplo da madeira e dos produtos florestais não-madeireiros na unidade de manejo florestal.

5.5 O manejo florestal deve reconhecer, manter e, quando apropriado, ampliar o valor de recursos e serviços florestais, tais como bacias hidrográficas e recursos pesqueiros.

5.5.1 O EMF deve proteger os serviços associados à UMF, incluindo: conservação de bacias hidrográficas e solos, biodiversidade, habitats para fauna, paisagens de excepcional beleza e locais de recreação e turismo.

5.6 A taxa de exploração de recursos florestais não deve exceder níveis que possam ser permanentemente sustentados.

5.6.1 O EMF deve demonstrar compatibilidade entre os níveis de colheita planejados e realizados com base no sistema de inventário ou em dados atualizados de crescimento e produção.

Princípio #6 – Impacto Ambiental

O manejo florestal deve conservar a diversidade ecológica e seus valores associados, os recursos hídricos, os solos, os ecossistemas e paisagens frágeis e singulares e, dessa forma manter as funções ecológicas e a integridade das florestas.

6.1 A avaliação dos impactos ambientais será concluída – de acordo com a escala, a intensidade do manejo florestal e o caráter único dos recursos afetados – e adequadamente integrada aos sistemas de manejo. As avaliações devem incluir considerações em nível da paisagem, como também os impactos das instalações de processamento local. Os impactos ambientais devem ser avaliados antes do início das operações impactantes no local.

6.1.1 Durante o planejamento do manejo, o EMF deve identificar e avaliar aspectos e impactos ambientais relacionados às suas operações florestais, instalações locais de processamento, obras e outras atividades potencialmente causadoras de impactos ambientais negativos.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

6.1.2 O EMF deve planejar e implantar medidas, adequadas à escala e intensidade do manejo florestal, para prevenção, controle e mitigação dos impactos ambientais negativos identificados.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

6.1.3 Somente aplicável a SLIMFs – O EMF deve demonstrar conhecimento e prevenir, minimizar e mitigar os impactos negativos relacionados às suas atividades.

6.2 Devem existir salvaguardas que protejam as espécies raras, ameaçadas e em perigo de extinção e seus *habitats* (ex.: ninhos e áreas de alimentação). Devem ser estabelecidas zonas de proteção e conservação, apropriadas à escala e à intensidade do manejo florestal e à peculiaridade dos recursos afetados. Atividades inapropriadas de caça, pesca, captura e coleta devem ser controladas.

Nota: sobre o controle de atividades inadequadas de caça, pesca, coleta etc., ver indicador 1.5.1.

6.2.1 O EMF deve manter mecanismos para identificar, com base nas melhores informações disponíveis, indícios da presença de espécies endêmicas, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção e de seus habitats na unidade de manejo florestal.

Meios de verificação: vestígios, pegadas, fotografias, observações de trabalhadores, relatórios de especialistas, dados secundários etc.

6.2.2 De forma apropriada à escala e intensidade do manejo, áreas de conservação e proteção e/ou outras medidas devem ser estabelecidas para a proteção das espécies endêmicas, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção e seus habitats.

6.3 As funções e os valores ecológicos devem ser mantidos intactos, aumentados ou restaurados, incluindo:

- a) Regeneração e sucessão florestal;
- b) Diversidade genética, de espécies e de ecossistemas;
- c) Ciclos naturais que afetem a produtividade do ecossistema florestal.

6.3.1 As técnicas de manejo empregadas pelo EMF não devem danificar os remanescentes naturais, solos e recursos hídricos.

Nota: ver definição de remanescentes naturais no glossário deste documento.

6.4 Amostras representativas dos ecossistemas existentes dentro da paisagem devem ser protegidas em seu estado natural e registradas em mapas, de forma apropriada à escala e intensidade das operações e peculiaridade dos recursos afetados.

6.4.1 O EMF deve mapear e estabelecer medidas de proteção para os remanescentes naturais presentes na sua unidade de manejo florestal. Estes remanescentes devem representar os ecossistemas de ocorrência natural da região.

Notas:

- Ver definição de remanescentes naturais no glossário deste documento;
- Este indicador não é aplicável para SLIMFs.

6.4.2 Somente aplicável a SLIMFs – Os remanescentes naturais existentes na UMF devem ser mapeados e protegidos.

Nota: ver definição de remanescentes naturais no glossário deste documento.

6.5 Devem ser preparadas e implementadas orientações escritas para: controlar a erosão, minimizar os danos durante a colheita, construção de estradas e demais distúrbios de ordem mecânica e proteger os recursos hídricos.

Nota: para o tratamento de impactos aos solos e recursos hídricos da unidade de manejo, ver critério 10.6.

6.5.1 As operações florestais causadoras de impactos ambientais negativos (identificadas em 6.1) devem ter orientações escritas definindo práticas para prevenir, minimizar ou mitigar tais impactos.

6.5.2 Resíduos, produtos, ou outros materiais provenientes de operações de construção de estradas, colheita e outras operações ou atividades não devem ser depositados em remanescentes naturais ou APPs. O EMF deve destinar estes materiais de forma a evitar impactos ambientais.

6.6 Os sistemas de manejo devem promover o desenvolvimento e a adoção de métodos não-químicos e ambientalmente adequados de controle de pragas e doenças, e buscar evitar o uso de agrotóxicos. São proibidos agrotóxicos classificados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como tipos 1A e 1B e agrotóxicos à base de hidrocarbonetos clorados; os agrotóxicos persistentes, tóxicos ou aqueles cujos derivados permanecem biologicamente ativos e são cumulativos na cadeia alimentar para além de seu uso desejado; como também quaisquer agrotóxicos banidos por acordos internacionais. Se forem utilizados produtos químicos e biológicos deve ser providenciado o uso de métodos, equipamentos e treinamentos apropriados para minimizar riscos para a saúde e o ambiente.

6.6.1 Agrotóxicos proibidos pelo FSC (FSC-POL-30-601), aqueles banidos no Brasil, produtos classificados pela Organização Mundial de Saúde (WHO) como do tipo 1A ou 1B e aqueles à base de hidrocarbonetos clorados não devem ser armazenados, manipulados ou utilizados. Exceções poderão ocorrer mediante a concessão de uma derrogação válida ou autorização extraordinária pelo FSC.

Nota: são aplicáveis, entre outros, os seguintes documentos FSC em suas versões mais atualizadas:

- FSC-POL-30-001 – FSC Pesticides Policy;
- FSC-GUI-30-001 – FSC Pesticides Policy: Guidance on Implementation;
- FSC-PRO-01-004 – Processing Pesticide Derogation Applications.

6.6.2 Se agrotóxicos forem utilizados, o EMF deve elaborar e implantar procedimentos para manuseio, transporte, uso de equipamentos, aplicação, armazenamento e disposição final de embalagens ou resíduos, de forma a minimizar riscos para a saúde e o ambiente.

6.6.3 O EMF deve manter inventários atualizados dos produtos utilizados e disponíveis, e registros de uso dos agrotóxicos, incluindo o nome do produto, classificação, local de aplicação, método, dosagem, quantidade total utilizada e datas de aplicação.

6.7 Os produtos químicos, vasilhames e resíduos não-orgânicos líquidos e sólidos, incluindo combustíveis e óleos lubrificantes, devem ser descartados de forma ambientalmente apropriada, fora da área de floresta.

6.7.1 Os produtos químicos e resíduos líquidos e sólidos, bem como respectivas embalagens, provenientes das operações florestais, construções e instalações de processamento, devem ser destinados atendendo à legislação aplicável e de forma a evitar impactos ambientais.

Nota: ver definição de produtos químicos no glossário deste documento.

6.8 O uso de agentes de controle biológico deve ser documentado, minimizado, monitorado e criteriosamente controlado de acordo com as leis nacionais e protocolos científicos internacionalmente aceitos. O uso de organismos geneticamente modificados deve ser proibido.

6.8.1 O EMF deve respeitar as diretrizes do FSC sobre o não uso de OGM na Unidade de Manejo.

6.8.2 O EMF deve documentar e monitorar o uso de agentes de controle biológico.

6.9 O uso de espécies exóticas deve ser cuidadosamente controlado e ativamente monitorado para evitar impactos ecológicos adversos.

6.9.1 O EMF deve elaborar e implantar um programa de monitoramento e controle de espécies exóticas invasoras, adequado às espécies presentes e à intensidade de infestação na Unidade de Manejo Florestal.

6.10 Não deve ocorrer a conversão de florestas para plantações ou quaisquer modalidades de uso não-florestal do solo, exceto em circunstâncias nas quais a conversão:

- a) Representa uma porção muito limitada da unidade de manejo florestal; e
- b) Não ocorre em áreas de florestas de alto valor de conservação, e
- c) Possibilita benefícios de conservação claros, substanciais, adicionais, seguros e de longo prazo em toda a unidade de manejo florestal.

6.10.1 O EMF não deve converter em plantações ou quaisquer outras modalidades de uso do solo áreas de alto valor de conservação, florestas primárias ou em estágio avançado de regeneração e outros ecossistemas não florestais que apresentem conservados seus atributos naturais típicos.

6.10.2 Se conversões do uso do solo ocorrem, o EMF deve garantir adequação aos seguintes requerimentos:

- Evidenciar os benefícios de conservação para a unidade de manejo florestal, advindos da conversão ou de medidas de compensação tomadas pelo empreendimento.
- Apresentar evidências de que a área convertida representa um percentual pouco significativo da unidade de manejo florestal.
- Evidenciar que a conversão é legalmente autorizada.

Princípio #7 – Plano de Manejo

Um plano de manejo – apropriado à escala e à intensidade das operações – deve ser escrito, implantado e atualizado. Os objetivos de longo prazo do manejo florestal e os meios para atingi-los devem estar claramente descritos.

7.1 O plano de manejo e a documentação pertinente devem fornecer:

- Objetivos do manejo.
- Descrição dos recursos florestais a serem manejados, limitações ambientais, uso e situação legal das terras, condições sócio-econômicas e um perfil das áreas adjacentes.
- Descrição dos sistemas silviculturais e/ou outros sistemas de manejo, com base nas características ecológicas da floresta em questão e nas informações coletadas por meio de inventários florestais.
- Justificativa das taxas anuais de colheita e da seleção de espécies.
- Mecanismos de monitoramento do crescimento e da dinâmica da floresta.
- Salvaguardas ambientais baseadas em avaliações ambientais.
- Planos para a identificação e proteção de espécies raras, ameaçadas e em perigo de extinção.
- Mapas descrevendo a base de recursos florestais, incluindo áreas protegidas, atividades planejadas de manejo e as áreas das propriedades.
- Descrição e justificativa das técnicas de colheita e equipamentos a serem utilizados.

7.1.1 O plano de manejo, seus anexos ou documentos de referência devem incluir os seguintes componentes:

- Objetivos do manejo.
- Descrição dos recursos florestais a serem manejados, limitações ambientais, uso e situação legal das terras, condições sócio-econômicas e um perfil das áreas adjacentes.
- Descrição dos sistemas silviculturais e/ou outros sistemas de manejo, com base nas características ecológicas da floresta em questão e nas informações coletadas por meio de inventários florestais.
- Justificativa das taxas anuais de colheita e da seleção de espécies.
- Mecanismos de monitoramento do crescimento e da dinâmica da floresta.
- Salvaguardas ambientais baseadas em avaliações ambientais.
- Planos para a identificação e proteção de espécies raras, ameaçadas e em perigo de extinção.
- Mapas descrevendo a base de recursos florestais, incluindo áreas protegidas, atividades planejadas de manejo e as áreas das propriedades.
- Descrição e justificativa das técnicas de colheita e equipamentos a serem utilizados.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

7.1.2 Somente aplicável a SLIMFs – Existe um plano de manejo escrito, que inclui no mínimo os seguintes componentes:

- Uma descrição geral da unidade de manejo florestal.
- Descrição das diferentes técnicas de manejo florestal utilizadas.
- Limites sustentáveis de colheita (consistentes com o critério 5.6 do FSC).
- Impactos ambientais/sociais do manejo.
- Medidas de proteção de espécies raras, endêmicas, ameaçadas ou em perigo de extinção e de áreas de alto valor de conservação.
- Mapas da unidade de manejo florestal indicando áreas protegidas e planejamento do manejo.
- Descrição do ciclo de manejo florestal.

7.2. O plano de manejo deve ser revisado periodicamente para incorporar os resultados do monitoramento ou novas informações científicas e técnicas, bem como para responder a mudanças nas circunstâncias ambientais, sociais e econômicas.

7.2.1 As revisões e alterações do plano de manejo devem ser realizadas de forma compatível com a frequência dos monitoramentos e as modificações ocorridas no manejo do empreendimento.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

7.2.2 O EMF deve registrar as modificações efetuadas no plano de manejo para a atualização de novas informações técnicas/científicas e adaptação a mudanças ambientais, sociais e econômicas.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

7.2.3 Somente aplicável a SLIMFs – O plano de manejo deve ser revisado no mínimo a cada cinco anos, incorporando, se necessário, resultados de monitoramento para o planejamento e implantação do futuro manejo.

7.3 Os trabalhadores florestais devem receber treinamento e supervisão adequados para assegurar a implementação apropriada do plano de manejo.

7.3.1 O EMF deve possuir registros dos treinamentos periódicos, das capacitações e orientações fornecidas aos trabalhadores próprios e contratados, de forma a garantir que o plano de manejo e os procedimentos e orientações operacionais sejam corretamente compreendidos.

7.3.2 O EMF deve garantir a supervisão dos trabalhadores florestais, próprios ou terceirizados, de forma que o plano de manejo e os procedimentos e orientações operacionais sejam corretamente implementados.

7.4 Respeitando a confidencialidade de informações, os gestores do manejo florestal devem disponibilizar ao público um resumo dos principais elementos do plano de manejo, incluindo aqueles listados no critério 7.1.

7.4.1 O EMF deve elaborar um resumo público do plano de manejo, incluindo informações sobre os elementos listados no indicador 7.1.1 e disponibilizá-lo publicamente.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

7.4.2 Somente aplicável a SLIMFs – O EMF deve, caso solicitado, fornecer informações sobre o plano de manejo às partes interessadas (e.g. proprietários vizinhos e comunidades locais).

Princípio #8 – Monitoramento e Avaliação

Monitoramentos devem ser conduzidos – apropriados à escala e intensidade do manejo florestal – para avaliar as condições da floresta, rendimentos dos produtos florestais, cadeia de custódia, atividades de manejo e seus impactos sociais e ambientais.

8.1 A frequência e intensidade do monitoramento devem ser determinadas pela escala e intensidade das operações de manejo florestal, assim como pela complexidade e fragilidade relativas do ambiente afetado. Os procedimentos de monitoramento devem ser consistentes e replicáveis ao longo do tempo para permitir a comparação de resultados e a avaliação de mudanças.

8.1.1 As informações de monitoramento devem ser registradas e utilizadas para análises críticas periódicas, planejamento e revisão das práticas de manejo florestal.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.1.2 A frequência e a intensidade dos monitoramentos devem ser definidas de forma compatível com o tamanho e a complexidade da operação de manejo florestal.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.1.3 Somente aplicável a SLIMFs – O EMF deve conduzir um monitoramento regular contemplando as operações de colheita e reflorestamento.

8.2 O manejo florestal deve incluir a pesquisa e a coleta de dados necessária para monitorar, no mínimo, os seguintes indicadores:

- a) Incremento de todos os produtos florestais colhidos.
- b) Taxas de crescimento, regeneração e condição da floresta.
- c) Composição e mudanças observadas na flora e na fauna.
- d) Impactos ambientais e sociais da colheita e outras operações.
- e) Custos, produtividade e eficiência do manejo florestal.

8.2.1 O EMF deve estabelecer monitoramentos relativos a aspectos de suas práticas de manejo como, por exemplo, taxas de crescimento e estoque de madeira da floresta (sistemas de inventário), produtividade de colheita, taxas de exploração de produtos, qualidade de plantio, ocorrência de pragas e doenças, incêndios, entre outros.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.2.2 O EMF deve estabelecer monitoramentos relativos a impactos ambientais sobre remanescentes naturais, fauna, flora, solos e recursos hídricos ocasionados pelas operações de manejo.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.2.3 O EMF deve estabelecer monitoramentos relativos a aspectos socioeconômicos, como, por exemplo, custos e rendimentos do manejo florestal, condições das comunidades locais, índices de acidentes de trabalho, registros de comunicação com partes interessadas, entre outros.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.2.4 Somente aplicável a SLIMFs – O EMF deve monitorar e registrar, no mínimo, informações sobre:

- Volume de madeira em estoque e colhida.
- Índice de acidentes de trabalho.
- Áreas naturais afetadas por incêndios.
- Impactos das operações de manejo.

8.3 O gestor florestal deve fornecer documentação necessária para permitir que organizações de monitoramento e certificação possam rastrear cada produto florestal desde sua origem em um processo denominado “cadeia de custódia”.

8.3.1 O EMF deve definir sua “porta da floresta” e ter disponíveis informações (inventários, medições, estimativas) sobre o volume e a fonte dos produtos florestais colhidos na unidade de manejo, no transporte, nos pátios intermediários de estocagem (e.g. pátios de toras) e nos centros de processamento.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.3.2 As faturas e outros documentos relacionados à venda de produtos certificados devem incluir o código de certificação do EMF e a declaração do FSC do produto (ex: tora FSC puro).

8.3.3 Os produtos florestais certificados devem ser diferenciados (identificação visual), separados (separação física) e documentados, quando aplicável, de modo a permitir a rastreabilidade

dos produtos até a “porta da floresta”. Esta identificação deve ser efetuada por meio de marcas ou selos. Os produtos devem ter estocagem separada e documentada até a “porta da floresta”.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.3.4 Somente aplicável a SLIMFs (nota: aplica-se adicionalmente o indicador 8.3.2) – O EMF deve disponibilizar informações e registros que permitam a rastreabilidade dos produtos florestais até a “porta da floresta”.

8.4 Os resultados do monitoramento devem ser incorporados na implantação e revisão do plano de manejo.

8.4.1 Modificações efetuadas durante a implantação ou revisões do plano de manejo e/ou de procedimentos relacionados, em função de monitoramentos do EMF, devem ser registradas e incluídas no plano de manejo.

Nota: este indicador não é válido para SLIMFs, aplicando-se o indicador 7.2.4.

8.5 Respeitada a confidencialidade das informações, os gestores florestais devem disponibilizar para o público um resumo com os resultados dos indicadores de monitoramento, incluindo aqueles listados no Critério 8.2.

8.5.1 Os principais resultados de monitoramentos operacionais, ambientais e sociais devem ser incluídos em resumos ou outros documentos disponíveis ao público.

Nota: este indicador não é aplicável para SLIMFs.

8.5.2 Somente aplicável a SLIMFs – O EMF deve, caso solicitado, fornecer informações sobre os monitoramentos realizados às partes interessadas (e.g. proprietários vizinhos e comunidades locais).

Princípio #9 – Manutenção de Florestas de Alto Valor de Conservação

Atividades de manejo nas florestas de alto valor de conservação devem manter ou melhorar os atributos que definem tais florestas. Decisões sobre florestas de alto valor de conservação devem sempre ser consideradas em um contexto de abordagem de precaução.

Nota: para referências sobre FAVCs e AVCs, ver documento “Guia para Florestas de Alto Valor de Conservação” (Steve Jennings *Et al.*, dezembro de 2003) e outras informações disponíveis na página eletrônica <http://www.hcvnetwork.org>. Para SLIMF, recomenda-se consulta ao “Guia passo-a-passo FSC: Um guia de boas práticas para cumprir os requisitos de certificação FSC para biodiversidade e Florestas de Alto Valor para Conservação em manejo de pequenas florestas e de baixa escala” – www.fsc.org.

9.1 Uma avaliação para determinar a presença de atributos consistentes com florestas de alto valor de conservação será realizada de forma apropriada à escala e intensidade do manejo florestal.

9.1.1 EMF deve efetuar uma avaliação apropriada à escala e intensidade do manejo florestal, suficiente para identificar as áreas na UMF com presença de cada um dos seguintes valores:

- AVC 1 – Diversidade de espécies.

Concentrações de diversidade biológica incluindo espécies endêmicas, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção, significativas em nível global, regional ou nacional.

- AVC 2 – Ecossistemas e mosaicos em nível de paisagem. Ecossistemas e mosaicos de ecossistemas extensos em nível de paisagem, significativos em nível global, regional ou nacional, contendo populações viáveis da grande maioria das espécies de ocorrência natural em padrões naturais de distribuição e abundância.

- AVC 3 – Ecossistemas e habitats.

Ecosistemas, habitats ou refúgios de biodiversidade raros, ameaçados ou em perigo de extinção.

- AVC 4 – Serviços ambientais críticos.

Serviços ambientais básicos em situações críticas, incluindo proteção de mananciais e controle de erosão em solos vulneráveis e vertentes.

- AVC 5 – Necessidades das comunidades.

Áreas e recursos fundamentais para atender necessidades básicas de comunidades locais, populações indígenas ou populações tradicionais (subsistência, alimentação, água, saúde etc.), identificadas em cooperação com estas comunidades ou populações.

- AVC 6 – Valores culturais.

Áreas, recursos, habitats e paisagens de especial significado cultural, arqueológico ou histórico em nível global ou nacional, e/ou de importância cultural, ecológica, econômica ou religiosa crítica para a cultura tradicional de comunidades locais, populações indígenas ou populações tradicionais, identificadas em cooperação com estas comunidades ou populações.

Nota: descrição de AVCs extraída do documento FSC-STD-01-001 V5-0 D5-0 EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship, disponível na página eletrônica do FSC <http://www.fsc.org>.

9.1.2 Considerando a escala e intensidade do EMF, a avaliação para determinar a presença e extensão de AVCs deve incluir entrevistas e/ou consultas com as comunidades locais e/ou com especialistas qualificados nas áreas ambiental, social e/ou antropológica, conforme o caso.

9.2 A parte consultiva do processo de certificação deve enfatizar os atributos de conservação identificados e as opções para a sua manutenção.

Nota: em abril de 2003 o FSC emitiu a Nota de Orientação (FSC-ADV-30-901) esclarecendo a aplicação do critério 9.2. Em resumo, o documento indica que “O critério 9.2 do FSC requer que o responsável pelo manejo florestal consulte as partes interessadas para a identificação de altos valores de conservação e as opções de manejo daí em diante. Durante a avaliação para certificação a organização de certificação deve confirmar a adequação da consulta efetuada”.

9.2.1 A consulta deve descrever e proporcionar oportunidades às partes interessadas na identificação dos atributos de conservação.

9.2.2 A consulta deve descrever e proporcionar oportunidades às partes interessadas para contribuições nas estratégias para manutenção, redução de ameaças e monitoramento dos AVCs identificados.

9.3 O plano de manejo deve incluir e implantar medidas específicas que assegurem a manutenção e/ou melhoria dos atributos de conservação aplicáveis, consistentes com uma abordagem de precaução. Estas medidas devem ser especificamente incluídas no resumo do plano de manejo disponível ao público.

9.3.1 Se AVCs estão presentes, o plano de manejo e/ou outros documentos de planejamento devem descrever as medidas e práticas previstas para manter ou melhorar os atributos de cada AVC e/ou reduzir ameaças a esses atributos.

9.3.2 As medidas para manter ou melhorar os atributos de cada AVC e/ou reduzir ameaças a esses atributos devem estar disponíveis nos documentos públicos ou no resumo público do plano de manejo.

9.4 Monitoramentos anuais devem ser conduzidos para avaliar a efetividade das medidas empregadas para manter ou melhorar os atributos de conservação aplicáveis.

Nota: de forma complementar, são aplicáveis os indicadores do critério 8.1.

- 9.4.1 O EMF deve definir monitoramentos para avaliar a efetividade das medidas empregadas para manter ou melhorar os atributos de cada AVC identificado e/ou reduzir ameaças a esses atributos.

Princípio #10 – Plantações

As plantações devem ser planejadas e manejadas de acordo com os princípios e critérios 1-9, e o princípio 10 e seus critérios. Considerando que as plantações podem proporcionar uma série de benefícios sociais e econômicos e contribuir para satisfazer as necessidades globais de produtos florestais, elas devem complementar o manejo, reduzir pressões e promover a recuperação e conservação das florestas naturais.

10.1 Os objetivos do manejo da plantação, incluindo objetivos de conservação e restauração de florestas naturais, devem ser explicitamente citados no plano de manejo, e claramente demonstrados na sua implementação.

10.1.1 O EMF deve explicitar os objetivos da plantação no plano de manejo.

10.1.2 Os objetivos do manejo para a conservação e restauração de ecossistemas naturais devem estar descritos no plano de manejo.

10.2 O desenho e a disposição física das plantações devem promover a proteção, restauração e conservação das florestas naturais, e não aumentar as pressões sobre as mesmas. No delineamento da plantação devem ser utilizados corredores de fauna, matas ciliares e um mosaico de talhões de diferentes idades e períodos de rotação, em conformidade com a escala das operações. A escala e a disposição dos talhões de plantio devem ser consistentes com os padrões dos talhões florestais encontrados na paisagem natural.

10.2.1 Considerando as características dos remanescentes naturais presentes na unidade de manejo florestal, o EMF deve estabelecer ações favorecendo a conectividade entre os fragmentos dos ecossistemas naturais.

10.2.2 O EMF deve planejar a distribuição de talhões das plantações e a manutenção da cobertura vegetal nativa levando em consideração a disposição e o formato dos corpos d'água, bem como dos remanescentes naturais contidos na unidade de manejo florestal.

10.3 É preferível a diversidade na composição das plantações, de forma a intensificar a estabilidade econômica, ecológica e social. Tal diversidade pode incluir o tamanho e a distribuição espacial das unidades de manejo dentro da paisagem, o número e a composição genética de espécies, as classes de idade e as estruturas.

10.3.1 O manejo da plantação deve manter e/ou intensificar a diversidade da paisagem por meio da variação de tamanho e configuração dos talhões, espécies, diversidade genética, classes de idade e estrutura.

10.4 A seleção de espécies para plantio deve ser baseada na sua adequação geral ao local e na sua conformidade aos objetivos do manejo. De forma a melhorar a conservação da diversidade biológica, as espécies nativas são preferíveis às espécies exóticas no estabelecimento de plantações e na restauração de ecossistemas degradados. As espécies exóticas, que devem ser usadas somente quando seu desempenho é melhor que o das espécies nativas, devem ser cuidadosamente monitoradas para detectar anormalidades na mortalidade, nas doenças ou no aumento da população de insetos e nos impactos ecológicos adversos.

10.4.1 Quando houver atividades de recuperação de áreas degradadas em remanescentes naturais por meio de plantios, o EMF deve utilizar espécies nativas, priorizando aquelas de ocorrência natural dos remanescentes da região, resguardados aspectos de diversidade de espécies e genética.

10.4.2 O uso de espécies exóticas na recuperação de áreas degradadas fora de remanescentes naturais deve ser empregado somente quando seu desempenho for superior ao das espécies nativas, para situações pontuais tais como: restauração de áreas de mineração com processos erosivos graves, voçorocas etc. O uso deve ser cuidadosamente monitorado para controlar a regeneração natural das espécies exóticas em áreas adjacentes e outros impactos ecológicos adversos.

10.5 Uma proporção da área total de manejo florestal, apropriada à escala da plantação e a ser determinada segundo padrões regionais, deve ser manejada de forma a restaurar o local a uma cobertura florestal natural.

10.5.1 De acordo com a escala e intensidade do manejo florestal, o EMF deve planejar e implantar atividades de recuperação e/ou restauração baseadas em técnicas adequadas à situação local.

10.6 Devem ser tomadas medidas para manter e melhorar a estrutura dos solos, sua fertilidade e atividade biológica. As técnicas e taxas de colheita, construção e manutenção de estradas e caminhos, e a escolha de espécies não deverão resultar em degradação dos solos em longo prazo, ou impactos adversos na qualidade da água, quantidade ou desvio significativo nos padrões de drenagem de cursos d'água.

10.6.1 O delineamento das plantações e as práticas de manejo não devem resultar em degradação do solo.

10.6.2 Devem existir estruturas de conservação de estradas suficientes para prevenir e controlar o acúmulo de água e processos erosivos durante todo o ciclo de produção da floresta.

10.6.3 O EMF deve utilizar procedimentos de preparo de solo que eliminem o uso do fogo. Em casos excepcionais, legalmente permitidos e para os quais não existem alternativas viáveis, devem existir medidas para minimizar impactos negativos.

10.6.4 As práticas de manejo florestal não devem degradar a qualidade da água ou impactar negativamente a hidrologia local.

10.7 Devem ser tomadas medidas para prevenir e minimizar ocorrências de pragas e doenças, fogo e introdução de plantas invasoras. Manejo integrado de pragas deve ser parte essencial do plano de manejo, com a adoção preferencial de práticas de prevenção e métodos de controle biológico em lugar de pesticidas químicos e fertilizantes. O manejo das plantações deve fazer todos os esforços para deixar o uso de químicos e fertilizantes, incluindo aqueles usados em viveiros. O uso de químicos está também tratado nos Critério 6.6 e 6.7.

Nota: a otimização do uso de agrotóxicos foi tratada no indicador 6.6.1. Os indicadores 6.9.2 e 10.8.2 tratam da introdução, controle e monitoramento de espécies invasoras.

10.7.1 O EMF deve utilizar métodos de manejo integrado de pragas, doenças e mato-competição.

10.7.2 O EMF deve possuir, por conta própria ou em conjunto com outras empresas e/ou entidades, um plano de prevenção e controle de incêndios florestais.

10.7.3 Devem existir justificativas técnicas para a aplicação ou não de fertilizantes e respectivas dosagens.

10.8 O monitoramento das plantações deve incluir a avaliação regular dos impactos potenciais (dentro e fora da UMF) sociais e ecológicos (ex: regeneração natural, efeitos nos recursos hídricos e fertilidade dos solos, e impactos na qualidade de vida), de forma apropriada à escala ou à diversidade da operação, em complemento aos elementos citados nos princípios 8, 6, e 4. Nenhuma espécie poderá ser plantada em larga escala até que provas locais e/ou a experiência tenha demonstrado que elas são ecologicamente bem adaptadas aos sítios, não são invasoras e não têm impactos ecológicos negativos significativos

em outros ecossistemas. Atenção especial deve ser dada às questões sociais de aquisição de terras para plantações, especialmente a proteção de direitos locais de posse, uso ou acesso.

Nota: indicadores específicos para monitoramento e avaliação de impactos ambientais e sociais foram incluídos nos critérios 4.4, 6.1 e 8.2. Sobre o controle e monitoramento de espécies exóticas invasoras, ver também indicador 6.9.2.

10.8.1 O EMF deve demonstrar que a compra ou arrendamento de terras para o estabelecimento de plantações respeita os direitos legais de propriedade, posse, uso e acesso.

Meios de verificação: verificação de políticas e procedimentos de compra e/ou arrendamento de terras, controles da situação legal dos imóveis adquiridos/arrendados, contratos etc.; entrevistas com partes interessadas.

10.8.2 Novas espécies, nativas ou exóticas, não devem ser plantadas em escala comercial até que experimentos locais e/ou outras experiências demonstrem que estas espécies são ecologicamente adaptadas ao sítio e que características invasivas, se existentes, são passíveis de controle.

10.9 Plantações estabelecidas em área convertidas de florestas naturais depois de novembro de 1994 normalmente não devem ser qualificadas para a certificação. A certificação pode ser permitida em circunstâncias nas quais exista suficiente evidência submetida ao certificador de que o gestor/proprietário não é direta ou indiretamente responsável por tal conversão.

Nota: para conversões após 1994 ver Critério 6.10.

Meios de verificação para os indicadores do critério: relatos de vizinhos e antigos proprietários, fotos e laudos anteriores a 1994 ou do período da aquisição da terra, imagens de satélite (quando houver), documentos de compra da terra etc.

10.9.1 Plantações não devem ocupar áreas de remanescentes naturais e/ou de ecossistemas de alto valor de conservação convertidas após novembro de 1994, exceto se existirem evidências de que o atual responsável pelas operações de manejo não foi responsável por tal conversão.

10.9.2 Em casos de conversões ocorridas antes da aquisição da terra, mas após novembro de 1994, o EMF deve apresentar evidências de que não foi responsável por tais conversões.

Anexo 1: Listas oficiais de espécies ameaçadas no Brasil

a) Fauna:

- Instrução Normativa MMA nº 03, de 27 de maio de 2003 - Lista Oficial das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (considerando apenas os seguintes grupos de animais: anfíbios, aves, invertebrados terrestres, mamíferos e répteis).

Anfíbios

Amphibia

Anura

Bufonidae

Melanophryniscus dorsalis
(Mertens, 1933)

Nome popular: Flamenguinho, sapinho-de-barriga-vermelha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RS, SC

Melanophryniscus macrogranulosus (Braun, 1973)

Nome popular: sapinho-narigudo-de-barriga-vermelha
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RS

Hylidae

Hyla cymbalum

(Bokermann, 1963)

Nome popular: Perereca

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: SP

Hyla izecksohni

(Jim & Caramaschi, 1979)

Nome popular: Perereca

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: SP

Hylomantis granulosa

(Cruz, 1988)

Nome popular: Perereca-verde

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: PE

Phrynomedusa fimbriata

(Miranda-Ribeiro, 1923)

Nome popular: Perereca

Categoria de ameaça: Extinta

UF: SP

Phyllomedusa ayeaye

(B. Lutz, 1966)

Nome popular: Perereca-de-folhagem-com-perna-reticulada

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: MG

Scinax alcatraz

(B. Lutz, 1973)

Nome popular: perereca

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: SP

Leptodactylidae

Adelophryne baturitensis

(Hoogmoed, Borges & Cascon, 1994)

Nome popular: rãzinha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: CE

Adelophryne maranguapensis (Hoogmoed, Borges & Cascon, 1994)

Nome popular: rãzinha

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: CE

Holoaden bradei

(B. Lutz, 1958)

Nome popular: sapinho

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: MG, RJ

Odontophrynus moratoi

(Jim & Caramaschi, 1980)

Nome popular: sapinho

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: SP

Paratelmatobius lutzii

(Lutz & Carvalho, 1958)

Nome popular: rãzinha

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
 UF: MG
Physalaemus soaresi
 (Izecksohn, 1965)
 Nome popular: rãzinha
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: RJ
Thoropa lutzi
 (Cochran, 1938)
 Nome popular: rãzinha
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: ES, MG, RJ
Thoropa petropolitana
 (Wandolleck, 1907)
 Nome popular: rãzinha
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: ES, RJ

Aves

Aves

Anseriformes

Anatidae

Mergus octosetaceus
 (Vieillot, 1817)
 Nome popular: Pato-mergulhão
 Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
 UF: BA, GO, MG, PR, RJ, SC, SP, TO

Apodiformes

Trochilidae

Glaucis dohrnii
 (Bourcier & Mulsant, 1852)
 Nome popular: Balança-rabo-canela
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: BA, ES
Phaethornis margarettae
 (Ruschi, 1972)
 Nome popular: Besourão-de-bico-grande
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: BA, ES, PE
Phaethornis ochraceiventris camargoi
 (Grantsau, 1988)
 Nome popular: Besourão-de-bico-grande
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: AL, PE
Popelaria langsdorffi langsdorffi
 (Temminck, 1821)
 Nome popular: Rabo-de-espinho
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: BA, ES, RJ
Thalurania watertonii
 (Bourcier, 1847)
 Nome popular: Beija-flor-das-costas-violetas
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: AL, BA, PE, SE

Caprimulgiformes

Caprimulgidae

Caprimulgus candicans

		(Pelzeln, 1867) Nome popular: Bacurau-de-rabo-branco Categoria de ameaça: Em perigo UF: ES, MT, SP
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus atlanticus</i> (Olrog, 1958) Nome popular: Gaivota-de-rabo-preto Categoria de ameaça: Vulnerável UF: RS
	Scolopacidae	<i>Thalasseus maximus</i> (Boddaert, 1783) Nome popular: Trinta-réis-real Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AL, AM, AP, BA, CE, ES, MA, PA, PB, PE, PR, RJ, RN, RS, SE, SC, SP
		<i>Numenius borealis</i> (Forster, 1772) Nome popular: Maçarico-esquimó Categoria de ameaça: Extinta UF: AM, MT, SP
Ciconiiformes	Ardeidae	<i>Tigrisoma fasciatum</i> (Such, 1825) Nome popular: Socó-jararaca Categoria de ameaça: Em perigo UF: GO, MT, PR, RS, SC, SP
Columbiformes	Columbidae	<i>Claravis godefrida</i> (Temminck, 1811) Nome popular: Pararu Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: BA, ES, MG, PR, RJ, SC, SP
		<i>Columbina cyanopsis</i> (Pelzeln, 1870) Nome popular: Rolinha-do-planalto Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: GO, MS, MT, SP
Coraciiformes	Momotidae	<i>Momotus momota marcgraviana</i> (Pinto & Camargo, 1961) Nome popular: Udu-de-coroa-azul-do-nordeste Categoria de ameaça: Em perigo UF: AL, PB, PE
	Picidae	<i>Celeus torquatus tinnunculus</i> (Wagler, 1829) Nome popular: Pica-pau-de-coleira-do-sudeste Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, MG
Dryocopus galeatus
(Temminck, 1822)
Nome popular: Pica-pau-de-cara-amarela
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: PR, RS, SC, SP
Piculus chrysochloros polyzonus
(Valenciennes, 1826)
Nome popular: Pica-pau-dourado-escuro-do-sudeste
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: ES, RJ
Picumnus exilis pernambucensis
(Zimmer, 1947)
Nome popular: Pica-pau-anão-dourado
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, PB, PE
Picumnus limae
(Snethlage, 1924)
Nome popular: Pica-pau-anão-da-caatinga
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: CE

Ramphastidae

Pteroglossus bitorquatus bitorquatus
(Vigors, 1826)
Nome popular: Araçari-de-pescoço-vermelho
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MA, PA

Cuculiformes

Cuculidae

Neomorphus geoffroyi dulcis
(Snethlage, 1927)
Nome popular: Jacu-estalo
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: ES, MG, RJ

Falconiformes

Accipitridae

Circus cinereus
(Vieillot, 1816)
Nome popular: Gavião-cinza
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS, SC

Acciptridae

Harpyhaliaetus coronatus
(Vieillot, 1817)
Nome popular: Águia-cinzenta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, DF, GO, MA, MG, MT, PA, PR, RJ, RS, SC, SP, TO
Leucopternis lacernulata
(Temminck, 1827)
Nome popular: Gavião-pombo-pequeno
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, BA, MG, PB, PR, SC, SP

Galliformes

Cracidae

Crax blumenbachii

(Spix, 1825)

Nome popular: Mutum-do-sudeste

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, ES, MG, RJ

Crax fasciolata pinima

(Pelzeln, 1870)

Nome popular: Mutum-de-penacho

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: MA, PA

Mitu mitu

(Linnaeus, 1766)

Nome popular: Mutum-de-Alagoas

Categoria de ameaça: Extinta na natureza

UF: AL, PE

Penelope jacucaca

(Spix, 1825)

Nome popular: Jacucaca

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, BA, MG, PB, PE, PI

Penelope ochrogaster

(Pelzeln, 1870)

Nome popular: Jacu-de-barriga-vermelha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: MG, MT, TO

Penelope superciliaris alagoensis

(Nardelli, 1993)

Nome popular: Jacu-de-Alagoas

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, PB, PE

Pipile jacutinga

(Spix, 1825)

Nome popular: Jacutinga

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, PR, RJ, RS, SC, SP

Phasianidae

Odontophorus capueira plumbeicollis

(Cory, 1915)

Nome popular: Uru-do-nordeste

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, CE, PB, PE

Gruiformes

Psophiidae

Psophia viridis obscura

(Pelzeln, 1857)

Nome popular: Jacamim-de-costas-verdes

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: MA, PA

Rallidae

Porzana spiloptera

(Durnford, 1877)

Nome popular: Sanã-cinza

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RS

Passeriformes

Conopophagidae

Conopophaga lineata cearae

(Cory, 1916)

Nome popular: Cuspidor-do-nordeste
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, BA, CE, PB, PE

Conopophaga melanops nigrifrons
(Pinto, 1954)
Nome popular: Chupa-dente-de-máscara
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, PA, PB

Cotingidae

Calyptura cristata
(Vieillot, 1818)
Nome popular: Tietê-de-coroa, anambé-mirim
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ

Carpornis melanocephalus
(Wied, 1820)
Nome popular: Cochó, sabiá-pimenta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, BA, ES, PR, RJ

Cotinga maculata
(Statius Muller, 1776)
Nome popular: Crejoá, cotinga-crejoá
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: BA, ES, MG, RJ

Iodopleura pipra leucopygia
(Salvin, 1885)
Nome popular: Anambezinho, anambé-de-crista
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: AL, PB, PE

Procnias averano averano
(Hermann, 1783)
Nome popular: Araponga-de-barbela
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, TO

Tijuca condita
(Snow, 1980)
Nome popular: Saudade-de-asa-cinza
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RJ

Xipholena atropurpurea
(Wied, 1820)
Nome popular: Anambé-de-asa-branca
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: AL, BA, ES, PB, PE, RJ, SE

Dendrocolaptidae

Dendrexetastes rufigula paraensis
(Lorenz, 1895)
Nome popular: Arapaçu-canela-de-Belém
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: PA

Dendrocincla fuliginosa taunayi
(Pinto, 1939)
Nome popular: Arapaçu-pardo-do-nordeste
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: AL, PE

Dendrocincla fuliginosa trumai
(Sick, 1950)

Nome popular: Arapaçu-pardo-do-xingu

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: MT

Dendrocincla merula badia

(Zimmer, 1934)

Nome popular: Arapaçu-da-taoca-maranhense

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: MA, PA

Dendrocolaptes certhia medius

(Todd, 1920)

Nome popular: Arapaçu-barrado-do-nordeste

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, MA, PA, PE

Drymornis bridgesii

(Eyton, 1849)

Nome popular: Arapaçu-platino

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: RS

Lepidocolaptes wagleri

(Spix, 1824)

Nome popular: Arapaçu-escamado-de-Wagler

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, MG, PI

Xiphocolaptes falcirostris

(Spix, 1824)

Nome popular: Arapaçu-do-nordeste

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, CE, MA, MG, PB, PE, PI

Xiphorhynchus fuscus atlanticus

(Cory, 1916)

Nome popular: Arapaçu-de-garganta-amarela-do-nordeste

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, CE, PB, PE

Emberizidae

Caryothraustes canadensis frontalis

(Hellmayr, 1905)

Nome popular: Furriel-do-nordeste

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, CE, PE

Coryphas piza melanotis

(Temminck, 1822)

Nome popular: Tico-tico-do-campo

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: DF, GO, MG, MS, MT, PA, PR, SP

Curaeus forbesi

(Sclater, 1886)

Nome popular: Anumará

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, MG, PE

Gubernatrix cristata

(Vieillot, 1817)

Nome popular: Cardeal-amarelo

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: RS

Oryzoborus maximiliani

(Cabanis, 1851)

Nome popular: Bicudo, bicudo-verdadeiro

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: AL, AM, BA, DF, ES, GO, MG, MT, PA, RJ, RO, SP

Sporophila cinnamomea

(Lafresnaye, 1839)

Nome popular: Caboclinho-de-chapéu-cinzento

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: GO, MG, MS, PR, RS, SP

Sporophila falcirostris

(Temminck, 1820)

Nome popular: Cigarra-verdadeira

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, MG, PR, RJ, SP

Sporophila frontalis

(Verreaux, 1869)

Nome popular: Pixoxó, chanchão

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: ES, MG, PR, RJ, RS, SC, SP

Sporophila melanogaster

(Pelzeln, 1870)

Nome popular: Caboclinho-de-barriga-preta

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: GO, MG, PR, RS, SC, SP

Sporophila nigrorufa

(d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Nome popular: Caboclinho-do-sertão

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: MS, MT

Sporophila palustris

(Barrows, 1883)

Nome popular: Caboclinho-de-papo-branco

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, GO, MG, MS, MT, RS, SP

Tangara cyanocephala cearensis

(Cory, 1916)

Nome popular: Soldadinho

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: CE

Tangara cyanocephala corallina

(Berlepsch, 1903)

Nome popular: Saíra-de-lenço, soldadinho

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, PE

Tangara fastuosa

(Lesson, 1831)

Nome popular: Pintor-verdadeiro

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, PB, PE, RN

Xanthopsar flavus

(Gmelin, 1788)

Nome popular: Veste-amarela

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RS, SC

Formicariidae

Grallaria varia intercedens

(Berlepsch & Leverkühn, 1890)

Nome popular: Tovacuçu-malhado

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, PE

Fringillidae

Motacillidae

Anthus nattereri
(Sclater, 1878)
Nome popular: Caminheiro-grande
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG, PR, RS, SC, SP

Muscicapidae

Cichlopsis leucogenys leucogenys (Cabanis, 1851)
Nome popular: Sabiá-castanho
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: BA, ES

Pipridae

Antilophia bokermanni
(Coelho & Silva, 1998)
Nome popular: Soldadinho-do-araripe, lavadeira-da-mata
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: CE

Piprites pileatus
(Temminck, 1822)
Nome popular: Caneleirinho-de-chapéu-preto, caneleirinho-de-boné-preto
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG, PR, RJ, RS, SC, SP

Schiffornis turdinus intermedius
(Pinto, 1954)
Nome popular: Flautim-marrom
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AL, PB, PE

Rhinocryptidae

Merulaxis stresemanni
(Sick, 1960)
Nome popular: Entufado-baiano, bigodudo-baiano
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA

Scytalopus iraiensis
(Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998)
Nome popular: Macuquinho-do-brejo
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: PR, RS

Thamnophilidae

Biatas nigropectus
(Lafresnaye, 1850)
Nome popular: Papo-branco
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG, PR, RJ, SC, SP

Cercomacra ferdinandi
(Snethlage, 1928)
Nome popular: Chororó-tocantinense
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: TO

Cercomacra laeta sabinoi
(Pinto, 1939)
Nome popular: Chororó-didi

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, PE

Formicivora erythronotos

(Hartlaub, 1852)

Nome popular: Formigueiro-de-cabeça-negra,
papa-formigas-de-cabeça-negra

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: RJ

Formicivora littoralis

(Gonzaga & Pacheco, 1990)

Nome popular: Formigueiro-do-litoral, com-com
(Cabo Frio)

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: RJ

Herpsilochmus pectoralis

(Sclater, 1857)

Nome popular: Chorozinho-de-papo-preto

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, MA, RN, SE

Herpsilochmus pileatus

(Lichtenstein, 1823)

Nome popular: Chorozinho-da-Bahia Categoria
de ameaça: Vulnerável

UF: BA

Myrmeciza ruficauda

(Wied, 1831)

Nome popular: Formigueiro-de-cauda-ruiva

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, BA, ES, MG, PB, PE

Myrmotherula minor

(Salvadori, 1864)

Nome popular: Choquinha-pequena Categoria

de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, MG, RJ, SC, SP

Myrmotherula snowi

(Teixeira & Gonzaga, 1985)

Nome popular: Choquinha-de-Alagoas

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: AL, PE

Myrmotherula urosticta

(Sclater, 1857)

Nome popular: Choquinha-de-rabo-cintado

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, MG, RJ

Phlegopsis nigromaculata paraensis

(Hellmayr, 1904)

Nome popular: Mãe-de-taoca-pintada

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: MA, PA

Pyriglena atra

(Swainson, 1825)

Nome popular: Olho-de-fogo-rendado, papa-
taoca-da-bahia

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, SE

Pyriglena leuconota pernambucensis

(Zimmer, 1931)

Nome popular: Papa-taoca

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, PE

Rhopornis ardesiaca

(Wied, 1831)

Nome popular: Gravatazeiro

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, MG

Stymphalornis acutirostris

(Bornschein, Reinert & Teixeira, 1995)

Nome popular: Bicudinho-do-brejo

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: PR, SC

Terenura sicki

(Teixeira & Gonzaga, 1983)

Nome popular: Zidedê-do-nordeste

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, PE

Thamnophilus aethiops distans

(Pinto, 1954)

Nome popular: Choca-lisa-do-nordeste

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, PE

Thamnophilus caerulescens cearensis

(Cory, 1919)

Nome popular: Choca-da-mata-de-Baturité

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: CE

Thamnophilus caerulescens pernambucensis
(Naumburg, 1937)

Nome popular: Choca-da-mata-do-nordeste

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, PE

Thraupidae

Nemosia rourei

(Cabanis, 1870)

Nome popular: Saíra-apunhalada

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: ES

Tyrannidae

Alectrurus tricolor

(Vieillot, 1816)

Nome popular: Galito

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: DF, ES, GO, MG, MS, PR, SP

Culicivora caudacuta

(Vieillot, 1818)

Nome popular: Maria-do-campo, papa-moscas-do-campo

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, DF, GO, MA, MG, MS, MT, PR, SP, TO

Elaenia ridleyana

(Sharpe, 1888)

Nome popular: Cocoruta

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PE

Hemitriccus kaempferi

(Zimmer, 1953)

Nome popular: Maria-catarinense

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: PR, SC

Hemitriccus mirandae

(Snethlage, 1925)

Nome popular: Maria-do-nordeste

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, CE, PB, PE

Phylloscartes beckeri

(Gonzaga & Pacheco, 1995)

Nome popular: Borboletinha-baiano

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA

Phylloscartes ceciliae

(Teixeira, 1987)

Nome popular: Cara-pintada

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, PE

Phylloscartes kronei

(Willis & Oniki, 1992)

Nome popular: Maria-da-restinga

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PR, RS, SC, SP

Phylloscartes roquettei

(Snethlage, 1928)

Nome popular: Cara-dourada

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: MG

Platyrinchus mystaceus niveigularis

(Pinto, 1954)

Nome popular: Patinho-do-nordeste

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, PB, PE

Polystictus pectoralis pectoralis

(Vieillot, 1817)

Nome popular: Tricolino-canela, papa-moscas-canela

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: GO, MS, MT, PR, RS, SP

Vireonidae

Vireo gracilirostris

(Sharpe, 1890)

Nome popular: Juruviara-de-noronha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PE

Pelecaniformes

Fregatidae

Fregata ariel

(Gray, 1845)

Nome popular: Tesourão-pequeno

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: ES

Fregata minor

(Gmelin, 1789)

Nome popular: Tesourão-grande

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: ES

Phaethontidae

Phaethon aethereus

(Linnaeus, 1758)
Nome popular: Rabo-de-palha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, PE

Phaethon lepturus

(Daudin, 1802)

Nome popular: Rabo-de-palha-de-bico-laranja

Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, PE

Procellariiformes

Diomedeidae

Diomedea dabbenena

(Mathews, 1929)

Nome popular: Albatroz-de-Tristão, albatroz-de-Gough

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: RS, SC, SP

Diomedea epomophora

(Lesson, 1825)

Nome popular: Albatroz-real, albatroz-real-meridional

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RJ, RS, SC

Diomedea exulans

(Linnaeus, 1758)

Nome popular: Albatroz-viajeiro, albatroz-errante

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RJ, RS, SC, SP

Diomedea sanfordi

(Murphy, 1917)

Nome popular: Albatroz-real-setentrional

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: RS, SC

Thalassarche chlororhynchos

(Gmelin, 1789)

Nome popular: Albatroz-de-nariz-amarelo

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RJ, RS, SC, SP

Thalassarche melanophris

(Temminck, 1828)

Nome popular: Albatroz-de-sobrancelha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PR, RJ, RS, SC, SP

Procellariidae

Procellaria aequinoctialis

(Linnaeus, 1758)

Nome popular: Pardela-preta, pretinha, patinha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, PR, RJ, RS, SC, SP

Procellaria conspicillata

(Gould, 1844)

Nome popular: Pardela-de-óculos

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, ES, RJ, RS, SC, SP

Pterodroma arminjoniana

(Giglioli & Salvatori, 1869)

Nome popular: Pardela-da-Trindade

Psittaciformes

Psittacidae

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF:

Pterodroma incerta

(Schlegel, 1863)

Nome popular: Fura-buxo-de-capuz

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PR, RJ, RS, SC, SP

Puffinus lherminieri

(Lesson, 1839)

Nome popular: Pardela-de-asa-larga

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: ES, PE

Amazona brasiliensis

(Linnaeus, 1766)

Nome popular: Papagaio-da-cara-roxa;
chauá

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PR, SC, SP

Amazona pretrei

(Temminck, 1830)

Nome popular: Papagaio-charão

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RS, SC

Amazona rhodocorytha

(Salvadori, 1890)

Nome popular: Chauá

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: AL, BA, ES, MG, RJ, SP

Amazona vinacea

(Kuhl, 1820)

Nome popular: Papagaio-de-peito-roxo

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, MG, PR, RJ, RS, SC, SP

Anodorhynchus glaucus

(Vieillot, 1816)

Nome popular: Arara-azul-pequena

Categoria de ameaça: Extinta

UF: MS, PR, RS, SC

Anodorhynchus hyacinthinus

(Latham, 1790)

Nome popular: Arara-azul-grande

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AP, BA, GO, MA, MG, MS, MT, PA,
PI, SP, TO

Anodorhynchus leari

(Bonaparte, 1856)

Nome popular: Arara-azul-de-lear

Categoria de ameaça: Criticamente em
perigo

UF: BA

Cyanopsitta spixii

(Wagler, 1832)

Nome popular: Ararinha-azul

Categoria de ameaça: Extinta na natureza

UF: BA, MA, PE, PI, TO

Guaruba guarouba

(Gmelin, 1788)

Nome popular: Ararajuba
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: AM, MA, PA
Pyrrhura anaca
 (Gmelin, 1788)
 Nome popular: Cara-suja
 Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
 UF: AL, CE, PE
Pyrrhura cruentata
 (Wied, 1820)
 Nome popular: Fura-mato
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: BA, ES, MG, RJ
Pyrrhura lepida coerulescens
 (Neumann, 1927)
 Nome popular: Tiriba-pérola
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: MA
Pyrrhura lepida lepida
 (Wagler, 1832)
 Nome popular: Tiriba-pérola
 Categoria de ameaça: Em perigo
 UF: MA, PA
Pyrrhura leucotis
 (Kuhl, 1820)
 Nome popular: Tiriba-de-orelha-branca
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: BA, ES, MG, RJ
Pyrrhura pfrimeri
 (Miranda-Ribeiro, 1920)
 Nome popular: Tiriba-de-orelha-branca
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: GO, TO
Touit melanonota
 (Wied, 1820)
 Nome popular: Apuim-de-cauda-vermelha
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: BA, ES, RJ, SP

Tinamiformes

Tinamidae

Crypturellus noctivagus noctivagus
 (Wied, 1820)
 Nome popular: Jaó
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: BA, ES, MG, PR, RJ, RS, SC, SP
Nothura minor
 (Spix, 1825)
 Nome popular: Codorna, Codornaburaqueira
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: DF, GO, MG, MS, MT, SP
Taoniscus nanus
 (Temminck, 1815)
 Nome popular: Inhambú-carapé
 Categoria de ameaça: Vulnerável
 UF: DF, GO, MG, PR, SP, TO

Anthozoa

Actiniaria

Actiniidae

Condylactis gigantea (Weiland, 1860)
Nome popular: Anêmona-do-mar
UF: RJ, SP

Ceriantharia

Ceriantharidae

Cerianthomorpha brasiliensis Carlgreen, 1931

Nome popular: --

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE, SP

Cerianthus brasiliensis Melo-Leitão, 1919

Nome popular: --

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE, SP

Gorgonacea

Gorgoniidae

Phyllogorgia dilatata (Esper, 1806)

Nome popular: Orelha-de-elefante

UF: PE, RJ, SP

Asteroidea

Forcipulatida

Asterinidae

Coscinasterias tenuispina (Lamarck, 1816)

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE

Paxillosida

Astropectinidae

Astropecten brasiliensis Müller & Troschel, 1842

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: PR, RJ, RS, SC, SP

Astropecten cingulatus Sladen, 1889

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE

Astropecten marginatus Gray, 1840

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE, SP

Luidiidae

Luidia clathrata (Say, 1825)

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE

Luidia ludwigi scotti Bell, 1917

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE

Luidia senegalensis (Lamarck, 1816)

Nome popular: Estrela-do-mar

UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN,

	Spinulosida		SE
		Echinasteridae	<p><i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i> Müller & Troschel, 1842 Nome popular: Estrela-do-mar UF: PR, RJ, SC, SP</p> <p><i>Echinaster (Othilia) echinophorus</i> Lamarck, 1816 Nome popular: Estrela-do-mar UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE</p> <p><i>Echinaster (Othilia) guyanensis</i> Clark, 1987 Nome popular: Estrela-do-mar UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RN, SE</p>
	Valvatida	Asterinidae	<p><i>Asterina stellifera</i> (Möbius, 1859) Nome popular: Estrela-do-mar UF: PR, RJ, RS, SC, SP</p>
		Ophiodiasteridae	<p><i>Linckia guildingii</i> Gray, 1840 Nome popular: Estrela-do-mar UF: RJ</p> <p><i>Narcissia trigonaria</i> Sladen, 1889 Nome popular: Estrela-do-mar UF: BA, RJ</p>
		Oreasteridae	<p><i>Oreaster reticulatus</i> (Linnaeus, 1758) Nome popular: Estrela-do-mar UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, PR, RJ, RN, RS, SE, SC, SP</p>
Bivalvia	Unionoida	Hyriidae	<p><i>Castalia undosa</i> Martens, 1827 Nome popular: Concha-borboleta UF: MG, SP</p> <p><i>Diplodon caipira</i> (Ihering, 1893) Nome popular: Marisco-de-água-doce UF: SP</p> <p><i>Diplodon dunkerianus</i> Lea, 1856 Nome popular: Marisco-de-água-doce UF: RJ</p> <p><i>Diplodon expansus</i> Küster, 1856 Nome popular: -- UF: PR, RJ, RS, SC, SP</p> <p><i>Diplodon fontainianus</i> (Orbigny, 1835) Nome popular: -- UF: ES, RJ, SP, PR</p> <p><i>Diplodon greeffeanus</i> Ihering, 1893 Nome popular: Marisco-de-água-doce UF: SP</p> <p><i>Diplodon iheringi</i> Simpson, 1900 Nome popular: Marisco-barrigudinho UF: RS</p>

Mycetopodidae

Diplodon koseritzi Clessin, 1888

Nome popular: Marisco-do-junco

UF: RS

Diplodon martensi Ihering, 1893

Nome popular: Marisco-de-água-doce

UF: PR, RS, SC, SP

Diplodon pfeifferi Dunker, 1848

Nome popular: Marisco-de-água-doce

UF: RJ

Diplodon rotundus Wagner, 1827

Nome popular: Concha-disco

UF: BA, MG, SP

Anodontites elongates Swainson, 1823

Nome popular: Marisco-pantaneiro

UF: AC, AM, MS, MT, PA, RJ

Anodontites ensiformis Spix, 1827

Nome popular: Estilete

UF: AC, AM, MS, MT, PA, RO, RS

Anodontites ferrarisii Orbigny, 1835

Nome popular: Redondo-rajado

UF: RS

Anodontites iheringi Clessin, 1882

Nome popular: Alongado-rajado

UF: RS

Anodontites soleniformes Orbigny, 1835

Nome popular: Marisco-de-água-doce

UF: AM, BA, GO, MG, PA, SP

Anodontites tenebricosus Lea, 1834

Nome popular: Marisco-rim

UF: PR, RS, SC, SP

Anodontites trapesialis Lamarck, 1819

Nome popular: Prato, saboneteira

UF: AC, AL, AM, BA, CE, ES, GO, MA,

MG, MS, MT, PA, PB, PE, PI, PR, RR,

RS, SE, SC, SP, TO

Anodontites trapezeus pix, 1827

Nome popular: Marisco-de-água-doce

UF: MG, SP

Bartlettia stefanensis Maicand, 1856

Nome popular: Ostra-de-rio

UF: MS, MT

Fossula fossiculifera Grbigny, 1835

Nome popular: Fóssula

UF: BA, MS, MT, PR, RS, SP

Leila blainvilliana Lea, 1834

Nome popular: Leila

UF: RS

Leila esula Grbigny, 1835

Nome popular: Leila

UF: AM, GO, MT, PA, TO

Monocondylaea paraguayana Orbigny, 1835

Nome popular: Cofrinho

UF: MS, MT, PR, RS, SP

Mycetopoda legumen Martens, 1888

Nome popular: Faquinha-arredondada

UF: RS

Mycetopoda siliquosa Spix, 1827

Nome popular: Faquinha-truncada
UF: AC, AL, AM, AP, BA, CE, DF, ES,
GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PI,
PR, RJ, RN,RO, RR, RS, SE, SC, SP,
TO

Demospongiae

Hadromerida

Potamolepidae

Oncosclera jewelli (Volkmer, 1963)

Nome popular: Feltro-d'água

UF: RS

Uruguay corallioides (Bowerbank,
1863)

Nome popular: --

UF: SP,PR,SC,RS

Sterrastrolepis brasiliensis Volkmer-
Ribeiro & De Rosa-Barbosa, 1978

Nome popular: --

UF: GO,PR

Haplosclerida

Spongillidae

Anheteromeyenia ornata (Bonetto &
Ezcurra de Drago, 1970)

Nome popular: Geléia-de-água

UF: AM,RS

Corvoheteromeyenia australis (Bonetto
& Ezcurra de Drago, 1966)

Nome popular: --

UF: RS

Corvoheteromeyenia heterosclera
Ezcurra de Drago, 1974

Nome popular: --

UF: MA,RS

Corvospongilla volkmeri De Rosa-
Barbosa, 1988

Nome popular: --

UF: PB

Heteromeyenia insignis Weltner, 1895

Nome popular: --

UF: RS

Houssayella iguazuensis Bonetto &
Ezcurra de Drago, 1966

Nome popular: --

UF: SC, RS

Racekiela sheilae Volkmer-Ribeiro, De
Rosa-Barbosa & Tavares, 1988

Nome popular: --

UF: RS

Poecilosclerida

Metaniidae

Metania kiliani Volkmer-Ribeiro & Costa,
1992

Nome popular: --

UF: AM

Echinoidea

Cassiduloidea

		Cassidulidae	<i>Cassidulus mitis</i> Krau, 1954 Nome popular: Ouriço-do-mar-irregular UF: RJ
	Cidaroida	Cidaridae	<i>Eucidaris tribuloides</i> (Lamarck, 1816) Nome popular: Ouriço-satélite UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, SE, SP
	Echinoida	Echinidae	<i>Paracentrotus gaimardi</i> (Blainville, 1825) Nome popular: Ouriço-do-mar UF: ES, PR, RJ, SC, SP
Enteropneusta		Spengelidae	<i>Willeya loya</i> Petersen, 1965 Nome popular: -- UF: SP
Gastropoda	Mesogastropoda	Hydrobiidae	<i>Potamolithus troglobius</i> Simone & Miracchioli, 1994 Nome popular: -- UF: SP
		Naticidae	<i>Natica micra</i> (Haas, 1953) Nome popular: Búzio UF: RJ
		Strombidae	<i>Strombus goliath</i> Schoter, 1805 Nome popular: Búzio-de-chapéu UF: BA, CE, ES, PB, RN
		Vermetidae	<i>Petalococonchus myrakeenae</i> Absalão & Rios, 1987 Nome popular: -- UF: RJ
Holothuroidea	Apodida	Synaptidae	<i>Synaptula secreta</i> Ancona-Lopez, 1957 Nome popular: Pepino-do-mar UF: SP
	Aspidochirotida	Stichopodidae	<i>Isostichopus badionotus</i> (Selenka, 1867) Nome popular: Pepino-do-mar, holotúria UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, PR, RJ, RN, SE, SC, SP

Hydrozoa

Capitata

Milleporidae

Millepora alcicornis Linnaeus, 1758
Nome popular: Coral-de-fogo
UF: RJ, SP

Malacostraca

Amphipoda

Hyaellidae

Hyaella caeca Pereira, 1989
Nome popular: --
UF: SP

Decapoda

Aeglidae

Aegla cavernicola Turkey, 1972
Nome popular: --
UF: SP
Aegla leptochela Bond-Buckup & Buckup, 1994
Nome popular: --
UF: SP
Aegla microphtalma Bond-Buckup & Buckup, 1994
Nome popular: --
UF: SP

Atyidae

Atya gabonensis Giebel, 1875
Nome popular: Coruca
UF: AL, PI, SE
Atya scabra (Leach, 1815)
Nome popular: Coruca
UF: PE, RJ, SC, AL, BA, ES, SP, CE, PR, SE

Gecarcinidae

Gecarcinus lagostoma Milne-Edwards, 1835
Nome popular: Caranguejo-ladrão
UF: F. Noronha, Rocas, Trindade

Grapsidae

Percnon gibbesi Milne-Edwards, 1853
Nome popular: --
UF: PE

Palaemonidae

Macrobrachium carcinus (Linnaeus, 1758)
Nome popular: Pitú, Lagosta-de-água-doce, Lagosta-de-São-Fidelis
UF: PE, RJ, SC, AL, BA, ES, PA, PI, RS, SP, CE, SE

Porcellanidae

Minyocerus angustus (Dana, 1852)
Nome popular: --
UF: AL, BA, CD, ES, MA, PA, PB, PE, PI, PR, RJ, RN, SE, SP, SC

Polychaeta

Amphinomida

Amphinomidae

Eurythoe complanata (Pallas, 1766)
Nome popular: Verme-de-fogo
UF: BA, PR, RJ, SP

Eunicida

Eunicidae

Eunice sebastiani Nonato, 1965
Nome popular: --
UF: SP

Onuphidae

Diopatra cuprea (Bosc, 1802)
Nome popular: --
UF: PE, RJ, SC, SP

Invertebrados Terrestres

Arachnida

Amblypygi

Charinidae

Charinus troglobius
(Baptista & Giupponi, 2003)
Nome popular: Aranha-chicote
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA

Araneae

Araneidae

Taczanowskia trilobata
(Simon, 1895)
Nome popular: Aranha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: PA

Corinnidae

landuba caxixe
(Bonaldo, 1997)
Nome popular: Aranha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

landuba patua
(Bonaldo, 1997)
Nome popular: Aranha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

landuba paubrasil
(Bonaldo, 1997)
Nome popular: Aranha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

landuba vatapa
(Bonaldo, 1997)
Nome popular: Aranha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

Ctenidae

		<i>Phoneutria bahiensis</i> (Simó & Brescovit , 2001) Nome popular: Aranha-armadeira Categoria de ameaça: Vulnerável UF: BA
	Eresidae	<i>Stegodyphus manus</i> (Kraus & Kraus, 1992) Nome popular: não tem Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AM
	Symphytognathidae	<i>Anapistula guyri</i> (Rheims & Brescovit, 2003) Nome popular: Aranha-de-solo Categoria de ameaça: Vulnerável UF: GO
Opiliones	Gonyleptidae	<i>Giupponia chagasi</i> (Pérez & Kury, 2002) Nome popular: Opilião Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: BA
		<i>landumoema uai</i> (Pinto-da-Rocha, 1996) Nome popular: Opilião Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: MG
		<i>Pachylospeleus strinatii</i> (Silhavy, 1974) Nome popular: Opilião Categoria de ameaça: Vulnerável UF: SP
	Minuidae	<i>Spaeleoleptes spaeleusa</i> (H. Soares, 1966) Nome popular: Opilião Categoria de ameaça: Em perigo UF: MG
Pseudoscorpiones	Chernetidae	<i>Maxchernes iporangae</i> (Mahnert & Andrade, 1998) Nome popular: Pseudoescorpião Categoria de ameaça: Em perigo UF: SP
	Chthoniidae	<i>Pseudochthonius strinatii</i> (Beier, 1969) Nome popular: Pseudoescorpião Categoria de ameaça: Vulnerável UF: SP
Diplopoda	Polydesmida	
	Chelodesmidae	

		<p><i>Leodesmus yporangae</i> (Schubart, 1946) Nome popular: Gongolo, piolho-de-cobra Categoria de ameaça: Vulnerável UF: SP</p>
	Cryptodesmidae	<p><i>Peridontodesmella alba</i> (Schubart, 1957) Nome popular: Gongolo, Piolho-de-cobra Categoria de ameaça: Vulnerável UF: SP</p>
	Pyrgodesmidae	<p><i>Yporangiella stygius</i> (Schubart, 1946) Nome popular: Piolho-de-cobra Categoria de ameaça: Vulnerável UF: SP</p>
	Rhinocrichidae	<p><i>Rhinocricus padbergi</i> (Verhoeff, 1938) Nome popular: Gongolo-gigante Categoria de ameaça: Vulnerável UF: RJ</p>
Gastropoda	Stylommatophora	
	Bulimulidae	<p><i>Tomigerus (Biotocus) turbinatus</i> (Pfeiffer, 1845) Nome popular: Caracol Categoria de ameaça: Vulnerável UF: BA</p> <p><i>Tomigerus (Digerus) gibberulus</i> (Burroco, 1815) Nome popular: Caracol Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AL, PE</p>
	Megalobulimidae	<p><i>Megalobulimus cardosoi</i> (Morretes, 1952) Nome popular: Aruá-do-mato Categoria de ameaça: Em perigo UF: AL, PE</p> <p><i>Megalobulimus grandis</i> (Martens, 1885) Nome popular: Aruá-do-mato; aruá-gigante; caracol-gigante Categoria de ameaça: Em perigo UF: SP</p> <p><i>Megalobulimus lopesi</i> (Leme, 1989) Nome popular: Caracol-gigante-da-Boracéia Categoria de ameaça: Em perigo UF: SP</p> <p><i>Megalobulimus parafragilior</i> (Leme & Indrusiak, 1990)</p>

Nome popular: Caracol-gigante
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: SP
Megalobulimus proclivis
(Martens, 1888)
Nome popular: Aruá-alongado
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RS

Streptaxidae

Rectartemon depressus
(Heynemann, 1868)
Nome popular: Caracol
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS

Strophocheilidae

Gonyostomus henseli
(Martens, 1868)
Nome popular: Caracol
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS

Gonyostomus insularis
(Leme, 1974)
Nome popular: Caracol-da-ilha
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: SP

Mirinaba curytibana
(Morretes, 1952)
Nome popular: Caracol
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: PR

Insecta

Collembola

Arrhopalitidae

Arrhopalites amorimi
(Palacios-Vargas & Zeppelini, 1995)
Nome popular: Colembolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SP

Arrhopalites gnaspinius
(Palacios-Vargas & Zeppelini, 1995)
Nome popular: Colembolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SP

Arrhopalites lawrencei
(Palacios-Vargas & Zeppelini, 1995)
Nome popular: Colembolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: DF, SP

Arrhopalites papaveroi
(Zeppelini & Palacios-Vargas, 1999)
Nome popular: Colembolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MS

Arrhopalites wallacei
(Palacios-Vargas & Zeppelini, 1995)
Nome popular: Colembolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SP

Paronellidae

Trogolaphysa aelleni
(Yosii, 1988)
Nome popular: Colebolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SP

Trogolaphysa hauseri
(Yosii, 1989)
Nome popular: Colebolo
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF : SP

Coleoptera

Carabidae

Coarazuphium bezerra
(Gnaspini, Vanin & Godoy, 1998)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: GO

Coarazuphium cessaima
(Gnaspini, Vanin & Godoy, 1998)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

Coarazuphium pains
(Alvares & Ferreira, 2002)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG

Coarazuphium tessai
(Godoy & Vanin, 1990)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

Schizogenius ocellatus
(Whitehead, 1972)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SP

Cerambycidae

Hypocephalus armatus
(Desmarest, 1832)
Nome popular: laiá-de-cintura, Carocha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, MG

Plaumanniella novateutoniae
(Fisher, 1938)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS, SC

Chrysomelidae

Doryphora reticulata
(Fabricius 1787)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS, SC

Ensiforma caerulea
(Jacoby, 1876)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RS, SC, SP
Schematiza aneurica
(Bechyné, 1956)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS, SC, SP

Dynastidae

Agacephala margaridae
(Alvarenga, 1958)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: PA

Dynastes hercules paschoali
(Grossi & Arnaud, 1991)
Nome popular: Besouro
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES

Megasoma actaeon janus
(Felsche, 1906)
Nome popular: Besouro-de-chifre
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MS, SP

Megasoma gyas gyas
(Herbst, 1785)
Nome popular: Besouro-de-chifre
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES, MG, RJ, SP

Megasoma gyas rumbucheri
(Fischer, 1968)
Nome popular: Besouro-de-chifre
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, CE, MG, PB, PE

Scarabaeidae

Dichotomius schiffleri
(Vaz de Mello, Louzada & Gavino, 2001)
Nome popular: Besouro-rola-bosta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: ES

Ephemeroptera

Leptophlebiidae

Perissophlebiodes flinti
(Savage, 1982)
Nome popular: Sirirua
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RJ

Hymenoptera

Apidae

Exomalopsis (Phanomalopsis) atlantica
(Silveira, 1996)

Nome popular: Abelha

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: SP

Melipona capixaba

(Moure & Camargo, 1995)

Nome popular: Uruçu-negra, pé-de-pau

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: ES

Xylocopa (Diaxylocopa) truxali

(Hurd & Moure, 1963)

Nome popular: Abelha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: GO, MG

Formicidae

Acromyrmex diasi

(Gonçalves, 1983)

Nome popular: Formiga, Quemquem

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: DF, SP

Atta robusta

(Borgmeier, 1939)

Nome popular: Saúva-preta

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: ES, RJ

Dinoponera lucida

(Emery, 1901)

Nome popular: Formiga

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES

Simopelta minima

(Brandão, 1989)

Nome popular: Formiga

Categoria de ameaça: Extinta

UF: BA

Lepidoptera

Hesperiidae

Cyclopyge roscius iphimedia

(Plötz, 1886)

Nome popular: Borboleta

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: MG, RJ, SP

Drephalys miersi

(Mielke, 1968)

Nome popular: Borboleta

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: PR, SC

Drephalys mourei

(Mielke, 1968)

Nome popular: Borboleta

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: RJ, SC

Ochropyge ruficauda

(Hayward, 1932)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: PR, SC

Parelbella polyzona
(Latreille, 1824)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: ES, RJ, SC

Pseudocroniades machaon seabrai
(Mielke, 1995)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ

Turmada camposa
(Plötz, 1886)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RJ

Zonia zonia diabo
(Mielke & Casagrande, 1998)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: GO, SP

Lycaenidae

Arawacus aethesa
(Hewitson, 1867)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: ES, MG

Magnastigma julia
(Nicolay, 1977)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: DF, MG

Nymphalidae

Actinote quadra
(Schaus, 1902)

Nome popular: Borboleta, Borboleta-palha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG, RJ, SP

Actinote zikani
(D'Almeida, 1951)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: SP

Caenoptychia bouletti
(Le Cerf, 1919)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: ES, RJ, RS, SP

Callicore hydarnis
(Godart, 1824)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG, RJ, SP

Dasyophthalma delanira
(Hewitson, 1862)

Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ
Dasyophthalma geraensis
(Rebel, 1922)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: MG, RJ, SP
Dasyophthalma vertebralis
(Butler, 1869)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: ES, MG
Doxocopa zalmunna
(Butler, 1869)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ, SP
Episcada vitrea
(D'Almeida & Mielke, 1967)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RJ
Eresia erysice erysice
(Geyer, 1832)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA
Grasseia menelaus eberti
(Weber, 1963)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: PB, PE
Heliconius nattereri
(C. Felder & R. Felder, 1865)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES, MG
Hyalyris fiammetta
(Hewitson, 1852)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: ES, MG, RJ
Hyalyris leptalina
(C. Felder & R. Felder, 1865)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: ES, MG, RJ
Hypoleria fallens
(Haensch, 1905)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: ES, MG, RJ
Melinaea mnasias thera

(C. Felder & R. Felder, 1865)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA, RJ, SP
Napeogenes cyrianassa xanthone
(Bates, 1862)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES, MG, RJ
Narope guilhermei
(Casagrande, 1989)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RS, SC
Orobrassolis ornamentalis
(Stichel, 1906)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: MG, PR, SP
Paititia neglecta
(Lamas, 1979)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: AC
Pampasatyrus gyrtone
(Berg, 1877)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RJ, SP
Pessonnia epistrophus nikolajewna
(Weber, 1951)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: AL, PB
Polygrapha suprema
(Schaus, 1920)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG, RJ, SP
Pseudocercyonis glaucope boenninghausi
(Foetterle, 1902)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: MG, RJ, SP
Scada karschina delicata
(Talbot, 1932)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: PE
Tithorea harmonia caissara
(Zikán, 1941)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: ES, MG, RJ, SP

Papilionidae

Eurytides iphitas
(Hübner, 1821)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: ES, RJ

Heraclides himeros baia
(Rothschild & Jordan, 1906)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA, GO

Heraclides himeros himeros
(Hopffer, 1865)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: ES, MG, RJ

Mimoides lysithous harrisianus
(Swainson, 1822)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ

Parides ascanius
(Cramer, 1775)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RJ

Parides bunichus chamissonia
(Eschscholtz, 1821)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SC

Parides burchellanus
(Westwood, 1872)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: DF, GO, MG, SP

Parides lysander mattogrossensis (Talbot, 1928)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MT, RO

Parides panthonus castilhoi
(D' Almeida, 1967)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: SP

Pieridae

Charonias theano theano
(Boisduval, 1836)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: MG, PR, SC, SP

Hesperocharis emeris emeris (Boisduval, 1836)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo

UF: PR, RJ, SP
Moschoneura methymna
(Godart, 1819)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES, RJ, SC

Perrhybris flava
(Oberthür, 1896)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA, ES

Pyralidae

Parapoynx restingalis
(Da Silva & Nessimian, 1990)
Nome popular: Mariposa
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, RJ

Riodinidae

Eucorna sanarita
(Schaus, 1902)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RJ, SP

Euselasia eberti
(Callaghan, 1999)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: SP

Nirodia belphegor
(Westwood, 1851)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: MG

Panara ovifera
(Seitz, 1916)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ

Petrocerus catiena
(Hewitson, 1875)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: ES, RJ

Xenandra heliodes dibapha
(Stichel, 1909)
Nome popular: Borboleta
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RJ, SC, SP

Saturniidae

Dirphia monticola
(Zerny, 1923)
Nome popular: Mariposa
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ

Odonata

Aeshnidae

Aeshna eduardoi
(Machado, 1984)
Nome popular: Libélula, cavalo-de-judeu
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG

Coenagrionidae

Acanthagrion taxaensis
(Santos, 1965)
Nome popular: Libélula
Categoria de ameaça: Extinta
UF: RJ

Leptagrion acutum
(Santos, 1961)
Nome popular: Libélula
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: ES

Minagrion mecistogastrum
(Selys, 1876)
Nome popular: Libélula
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RJ, SP

Gomphidae

Praeviogomphus proprius
(Belle, 1995)
Nome popular: Libélula
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: RJ

Megapodagrionidae

Heteragrion obsoletum
(Selys, 1886)
Nome popular: Libélula
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: MG

Heteragrion petiense
(Machado, 1988)
Nome popular: Libélula, cavalo-de-judeu
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MG

Pseudostigmatidae

Mecistogaster pronoti
(Sjöstedt, 1918)
Nome popular: Libélula
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: ES

Oligochaeta

Haplotaxida

Glossoscolecidae

Fimoscolex sporadochaetus
(Michaelsen, 1918)
Nome popular: Minhoca-branca
Categoria de ameaça: Extinta
UF: MG

Rhinodrilus alatus
(Righi, 1971)
Nome popular: Minhocuçu

<p>Onychophora</p> <p style="padding-left: 100px;">Euonychophora</p> <p style="padding-left: 200px;">Peripatidae</p>	<p>Categoria de ameaça: Em perigo UF: MG</p> <p><i>Rhinodrilus fafner</i> (Michaelsen, 1918) Nome popular: Minhocuçu, Minhoca-gigante</p> <p>Categoria de ameaça: Extinta UF: MG</p> <p><i>Peripatus acacioi</i> (Marcus & Marcus, 1955) Nome popular: Onicóforo Categoria de ameaça: Em perigo UF: MG</p>
<p>Mamíferos</p> <p>Mammalia</p> <p style="padding-left: 100px;">Artiodactyla</p> <p style="padding-left: 200px;">Cervidae</p> <p style="padding-left: 100px;">Carnivora</p> <p style="padding-left: 200px;">Canidae</p> <p style="padding-left: 300px;">Felidae</p>	<p><i>Blastocerus dichotomus</i> (Illiger, 1815) Nome popular: Cervo-do-pantanal Categoria de ameaça: Vulnerável UF: GO, MG, MS, MT, PR, RO, RS, SP, TO</p> <p><i>Mazama nana</i> (Hensel, 1872) Nome popular: Veado-bororó-do-sul Categoria de ameaça: Vulnerável UF: PR, RS, SC, SP</p> <p><u><i>Chrysocyon brachyurus</i></u> (Illiger, 1815) Nome popular: Lobo-guará Categoria de ameaça: Vulnerável UF: BA, DF, GO, MA, MG, MS, MT, PR, RJ, RS, SC, SP, TO</p> <p><u><i>Speothos venaticus</i></u> (Lund, 1842) Nome popular: Cachorro-vinagre Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AC, AM, AP, BA, DF, GO, MA, MS, MT, PA, PR, RO, RR, SC, SP, TO</p>

[Leopardus pardalis mitis](#)

(Cuvier, 1820)

Nome popular: Jaguatirica

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PB, PE, PI, PR, RJ, RN, RS, SC, SP, TO

[Leopardus tigrinus](#)

(Schreber, 1775)

Nome popular: Gato-do-mato

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, AM, AP, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PI, PR, RJ, RN, RR, RS, SE, SC, SP, TO

[Leopardus wiedii](#)

(Schinz, 1821)

Nome popular: Gato-maracajá

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AC, AM, AP, BA, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PI, PR, RJ, RO, RR, RS, SC, SP, TO

[Oncifelis colocolo](#)

(Molina, 1810)

Nome popular: Gato-palheiro

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, DF, GO, MG, MS, MT, PI, RS, SP, TO

[Panthera onca](#)

(Linnaeus, 1758)

Nome popular: Onça-pintada

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AC, AM, AP, BA, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PI, PR, RJ, RO, RR, RS, SP, TO

Puma concolor capricornensis

(Nelson & Goldman, 1929)

Nome popular: Onça-parda, suçuarana, puma, onça-vermelha, leão-baio

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: ES, MG, MS, PR, RJ, RS, SC, SP

[Puma concolor greeni](#)

(Nelson & Goldman, 1931)

Nome popular: Onça-vermelha, suçuarana, onça-parda, puma

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN, SE

Mustelidae

[Pteronura brasiliensis](#)

(Gmelin, 1788)

Nome popular: Ariranha

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: AC, AM, AP, DF, GO, MA, MS, MT, PA, PR, RJ, RO, RR, SP, TO

Cetacea

Balaenidae

Balenopteridae

[Eubalaena australis](#)

(Desmoulins, 1822)

Nome popular: Baleia-franca-do-sul,
baleia-franca, baleia-franca-austral

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, PR, RS, SC

Balaenoptera borealis

(Lesson, 1828)

Nome popular: Baleia-sei, espadarte

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: PB, RJ

Balaenoptera musculus

(Linnaeus, 1758)

Nome popular: Baleia-azul

Categoria de ameaça: Criticamente em
perigo

UF: PB, RJ, RS

Balaenoptera physalus

(Linnaeus, 1758)

Nome popular: Baleia-fin

Categoria de ameaça: Em perigo

UF:

[Megaptera novaeangliae](#)

(Borowski, 1781)

Nome popular: Baleia-jubarte, jubarte

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, PR, RJ, RS, SC, SP

Physeteridae

Physeter macrocephalus

(Linnaeus, 1758)

Nome popular: Cachalote

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, CE, PA

Pontoporidae

[Pontoporia blainvillei](#)

(Gervais & d'Orbigny, 1844)

Nome popular: Toninha, cachimbo,
boto-amarelo, franciscana

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: ES, PR, RJ, RS, SC, SP

Chiroptera

Phyllostomidae

[Lonchophylla bokermanni](#)

(Sazima, Vizotto & Taddei, 1978)

Nome popular: Morcego

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: MG, RJ

Lonchophylla dekeyseri

(Taddei, Vizotto & Sazima, 1983)

Nome popular: Morcego

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: DF, GO, MG, PI

Platyrrhinus recifinus

(Thomas, 1901)

Nome popular: Morcego

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: CE, ES, MG, PE, SP

Vespertilionidae

Lasiurus ebonus
(Fazzolari Corrêa, 1994)
Nome popular: Morcego
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: SP

Myotis ruber
(E. Geoffroy, 1806)
Nome popular: Morcego
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: PR, RJ, SC, SP

Didelphimorphia

Didelphidae

Caluromysiops irrupta
(Sanborn, 1951)
Nome popular: Cuíca-de-colete
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RO

Primates

Atelidae

[*Alouatta belzebul ululata*](#)
(Elliot, 1912)
Nome popular: Guariba-de-mãos-ruivas
Categoria de ameaça:
Criticamente em perigo
UF: MA

Alouatta guariba guariba
(Humboldt, 1812)
Nome popular: Bugio, barbado
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA, MG

[*Ateles belzebuth*](#)
(É. Geoffroy, 1806)
Nome popular: Coatá, macaco-aranha
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AM

[*Ateles marginatus*](#)
(É. Geoffroy, 1809)
Nome popular: Coatá
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: PA

[*Brachyteles arachnoides*](#)
(É. Geoffroy, 1806)
Nome popular: Muriqui, mono-carvoeiro
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: PR, RJ, SP

[*Brachyteles hypoxanthus*](#)
(Kuhl, 1820)
Nome popular: Muriqui
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA, ES, MG

Callitrichidae

[*Callithrix aurita*](#)
(É. Geoffroy in Humboldt, 1812)
Nome popular: Sagui-da-serra-escuro
Categoria de ameaça: Vulnerável

UF : MG, RJ, SP

[*Callithrix flaviceps*](#)

(Thomas, 1903)

Nome popular: Sagui-da-serra

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: ES, MG

[*Leontopithecus caissara*](#)

(Lorini & Persson, 1990)

Nome popular: Mico-leão-de-cara-preta

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: PR, SP

[*Leontopithecus chrysomelas*](#)

(Kuhl, 1820)

Nome popular: Mico-leão-de-cara-dourada

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: BA, MG

[*Leontopithecus chrysopygus*](#)

(Mikan, 1823)

Nome popular: Mico-leão-preto

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: SP

[*Leontopithecus rosalia*](#)

(Linnaeus, 1766)

Nome popular: Mico-leão-dourado

Categoria de ameaça: Em perigo

UF : RJ

[*Saguinus bicolor*](#)

(Spix, 1823)

Nome popular: Sagui-de-duas-cores

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: AM

Cebidae

Cebus kaapori

(Queiroz, 1982)

Nome popular: Macaco-caiarara

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF : MA, PA

[*Cebus robustus*](#)

(Kuhl, 1820)

Nome popular: Macaco-prego Categoria de ameaça: Vulnerável

UF : BA, ES, MG

[*Cebus xanthosternos*](#)

(Wied-Neuwied, 1826)

Nome popular: Macaco-prego-de-peito-amarelo

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: BA, MG, SE

Saimiri vanzolinii (Ayres, 1985)

Nome popular: Macaco-de-cheiro

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF : AM

Pitheciidae

Cacajao calvus calvus
(I. Geoffroy, 1847)
Nome popular: Uacari-branco
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AM

Cacajao calvus novaesi
(Hershkovitz, 1987)
Nome popular: Uacari-de-Novaes
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AM

Cacajao calvus rubicundus
(I. Geoffroy & Deville, 1848)
Nome popular: Uacari-vermelho
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: AM

Callicebus barbarabrownae
(Hershkovitz, 1990)
Nome popular: Guigó
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: BA, SE

Callicebus coimbrai
(Kobayashi & Langguth, 1999)
Nome popular: Guigó-de-Coimbra-Filho
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: SE

Callicebus melanochir
(Wied-Neuwied, 1820)
Nome popular: Sauá, guigó
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES, MG

Callicebus personatus
(É. Geoffroy, 1812)
Nome popular: Sauá, guigó
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: ES, MG

[*Chiropotes satanas*](#)
(Hoffmannsegg, 1807)
Nome popular: Cuxiú-preto
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: MA, PA

Chiropotes utahicki
(Hershkovitz, 1985)
Nome popular: Cuxiú
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: MT, PA

Rodentia

Echimyidae

Callistomys pictus
(Pictet, 1841)
Nome popular: Rato-do-cacau
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

Carterodon sulcidens
(Lund, 1841)
Nome popular: Rato-de-espinho
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: MS, MG, DF

Phyllomys brasiliensis

(Lund, 1840)

Nome popular: Rato-da-árvore

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: MG

[*Phyllomys thomasi*](#)

(Ihering, 1897)

Nome popular: Rato-da-árvore

Categoria de ameaça: Em perigo

UF: SP

Phyllomys unicolor

(Wagner, 1842)

Nome popular: Rato-da-árvore

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: BA

Erethizontidae

[*Chaetomys subspinosus*](#)

(Olfers, 1818)

Nome popular: Ouriço-preto

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: BA, ES, MG, RJ, SE

Muridae

Juscelinomys candango

(Moojen, 1965)

Nome popular: Rato-candango

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: DF

Kunsia fronto

(Winge, 1887)

Nome popular: Rato-do-mato

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: MG, DF

Phaenomys ferrugineus

(Thomas, 1894)

Nome popular: Rato-do-mato-ferrugíneo

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RJ, SP

Rhagomys rufescens

(Thomas, 1886)

Nome popular: Rato-do-mato-vermelho

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF RJ, SP

Wilfredomys oenax

(Thomas, 1928)

Nome popular: Rato-do-mato

Categoria de ameaça: Criticamente em perigo

UF: PR, RS, SC

Octodontidae

Ctenomys flamarioni

(Travi, 1981)

Nome popular: Tuco-tuco

Categoria de ameaça: Vulnerável

UF: RS

Sirenia

		Trichechidae	<p><i>Trichechus inunguis</i> (Natterer, 1883) Nome popular: Peixe-boi-da-Amazônia Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AM, AP, PA, RO, RR</p> <p><i>Trichechus manatus</i> (Linnaeus, 1758) Nome popular: Peixe-boi-marinho Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: AL, AP, CE, MA, PA, PB, PE, PI, RN</p>
Xenarthra		Bradypodidae	<p><i>Bradypus torquatus</i> (Illiger, 1811) Nome popular: Preguiça-de-coleira Categoria de ameaça: Vulnerável UF: BA, ES, MG, RJ, SE</p>
		Dasypodidae	<p><i>Priodontes maximus</i> (Kerr, 1792) Nome popular: Tatu-canastra Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AC, AM, AP, BA, DF, ES, GO, MG, MS, MT, PA, PI, RO, RR, TO</p> <p><i>Tolypeutes tricinctus</i> (Linnaeus, 1758) Nome popular: Tatu-bola Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AL, BA, GO, PI, RN</p>
		Myrmecophagidae	<p><i>Myrmecophaga tridactyla</i> (Linnaeus, 1758) Nome popular: Tamanduá-bandeira Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AC, AM, AP, BA, DF, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PI, PR, RO, RR, RS, SC, SP, TO</p>
Peixes			
	Actinopterygii		
	Batrachoidiformes	Batrachoididae	<p><i>Carcharhinus longimanus</i> (Poey, 1861) Nome popular: Mangangá UF: PA</p>
	Characiformes	Anostomidae	<p><i>Carcharhinus longimanus</i> (Poey, 1861) Nome popular: Piau UF: MG</p> <p><i>Sartor tucuruicense</i> Santos & Jégu, 1987 Nome popular: -- UF: PA</p>
		Characidae	<p><i>Astyanax gymnogenys</i> Eigenmann,</p>

1911

Nome popular: Piabanha

UF: ES, MG

Brycon devillei (Castelnau, 1855)

Nome popular: Lambari

UF: PR

Brycon insignis Steindachner, 1877

Nome popular: Piabanha

UF: MG, RJ, SP

Brycon nattereri Günther, 1864

Nome popular: Pirapitinga

UF: GO, MG, PR, SP

Brycon opalinus (Cuvier, 1819)

Nome popular: Pirapitinga, pirapitinga-do-sul

UF: MG, RJ, SP

Brycon orbignyanus (Valenciennes, 1850)

Nome popular: Piracanjuba, piraçanjuba, bracanjuba

UF: MG, MS, PR, RS, SC, SP

Brycon vermelha Lima & Castro, 2000

Nome popular: Vermelha

UF: BA, ES, MG

Bryconamericus lambari Malabarba & Kindel, 1995

Nome popular: Lambari

UF: RS

Coptobrycon bilineatus (Ellis, 1911)

Nome popular: --

UF: SP

Glandulocauda melanogenys

Eigenmann, 1911

Nome popular: --

UF: SP

Glandulocauda melanopleura

Eigenmann, 1911

Nome popular: --

UF: PR

Hasemania maxillaris Ellis, 1911

Nome popular: Lambari

UF: PR

Hasemania melanura Ellis, 1911

Nome popular: Lambari

UF: PR

Henochilus wheatlandii Garman, 1890

Nome popular: Andirá, anjirá

UF: MG

Hyphessobrycon duragenys Ellis, 1911

Nome popular: --

UF: SP

Hyphessobrycon flammeus Myers, 1924

Nome popular: Engraçadinho

UF: RJ

Hyphessobrycon taurocephalus Ellis, 1911

Nome popular: Lambari

UF: PR

Mimagoniates lateralis (Nichols, 1913)

Nome popular: --

UF: PR, SC, SP

Mimagoniates rheocharis Menezes & Weitzman, 1990

Nome popular: --

UF: RS, SC

Mimagoniates sylvicola Menezes & Weitzman, 1990

Nome popular: --

UF: BA

Mylesinus paucisquamatus Jégu & Santos, 1988

Nome popular: Pacu

UF: PA, TO

Myleus tiete (Eigenmann & Norris, 1900)

Nome popular: Pacu-prata

UF: MG, MS, SP

Nematocharax venustus Weitzman, Menezes & Britski, 1986

Nome popular: --

UF: BA, MG

Ossubtus xinguense Jegú, 1992

Nome popular: Pacu

UF: PA

Rachoviscus crassiceps Myers, 1926

Nome popular: --

UF: PR, SC

Rachoviscus graciliceps Weitzman & Cruz, 1980

Nome popular: --

UF: BA, ES

Spintherobolus ankoseion Weitzman & Malabarba, 1999

Nome popular: --

UF: PR, SC

Spintherobolus broccae Myers, 1925

Nome popular: --

UF: RJ, SP

Spintherobolus leptoura Weitzman & Malabarba, 1999

Nome popular: --

UF: SP

Spintherobolus papilliferus Eigemann, 1911

Nome popular: --

UF: SP

Stygichthys typhlops Brittan & Böhlke, 1965

Nome popular: --

UF: MG

Crenuchidae

Characidium grajahuensis Travassos, 1944

Nome popular: Canivetinho, mocinha

UF: RJ

Characidium lagsantensis Travassos, 1947

Cyprinodontiformes

Poeciliidae

Nome popular: Canivete
UF: MG
Characidium vestigipinne Buckup & Hahn, 2000
Nome popular: --
UF: RS

Phalloptychus eigenmanni Henn, 1916
Nome popular: Barrigudinho
UF: BA
Phallotorynus fasciolatus Henn, 1916
Nome popular: Guarú
UF: SP
Phallotorynus jucundus Ihering, 1930
Nome popular: Guarú
UF: SP

Rivulidae

Austrolebias adloffii (Ahl, 1922)
Nome popular: --
UF: RS
Austrolebias affinis Amato, 1986
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias alexandri (Castello & Lopez, 1974)
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias carvalhoi (Myers, 1947)
Nome popular: --
UF: PR
Austrolebias charrua Costa & Cheffe, 2001
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias cyaneus (Amato, 1987)
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias ibicuiensis (Costa, 1999)
Nome popular: --
UF: RS
Austrolebias luteoflammulatus (Vaz-Ferreira, Sierra & Scaglia, 1974)
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias minuano Costa & Cheffe, 2001
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias nigrofasciatus Costa & Cheffe, 2001
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Austrolebias periodicus (Costa, 1999)
Nome popular: Peixe anual
UF: RS
Campellolebias brucei Vaz-Ferreira & Sierra, 1974
Nome popular: --

UF: SC
Campellolebias chrysolineatus Costa,
Lacerda & Brasil, 1989
Nome popular: --
UF: SC
Campellolebias dorsimaculatus Costa,
Lacerda & Brasil, 1989
Nome popular: --
UF: SP
Cynolebias griseus Costa, *Lacerda &*
Brasil, 1990
Nome popular: --
UF: GO
Leptolebias citrinipinnis (Costa,
Lacerda & Tanizaki, 1988)
Nome popular: --
UF: RJ
Leptolebias cruzi (Costa, 1988)
Nome popular: --
UF: RJ
Leptolebias fractifasciatus (Costa,
1988)
Nome popular: --
UF: RJ
Leptolebias leitaoi (Cruz & Peixoto,
1991)
Nome popular: --
UF: BA
Leptolebias marmoratus (Ladiges,
1934)
Nome popular: --
UF: RJ
Leptolebias minimus (Myers, 1942)
Nome popular: --
UF: RJ
Leptolebias opalescens (Myers, 1941)
Nome popular: --
UF: RJ
Leptolebias splendens (Myers, 1942)
Nome popular: --
UF: RJ
Maratecoara formosa Costa & Brasil,
1995
Nome popular: --
UF: TO
Megalebias wolterstorffi (Ahl, 1924)
Nome popular: --
UF: RS
Nematolebias whitei (Myers, 1942)
Nome popular: --
UF: RJ
Plesiolebias xavantei (Costa, *Lacerda*
& Tanizaki, 1988)
Nome popular: --
UF: TO
Simpsonichthys alternatus (Costa &
Brasil, 1994)
Nome popular: --
UF: MG

Simpsonichthys auratus Costa & Nielsen, 2000
Nome popular: --
UF: MG

Simpsonichthys boitonei Carvalho, 1959
Nome popular: --
UF: DF

Simpsonichthys bokermanni (Carvalho & Cruz, 1987)
Nome popular: --
UF: BA

Simpsonichthys constanciae (Myers, 1942)
Nome popular: --
UF: RJ

Simpsonichthys flammeus (Costa, 1989)
Nome popular: --
UF: GO, TO

Simpsonichthys fulmiantis (Costa & Brasil, 1993)
Nome popular: --
UF: BA

Simpsonichthys ghisolfi Costa, Cyrino & Nielsen, 1996
Nome popular: --
UF: BA

Simpsonichthys hellneri (Berkenkamp, 1993)
Nome popular: --
UF: MG

Simpsonichthys izecksohni (Cruz, 1983)
Nome popular: --
UF: ES

Simpsonichthys magnificus (Costa & Brasil, 1991)
Nome popular: --
UF: MG

Simpsonichthys marginatus (Costa & Brasil, 1996)
Nome popular: --
UF: GO

Simpsonichthys multiradiatus (Costa & Brasil, 1994)
Nome popular: --
UF: TO

Simpsonichthys myersi (Carvalho, 1971)
Nome popular: --
UF: BA, ES

Simpsonichthys notatus (Costa, Lacerda & Brasil, 1990)
Nome popular: --
UF: GO

Simpsonichthys parallelus Costa, 2000
Nome popular: --
UF: GO

Simpsonichthys perpendicularis Costa,
Nielsen & De Luca, 2001

Nome popular: --

UF: BA

Simpsonichthys rosaceus Costa,
Nielsen & De Luca, 2001

Nome popular: --

UF: BA

Simpsonichthys rufus Costa, Nielsen &
De Luca, 2000

Nome popular: --

UF: MG

Simpsonichthys santanae (Shibatta &
Garavello, 1992)

Nome popular: --

UF: DF, GO

Simpsonichthys similis (Costa &
Hellner, 1999)

Nome popular: --

UF: MG

Simpsonichthys stellatus (Costa &
Brasil, 1994)

Nome popular: --

UF: MG

Simpsonichthys trilineatus (Costa &
Brasil, 1994)

Nome popular: --

UF: MG

Simpsonichthys zonatus (Costa &
Brasil, 1990)

Nome popular: --

UF: MG

Spectrolebias semiocellatus Costa &
Nielsen, 1997

Nome popular: --

UF: TO

Gymnotiformes

Apteronotidae

Sternarchorhynchus britskii Campos da
Paz, 2000

Nome popular: Ituí

UF: MG, MS, PR, SP

Sternopygidae

Eigenmannia vicentespelaea Triques,
1996

Nome popular: Ituí

UF: GO

Perciformes

Chaetodontidae

Prognathodes obliquus (Lubbock &
Edwards, 1980)

Nome popular: Peixe-borboleta

UF: PE

Cichlidae

Crenicichla cyclostoma Ploeg, 1986

Nome popular: Jacundá

UF: PA

Crenicichla jegui Ploeg, 1986

Nome popular: Jacundá

UF: PA
Crenicichla jupiaiensis Britski & Luengo, 1968
Nome popular: Joaninha
UF: MG, MS, SP
Teleocichla cinderella Kullander, 1988
Nome popular: --
UF: PA
Gymnogeophagus setequedas Reis, Malabarba & Pavanelli, 1992
Nome popular: Acará
UF: PR

Gobiidae

Elacatinus figaro Sazima, Moura & Rosa, 1997
Nome popular: Neon
UF: BA, ES, PB, PE, RJ, RN, SC, SP

Grammatidae

Gramma brasiliensis Sazima, Gasparini & Moura, 1998
Nome popular: Grama
UF: BA, ES, PB, PE, RJ, RN, SP

Labridae

Bodianus insularis Gomon & Lubbock, 1980
Nome popular: Bodião-Ilhéu
UF: PE

Lutjanidae

Lutjanus analis (Cuvier, 1828)
Nome popular: Caranha, cioba, vermelho, vermelho-cioba
UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, PR, RJ, RN, SC, SP

Pomacentridae

Stegastes sanctipauli Lubbock & Edwards, 1981
Nome popular: Donzelinha
UF: PE

Scaridae

Scarus guacamaia Cuvier, 1829
Nome popular: --
UF: BA

Serranidae

Anthias salmopunctatus Lubbock & Edwards, 1981
Nome popular: --
UF: PE
Mycteroperca tigris (Valenciennes, 1833)
Nome popular: --
UF: BA, PE, RJ, SP

Siluriformes

Auchenipteridae

Tatia boemia Koch & Reis, 1996
Nome popular: --
UF: RS

Callichthyidae

Corydoras macropterus Regan, 1913
Nome popular: --

UF: PR, SC, SP
Leptoplosternum tordilho Reis, 1997
Nome popular: --
UF: RS

Doradidae

Kalyptodoras bahiensis Higuchi, Britski & Garavello, 1990
Nome popular: Peracuca
UF: BA

Heptapteridae

Chasmocranus brachynema Gomes & Schubart, 1958
Nome popular: Bagrinho
UF: SP

Heptaterus multiradiatus Ihering, 1907
Nome popular: --
UF: SP

Pimelodella kronei (Ribeiro, 1907)
Nome popular: Bagre-cego
UF: SP

Rhamdia jequitinhonha Silfvergrip, 1996

Nome popular: Bagre, jundiá
UF: MG

Rhamdiopsis microcephala (Lütken, 1874)

Nome popular: Bagrinho
UF: MG

Taunaya bifasciata (Eigenmann & Norris, 1900)

Nome popular: Bagrinho
UF: SP

Loricariidae

Ancistrus formoso Sabino & Trajano, 1997

Nome popular: Cascudo
UF: MS

Delturus parahybae (Eigenmann & Eigenmann, 1889)

Nome popular: Cascudo laje
UF: MG, RJ

Harttia rhombocephala Miranda-Ribeiro, 1939

Nome popular: Cascudo
UF: RJ

Hemiancistrus chlorostictus Cardoso & Malabarba, 1999

Nome popular: Cascudo
UF: RJ

Hemipsilichthys garbei Ihering, 1911

Nome popular: Cascudo
UF: RJ

Hemipsilichthys mutuca Oliveira & Oyakawa, 1999

Nome popular: Cascudo
UF: MG

Hypancistrus zebra Isbrücker & Nijssen, 1991

Nome popular: Cascudo-zebra

UF: PA

Pogonopoma parahybae

(Steindachner, 1877)

Nome popular: Cascudo

UF: MG, RJ

Pseudotocinclus tietensis (Ihering, 1907)

Nome popular: Cascudinho

UF: SP

Pimelodidae

Aguarunichthys tocantinsensis Zuanon, Rapp Py-Daniel & Jégu, 1993

Nome popular: --

UF: GO, PA, TO

Conorhynchos conirostris

(Valenciennes in Cuvier &

Valenciennes 1840)

Nome popular: Pirá, pirá-tamanduá

UF: BA, MG

Steindachneridion amblyura

(Eigenmann & Eigenmann, 1888)

Nome popular: Surubim

UF: MG

Steindachneridion doceana

(Eigenmann & Eigenmann, 1889)

Nome popular: Surubim-do-doce

UF: ES, MG

Steindachneridion parahybae

(Steindachner, 1876)

Nome popular: Surubim-do-paraíba

UF: MG, RJ

Steindachneridion scripta (Ribeiro, 1918)

Nome popular: Surubim

UF: MG, RS, SC, SP

Trichomycteridae

Homodiaetus graciosa Koch, 2002

Nome popular: Cambeba

UF: SP

Homodieatus passarelii (Miranda-Ribeiro, 1944)

Nome popular: --

UF: RJ

Listrura campos (Miranda-Ribeiro, 1957)

Nome popular: Candiru, bagre-mole

UF: SC, SP

Listrura nematopteryx De Pinna, 1988

Nome popular: --

UF: RJ, SP

Listrura tetradia Landim & Costa, 2002

Nome popular: --

UF: RJ

Microcambeva barbata Costa & Bockmann, 1994

Nome popular: Cambeva

UF: RJ

Trichogenes longipinnis Britski &

Ortega, 1983
Nome popular: --
UF: RJ, SP
Trichomycterus castroi Pinna, 1992
Nome popular: Cambeva
UF: PR
Trichomycterus itacarambiensis
Trajanoi & Pinna, 1996
Nome popular: Cambeva
UF: MG
Trichomycterus paolence (Eigenmann,
1917)
Nome popular: Cambeva
UF: SP

Elasmobranchii

Carcharhiniformes

Carcharhinidae

Carcharhinus longimanus (Poey, 1861)
Nome popular: Tubarão-estrangeiro;
tubarão-galha-branca-oceânico
UF: AL, AP, BA, CE, ES, MA, PA, PB,
PE, PI, PR, RJ, RN, RS, SE, SC, SP

Carcharhinus porosus (Ranzani, 1839)
Nome popular: Tubarão-junteiro,
tubarão-azeiteiro
UF: AL, AP, BA, CE, ES, MA, PA, PB,
PE, PI, PR, RJ, RN, RS, SE, SC, SP

Carcharhinus signatus (Poey, 1868)
Nome popular: Tubarão-toninha
UF: AL, AP, BA, CE, ES, PB, PE, PR, RJ,
RN, RS, SE, SC, SP

Isogomphodon oxyrhynchus (Müller &
Henle, 1839)

Nome popular: Quati
UF: AP, MA, PA

Negaprion brevirostris (Poey, 1868)
Nome popular:--
UF: BA, PE, RN

Triakidae

Galeorhinus galeus (Linnaeus, 1758)
(Wiegmann, 1834)

Nome popular: Cação-bico-doce
UF: PR, RJ, RS, SC, SP

Mustelus schmitti Springer, 1939
(Wiegmann, 1834)

Nome popular: Cação-cola-fina, caçonete
UF: PR, RJ, RS, SC, SP

Lamniformes

Cetorhinidae

Cetorhinus maximus (Gunnerus, 1765)
(Dias, Rocha & Vrcibradic, 2002)

Nome popular: Tubarão-peregrino
UF: RJ, RS, SC, SP

Orectolobiformes

Ginglymostomatidae

			<p><i>Ginglymostoma cirratum</i> (Bonnaterre, 1788) Nome popular: Cação-lixo, tubarão-lixo, lambaru UF: AL, BA, CE, PB, PE, RJ, RN, SP</p>
		Rhincodontidae	
			<p><i>Rhincodon typus</i> Smith, 1828 (Marques, Martins & Sazima, 2002) Nome popular: tubarão-baleia UF: AL, BA, CE, ES, PB, PE, RJ, RN, RS, SE, SC, SP</p>
Pristiformes		Pristidae	
			<p><i>Pristis perotteti</i> Müller & Henle, 1841 Nome popular: Peixe-serra UF: AM, AP, MA, PA, RJ, SP</p> <p><i>Pristis pectinata</i> Latham, 1794 Nome popular: Peixe-serra UF: AM, AP, BA, CE, MA, PA, RJ, SP</p>
	Rhinobatiformes	Rhinobatidae	
			<p><i>Rhinobatus horkelii</i> (Müller & Henle, 1841) Nome popular: Raia-viola UF: PR, RJ, RS, SC, SP</p>
Squatiniformes		Squatinidae	
			<p><i>Squatina guggenheim</i> Marini, 1936 Nome popular: Cação-anjo-espinhoso PR, RJ, RS, SC, SP</p> <p><i>Squatina occulta</i> (Vooren & Silva, 1991) Nome popular: Cação-anjo-liso PR, RJ, RS, SC, SP</p>

Répteis			
Reptilia			
	Squamata		
		Boidae	
			<p><i>Corallus cropanii</i> (Hoge, 1953) Nome popular: Jibóia-de-Cropan Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: SP</p>
		Colubridae	
			<p><i>Dipsas albifrons cavaleiroi</i> (Hoge, 1950) Nome popular: Dormideira-da-Queimada-Grande Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: SP</p>
		Gymnophthalmidae	
			<p><i>Heterodactylus lundii</i> (Reinhardt & Lütken, 1862) Nome popular: Cobra-de-vidro Categoria de ameaça: Vulnerável UF: MG</p>

Polychrotidae

Placosoma cipoense
(Cunha, 1966)
Nome popular: Lagartinho-do-Cipó
Categoria de ameaça: Em perigo
UF: MG

Teiidae

Anisolepis undulatus
(Wiegmann, 1834)
Nome popular: Camaleãozinho
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS

Cnemidophorus abaetensis
(Dias, Rocha & Vrcibradic, 2002)
Nome popular: Lagartixa-de-Abaeté
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA

Cnemidophorus littoralis
(Rocha, Araújo, Vrcibradic & Costa, 2000)
Nome popular: Lagarto-da-cauda-verde
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RJ

Cnemidophorus nativo
(Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997)
Nome popular: Lagartinho-de-Linhares
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: BA, ES

Cnemidophorus vacariensis
(Feltrim & Lema, 2000)
Nome popular: Lagartinho-de-Vacaria
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS

Tropiduridae

Liolaemus lutzae
(Mertens, 1938)
Nome popular: Lagartixa-da-areia
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: RJ

Liolaemus occipitalis
(Boulenger, 1885)
Nome popular: Lagartinho-da-praia
Categoria de ameaça: Vulnerável
UF: RS, SC

Viperidae

[*Bothrops alcatraz*](#)
(Marques, Martins & Sazima, 2002)
Nome popular: Jararaca-de-Alcatrazes
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: SP

[*Bothrops insularis*](#)
(Amaral, 1922)
Nome popular: Jararaca-ilhoa
Categoria de ameaça: Criticamente em perigo
UF: SP

Testudines		<p><i>Bothrops pirajai</i> (Amaral, 1923) Nome popular: Jararaca Categoria de ameaça: Em perigo UF: BA</p>
	Chelidae	<p><u><i>Phrynops hogei</i></u> (Mertens, 1967) Nome popular: Cágado, cágado-de-Hoge, cágado de Hoge Categoria de ameaça: Em perigo UF: ES, MG, RJ</p>
		<p><u><i>Caretta caretta</i></u> (Linnaeus, 1758) Nome popular: Cabeçuda, tartaruga-meio-pente Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AL, BA, CE, ES, MA, PE, RJ, RN, RS, SE</p>
	Cheloniidae	<p><u><i>Chelonia mydas</i></u> (Linnaeus, 1758) Nome popular: Tartaruga-verde, aruanã Categoria de ameaça: Vulnerável UF: AL, AP, BA, CE, ES, MA, PA, PE, PR, RJ, RN, RS, SE, SC, SP</p>
		<p><u><i>Eretmochelys imbricata</i></u> (Linnaeus, 1766) Nome popular: Tartaruga-de-pente Categoria de ameaça: Em perigo UF: AL, BA, ES, PE, RJ, RN, SE, SP</p>
		<p><u><i>Lepidochelys olivacea</i></u> (Eschscholtz, 1829) Nome popular: Tartaruga-oliva Categoria de ameaça: Em perigo UF: AL, BA, CE, ES, PE, PR, RJ, RN, SE, SP</p>
	Dermochelyidae	<p><u><i>Dermochelys coriacea</i></u> (Linnaeus, 1766) Nome popular: Tartaruga-de-couro Categoria de ameaça: Criticamente em perigo UF: AL, BA, CE, ES, MA, PE, PR, RJ, RS, SC, SP</p>

- Instrução Normativa MMA nº 05, de 21 de maio de 2004 - Lista Oficial das Espécies de Invertebrados Aquáticos e Peixes Ameaçados de Extinção e Sobreexplotados ou Ameaçados de Sobreexplotação.

- Instrução Normativa MMA nº 52, de 08 de novembro de 2005 - Altera os anexos I e II da Instrução Normativa MMA nº 05, de 21 de maio de 2004.

b) Flora:

- Instrução Normativa MMA nº 06, de 23 de setembro de 2008 - Reconhece como espécies da flora brasileira ameaçada de extinção aquelas constantes do Anexo I e reconhece como espécies da flora brasileira com deficiência de dados aquelas constantes do Anexo II a esta Instrução.

Anexo I

Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção

Família	Espécie	Autor	Unidades da Federação	Bioma
Acanthaceae	<i>Ruellia chamaedrys</i> **	(Nees) Angely	SP	Mata Atlântica
Acanthaceae	<i>Staurogyne brachiata</i>	(Hiern) Leonard	RJ	Mata Atlântica
Acanthaceae	<i>Staurogyne veronicifolia</i>	(Nees) Kuntze	ES	Mata Atlântica
Acanthaceae	<i>Staurogyne warmingiana</i>	(Hiern) Leonard	MG	Cerrado
Acanthaceae	<i>Stenandrium stenophyllum</i>	Kameyama	MG	Cerrado
Alstroemeriaceae	<i>Alstroemeria capixaba</i>	M.C.Assis	ES	Mata Atlântica
Amaranthaceae	<i>Gomphrena chrestoides</i>	C.C.Townsend	BA	Caatinga
Amaranthaceae	<i>Gomphrena duriuscula</i>	Moq.	BA	Mata Atlântica
Amaranthaceae	<i>Gomphrena hatschbachiana</i>	Pedersen	BA	Cerrado
Amaranthaceae	<i>Gomphrena scandens</i>	(R.E.Fr.) J.C.Siqueira	ES, MG, RJ	Mata Atlântica
Amaranthaceae	<i>Lecosia oppositifolia</i>	Pedersen	ES	Mata Atlântica
Amaranthaceae	<i>Pfaffia argyrea</i>	Pedersen	MG	Cerrado
Amaranthaceae	<i>Pfaffia minarum</i>	Pedersen	MG	Cerrado
Amaranthaceae	<i>Pfaffia townsendii</i>	Pedersen	GO	Cerrado
Amaryllidaceae	<i>Griffinia liboniana</i>	Morren	BA, MG	Cerrado / Mata Atlântica
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum brasilianum</i>	(Traub & J.L.Doran) Dutilh	ES, MG	Mata Atlântica
Amaryllidaceae	<i>Worsleya rayneri</i> (Imperatriz-do-Brasil, rabo-de-galo)	(Hook.f.) Traub & Moldenke	RJ	Mata Atlântica
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Aroeira-do-sertão)	Engl.	BA, DF, GO, MA, MG, MS, MT, SP	Cerrado / Caatinga
Anacardiaceae	<i>Schinopsis brasiliensis</i>	Engl.	BA, CE, DF, GO, MA, MG, MS, PI, TO	Cerrado / Caatinga
Apocynaceae	<i>Blepharodon hirsutum</i>	Goyder	BA	Caatinga
Apocynaceae	<i>Cynanchum morrenioides</i>	Goyder	BA	Cerrado / Caatinga
Apocynaceae	<i>Ditassa arianeae</i>	Fontella	BA, ES, RJ	Mata Atlântica
Apocynaceae	<i>Ditassa maricaensis</i>	Fontella	RJ	Mata Atlântica

Apocynaceae	<i>Gonolobus dorothyanus</i>	Fontella & E.A.Schwarz	RJ	Mata Atlântica
Apocynaceae	<i>Matelea marcoassisii</i>	Fontella	SP	Mata Atlântica
Apocynaceae	<i>Metastelma harleyi</i>	Fontella	BA	Cerrado
Araceae	<i>Anthurium langsdorffii</i> (Antúrio-espada)	Schott	RJ	Mata Atlântica
Araceae	<i>Anthurium luschnathianum</i> (Antúrio-da-praia)	Kunth	RJ	Mata Atlântica
Araceae	<i>Philodendron fragile</i>	Nadruz & Mayo	RJ	Mata Atlântica
Araceae	<i>Philodendron spiritus-sancti</i>	G.S.Bunting	ES	Mata Atlântica
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i> (Pinheiro-brasileiro, pinheiro-do-paraná)	(Bertol.) Kuntze	MG, PR, RJ, RS, SC, SP	Mata Atlântica
Arecaceae	<i>Acanthococos emensis</i>	Toledo	MG, SP	Cerrado
Arecaceae	<i>Attalea barreirensis</i> (Catolé)	Glassman	BA	Cerrado
Arecaceae	<i>Attalea brasiliensis</i>	Glassman	DF	Cerrado
Arecaceae	<i>Bactris hatschbachii</i>	Noblick ex A. J. Hend.	PR, SP	Mata Atlântica
Arecaceae	<i>Butia eriospatha</i> (Butiá)	(Mart. ex Drude) Becc.	PR, RS, SC	Pampa
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i> (Jussara, palmito)	Mart.	AL, BA, ES, GO, PB, PE, PR, RJ, RN, SE, SC, SP	Mata Atlântica
Arnelliaceae	<i>Southbya organensis</i>	Herzog	RJ	Mata Atlântica
Aspleniaceae	<i>Asplenium beckeri</i> **	Brade	ES	Mata Atlântica
Aspleniaceae	<i>Asplenium bradeanum</i>	Handro	SP	Mata Atlântica
Aspleniaceae	<i>Asplenium castaneum</i>	Schtdl. & Cham.	RJ	Mata Atlântica
Aspleniaceae	<i>Asplenium praemorsum</i>	Brade	ES	Mata Atlântica
Aspleniaceae	<i>Asplenium schwackei</i>	Christ	MG	Cerrado
Asteraceae	<i>Anteremanthus hatschbachii</i>	H.Rob.	MG	Cerrado
Asteraceae	<i>Aspilia grazielae</i>	J.U.Santos	MS	Pantanal
Asteraceae	<i>Aspilia paraensis</i>	(Huber) J.U.Santos	PA, RO	Amazônia
Asteraceae	<i>Aspilia pohlii</i>	(Schultz Bip. ex Baker) Baker	GO	Cerrado
Asteraceae	<i>Aspilia procumbens</i>	Baker	RN	Mata

				Atlântica
Asteraceae	<i>Chaptalia arechavaletae</i>	Hieron. ex Arechav.	RS	Pampa
Asteraceae	<i>Hysterionica pinnatisecta</i>	Matzenb & Sobral	SC	Mata Atlântica / Pampa
Asteraceae	<i>Lychnophora ericoides</i> (Arnica, arnica-da-serra)	Mart.	GO, MG, SP	Cerrado
Asteraceae	<i>Senecio caparoensis</i>	Cabrera	MG	Mata Atlântica
Asteraceae	<i>Senecio promatensis</i>	Matzenb.	RS	Pampa
Asteraceae	<i>Senecio ramboanus</i>	Cabrera	RS	Pampa
Asteraceae	<i>Viguiera aspilioides</i>	Baker	PR	Cerrado
Asteraceae	<i>Viguiera corumbensis</i>	Malme	MS, MT	Cerrado
Asteraceae	<i>Viguiera guaranítica</i>	Chodat	RS	Mata Atlântica
Asteraceae	<i>Viguiera hilairei</i>	Blake	MG	Cerrado
Asteraceae	<i>Viguiera paranensis</i>	(Malme) J.U.Santos	PR	Mata Atlântica
Begoniaceae	<i>Begonia jureiensis</i>	S. J. Gomes da Silva & Mamede	SP	Mata Atlântica
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma magnoalatum</i>	Scud.	MG	Mata Atlântica
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma ubatubense</i>	Assis & Semir	SP	Mata Atlântica
Bignoniaceae	<i>Digomphia densicoma</i>	(Mart. ex DC.) Pilg.	AM	Amazônia
Bignoniaceae	<i>Jacaranda carajasensis</i>	A.H.Gentry	PA	Amazônia
Bignoniaceae	<i>Jacaranda crassifolia</i>	Morawetz	RJ	Mata Atlântica
Bignoniaceae	<i>Jacaranda intricata</i>	A.H.Gentry & Morawetz	GO	Cerrado
Bignoniaceae	<i>Jacaranda rugosa</i>	A.H.Gentry	PE	Caatinga
Bignoniaceae	<i>Jacaranda subalpina</i>	Morawetz	RJ, SP	Mata Atlântica

Bignoniaceae	<i>Tabebuia botelhensis</i>	A.H.Gentry	RJ, SP	Mata Atlântica
Bignoniaceae	<i>Tabebuia selachidentata</i>	A.H.Gentry	BA	Caatinga
Blechnaceae	<i>Blechnum andinum</i>	(Baker) C.Chr.	MG, RJ	Mata Atlântica
Blechnaceae	<i>Blechnum mochaenum var. squamipes</i>	(Hieron.) de la Sota	RS, SC	Mata Atlântica / Pampa
Blechnaceae	<i>Blechnum sprucei</i>	C.Chr.	MG	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea apocalyptica</i>	Reitz	PR, SC, SP	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea blumenavii</i>	Reitz	SC	Mata Atlântica

	(Gravatá, monjola, bromélia)			
Bromeliaceae	<i>Aechmea cariocae</i>	L.B.Sm	BA	Caatinga / Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea eurycorymbus</i>	Harms	PA, PE	Caatinga / Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea kleinii</i> (Gravatá, monjola, bromélia)	Reitz	SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea muricata</i>	(Arruda) L.B.Sm.	AL, PE	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea pimenti-velosoi</i> (Gravatá, monjola, bromélia)	Reitz	SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea werdermannii</i>	Harms	PE	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Aechmea winkleri</i>	Reitz	RS	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Billbergia alfonsi-joannis</i> (Poço-de-jacó, gravatá, monjola, bromélia)	Reitz	ES, SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Canistrum fosterianum</i>	L.B.Sm.	BA	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus burle-marxii</i>	Leme	PE	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus fosterianus*</i>	L.B.Sm.	PE	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Dyckia agudensis</i>	Irgang e Sobral	RS	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Dyckia alba</i>	S.Winkl.	RS	Pampa

Bromeliaceae	<i>Dyckia cabreræ</i>	L.B.Smith et Reitz	SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Dyckia distachya</i> (Gravatá, bromelia)	Hassl.	RS, SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Dyckia elisabethæ</i>	S.Winckl.	RS	Pampa
Bromeliaceae	<i>Dyckia hatschbachii</i> (Gravatá, bromélia)	L.B.Sm.	PR	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Dyckia ibiramensis</i> (Gravatá, bromélia)	Reitz	SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Fernseea itatiaiae</i>	Baker	MG, RJ, SP	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Guzmania monostachia</i>	Rusby ex Mez	CE	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Hohenbergia castellanosi</i>	L.B.Sm. & R.W.Read	BA	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Hohenbergia correia-araujo</i>	E.Pereira & Moutinho	BA	Mata Atlântica

Bromeliaceae	<i>Hohenbergia littoralis</i>	L.B.Sm.	BA	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Neoregelia binotti*</i>	(Antoine) L.B.Sm.	SP	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Nidularium bocainensis</i>	Leme	SP	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Nidularium utriculosum*</i>	Ule	ES	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Orthophytum amoenum</i>	(Ule) L.B.Sm.	BA	Caatinga
Bromeliaceae	<i>Portea grandiflora</i>	Philcox	BA	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Portea kermesina</i>	K.Kock	BA	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Tillandsia afonsoana</i>	T. Strehl	RS	Pampa
Bromeliaceae	<i>Vriesea biguassuensis</i> (Gravatá, monjolinha, bromélia)	Reitz	SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Vriesea brusquensis</i> (Gravatá, monjola, bromélia)	Reitz	PR, SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Vriesea cearensis</i>	L.B.Sm.	CE	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Vriesea muelleri</i> (Gravatá)	Mez	PR, SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Vriesea pinottii</i> (Gravatá, monjola, bromélia)	Reitz	PR, SC	Mata Atlântica
Bromeliaceae	<i>Vriesea triangularis</i> (Gravatá, monjolinha, bromélia)	Reitz	SC	Mata Atlântica
Bruchiaceae	<i>Pringleella subulata</i>	(Müll.Hal.) Broth.	MG, RJ	Mata Atlântica
Burseraceae	<i>Bursera simaruba</i>	(L.) Sarg.	AM	Amazônia
Burseraceae	<i>Trattinnickia ferruginea</i> (Almacega)	Kuhlm.	MG	Mata Atlântica
Burseraceae	<i>Trattinnickia mensalis</i> (Amescla-tapina, amescla)	Daly	BA, ES	Mata Atlântica
Cactaceae	<i>Arthrocereus melanurus</i> <i>ssp odurus</i>	(F. Ritter) N. P. Taylor & Zappi	MG	Cerrado
Cactaceae	<i>Arthrocereus rondonianus</i>	Backeb. & Voll	MG	Cerrado
Cactaceae	<i>Brasilicereus markgrafii</i>	Backeb. & Voll	MG	Caatinga / Cerrado
Cactaceae	<i>Cipocereus crassisepalus</i>	(Buining & Brederoo) Zappi & N.P.Taylor	MG	Cerrado
Cactaceae	<i>Cipocereus laniflorus</i>	N. P. Taylor & Zappi	MG	Cerrado / Mata Atlântica

Cactaceae	<i>Cipocereus pusilliflorus</i>	(F.Ritter) Zappi & N.P.Taylor	MG	Caatinga / Cerrado
Cactaceae	<i>Coleocephalocereus fluminensis ssp. decumbens</i>	(F. Ritter) N.P. Taylor & D.C. Zappi	MG	Mata Atlântica
Cactaceae	<i>Coleocephalocereus purpureus</i>	(Buining & Brederoo) F.Ritter	MG	Caatinga
Cactaceae	<i>Discocactus horstii</i>	Buining & Brederoo	MG	Caatinga / Cerrado
Cactaceae	<i>Echinopsis calochlora</i>	K.Schum.	MS	Cerrado / Pantanal
Cactaceae	<i>Espostopsis dybowskii</i>	(Rol.-Goss.) Buxb.	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Facheiroa cephalimelana ssp estevesii</i>	(P.J. Braun) N. P. Taylor & Zappi	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Melocactus azureus</i>	Buining & Brederoo	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Melocactus deinacanthus</i>	Buining & Brederoo	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Melocactus glaucescens</i>	Buining & Brederoo	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Melocactus pachyacanthus</i>	Buining & Brederoo	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Melocactus violaceus ssp. ritteri</i>	N.P.Taylor	BA	Mata Atlântica
Cactaceae	<i>Micranthocereus auriazureus</i>	Buining & Brederoo	MG	Caatinga / Cerrado
Cactaceae	<i>Micranthocereus polyanthus</i>	(Werderm.) Backeb.	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Micranthocereus streckeri</i>	Van Heek & Van Criekeinge	BA	Caatinga
Cactaceae	<i>Pilosocereus aurisetus ssp. aurilanatus</i>	(F.Ritter) D.C.Zappi	MG	Cerrado
Cactaceae	<i>Pilosocereus azulensis</i>	N. P. Taylor & Zappi	MG	Caatinga
Cactaceae	<i>Pilosocereus brasiliensis ssp. brasiliensis</i>	(Britton & Rose) Backeb.	ES, RJ	Mata Atlântica
Cactaceae	<i>Rhipsalis cereoides</i>	(Backeb. & Voll) Backeb.	ES, RJ	Mata Atlântica
Cactaceae	<i>Tacinga braunii</i>	Esteves	MG	Caatinga
Cactaceae	<i>Uebelmannia buiningii</i>	Donald	MG	Cerrado
Cactaceae	<i>Uebelmannia gummifera</i>	(Backeb. & Voll) Backeb.	MG	Cerrado
Cactaceae	<i>Uebelmannia pectinifera ssp. pectinifera</i>	Buining	MG	Cerrado
Celastraceae	<i>Maytenus rupestris</i>	Pirani & Carvalho-Okano	MG	Cerrado
Celastraceae	<i>Salacia mosenii</i>	A.C.Sm.	RJ, SP	Mata Atlântica
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella insignis</i>	Briq. ex Prance	BA, ES, RJ	Mata Atlântica
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella parviunguis</i>	Prance	BA	Mata Atlântica

Chrysobalanaceae	<i>Hirtella santosii</i>	Prance	BA	Mata Atlântica
Chrysobalanaceae	<i>Licania aracaensis</i>	Prance	AM	Amazônia
Chrysobalanaceae	<i>Licania bellingtonii</i>	Prance	RO	Amazônia
Chrysobalanaceae	<i>Licania indurata</i> (Milho-cozido)	Pilg.	SP	Mata Atlântica
Chrysobalanaceae	<i>Parinari brasiliensis</i>	(Schott) Hook. f.	MG, RJ	Mata Atlântica
Combretaceae	<i>Buchenavia pabstii</i>	Marquete & Valente	BA, ES	Mata Atlântica
Combretaceae	<i>Buchenavia rabelloana</i> (Piqui-merindiba)	N.F.Mattos	ES, SP	Mata Atlântica
Combretaceae	<i>Terminalia acuminata</i>	(Fr. All.) Eichl.	RJ	Mata Atlântica
Connaraceae	<i>Rourea pseudospadicea</i>	G.Schellenb.	SP	Cerrado / Mata Atlântica
Convolvulaceae	<i>Ipomoea carajasensis</i>	D.Austin	PA	Amazônia
Convolvulaceae	<i>Ipomoea cavalcantei</i>	D.Austin	PA	Amazônia
Convolvulaceae	<i>Ipomoea macedoi</i>	Hoehne	MG	Cerrado
Costaceae	<i>Costus cuspidatus</i>	(Nees & Mart.) P.J.M.Maas	BA, ES, RJ	Mata Atlântica
Costaceae	<i>Costus fragilis</i>	Maas	PA	Amazônia
Costaceae	<i>Costus fusiformis</i>	Maas	PA	Amazônia
Cyperaceae	<i>Bulbostylis distichoides</i>	Lye	BA	Cerrado
Cyperaceae	<i>Bulbostylis nesiotis</i>	(Hemsl.) C.B.Clarke	ES	Mata Atlântica
Cyperaceae	<i>Bulbostylis smithii</i>	Barros	MG	Cerrado
Cyperaceae	<i>Pleurostachys angustifolia</i>	Boeck.	RJ	Mata Atlântica
Cyperaceae	<i>Rhynchospora warmingii</i>	Boeck.	BA	Caatinga
Dicksoniaceae	<i>Dicksonia sellowiana</i> (Xaxim, xaxim-imperial)	Hook.	MG, PR, RJ, RS, SC, SP	Mata Atlântica
Dicranaceae	<i>Atractylocarpus brasiliensis</i>	(Müll.Hal.) R.S.Williams	RJ	Mata Atlântica
Dicranaceae	<i>Atractylocarpus longisetus</i>	(Hook.) E.B.Bartram	RJ	Mata Atlântica
Dicranaceae	<i>Campylopus densicoma</i>	(Müll.Hal.) Paris	RJ	Mata Atlântica
Dilleniaceae	<i>Davilla glaziovii</i> (Erva-de-santa-luzia, cipó-caboco)	Eichler	RJ	Mata Atlântica
Ephedraceae	<i>Ephedra tweediana</i>	Fisch. & C.A.Mey.	RS	Mata Atlântica
Eriocaulaceae	<i>Actinocephalus cipoensis</i> **	(Silveira) Sano	MG	Cerrado

Eriocaulaceae	<i>Actinocephalus claussonianus</i>	(Koern.) Sano	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus crinitus</i>	Tissot-Squalli	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus extremensis</i>	Silveira	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus hydra</i>	Ruhland	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus rhizomatosus</i>	Silveira	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus scytophyllus</i>	Ruhland	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus bahiensis</i>	Moldenke	BA	Caatinga
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus brasiliana</i> (Brasiliana)	Giul.	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus elegans</i> (Sempre-viva, sempre-viva-pé-de-ouro)	(Bong.) Ruhland	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus harleyii</i>	Moldenke	BA	Caatinga
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus magnificus</i> (Sempre-viva-gigante)	Giul.	MG	Cerrado
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus mucugensis</i> (Sempre-viva-de-mucugê)	Giul.	BA	Caatinga
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus suberosus</i> (Margarida)	Giul.	MG	Cerrado
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum bezerrae</i> (Pirunga, maçarenga)	Plowman	CE, PI	Caatinga
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum catharinense</i>	Amaral	SC	Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum compressum</i>	Peyr.	BA	Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum distortum</i>	Mart.	BA	Caatinga / Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum lealcostae</i>	Plowman	BA	Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum mattosilvae</i>	Plowman	BA	Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum membranaceum</i>	Plowman	BA	Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum paufferense</i> (Guarda-orvalho, pau-crioulo)	Plowman	PB	Caatinga
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum substriatum</i>	O.E.Schulz	RS	Mata Atlântica
Erythroxyloaceae	<i>Erythroxyllum tianguanum</i>	Plowman	CE	Caatinga
Euphorbiaceae	<i>Dalechampia riparia</i>	L.B.Sm. & Downs	SC	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Aeschynomene</i>	Abruzzi de Oliveira	RS, SC	Mata

	<i>fructipendula</i>			Atlântica
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> var. <i>acreana</i> (Cerejeira, cumaru-de-cheiro, imburana-de-cheiro)	(Ducke) J.F. Macbr.	AC, MT, RO	Amazônia
Fabaceae	<i>Caesalpinia echinata</i> (Pau-brasil, pau-pernambuco, ibirapitanga)	Lam.	AL, BA, ES, PB, PE, RJ, RN, SP	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Dalbergia elegans</i>	A.M.Carvalho	ES	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Dalbergia nigra</i> (Jacarandá-da-bahia, jacarandá-cabiúna)	(Vell.) Allemão ex Benth.	BA, ES, MG, RJ, SP	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Dimorphandra wilsonii</i> (Faveiro-de-wilson)	Rizzini	MG	Cerrado
Fabaceae	<i>Grazilodendron riocense</i> (Peroba-candeia)	H.C.Lima	ES, RJ	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Machaerium obovatum</i> (Jacarandá)	Kuhl. & Hoehne	RJ	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Melanoxylon brauna</i> (Braúna, baraúna, graúna, braúna-preta, ibitaúva, maria-preta, muiraúna, rabo-de-macaco)	Schott	AL, BA, MG, PB, PE, RJ, SP	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Mimosa balduinii</i>	Burkart	RS	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Mimosa bracteolaris</i>	Benth.	RS	Pampa
Fabaceae	<i>Mimosa catharinensis</i>	Burkart	SC	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Mimosa heringeri</i>	Barneby	GO	Cerrado
Fabaceae	<i>Mimosa humifusa</i>	Benth.	MG	Cerrado
Fabaceae	<i>Mimosa montiscarasae</i>	Barneby	MG	Cerrado
Fabaceae	<i>Mimosa pabstiana</i>	Barneby	MG	Cerrado
Fabaceae	<i>Mimosa suburbana</i>	Barneby	GO	Cerrado
Fabaceae	<i>Peltogyne maranhensis</i> (Pau-roxo)	Huber ex Ducke	MA, PA	Amazônia
Fabaceae	<i>Swartzia glazioviana</i>	(Taub.) Glaz.	RJ	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Swartzia pickelii</i> (Jacarandá-branco)	Killip ex Ducke	AL, PB, PE	Mata Atlântica
Fabaceae	<i>Trifolium argentinense</i> (Trevo)	Speg.	RS	Pampa
Gentianaceae	<i>Prepusa hookeriana</i>	Gardner	RJ	Mata Atlântica

	(Cravinha-do-campo)			
Geocalycaceae	<i>Leptoscyphus gibbosus</i>	(J.Taylor) Mitt.	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Sinningia cardinalis</i> (Rainha-do-abismo, rainha-do-penhasco)	(Lehm.) H.E.Moore	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Sinningia cochlearis</i> (Rainha-do-abismo, dama- do-penhasco)	(Hook.) Chautems	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Sinningia guttata</i>	Lindl.	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Sinningia hirsuta</i>	(Lindl.) G.Nicholson	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Sinningia lindleyi</i>	Schauer	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Vanhouttea bradeana</i>	Hoehne	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Vanhouttea fruticulosa</i>	(Glaz. ex Hoehne) Chautems	RJ	Mata Atlântica
Gesneriaceae	<i>Vanhouttea lanata</i>	Fritsch	RJ	Mata Atlântica
Grammitidaceae	<i>Ceradenia warmingii</i>	(C.Chr.) Labiak	MG	Mata Atlântica
Grammitidaceae	<i>Terpsichore semihirsuta</i>	(Klotzsch) A.R.Sm.	RJ	Mata Atlântica
Heliconiaceae	<i>Heliconia angusta</i> (Bico-de-guará)	Vell.	ES, RJ	Mata Atlântica
Heliconiaceae	<i>Heliconia citrina</i>	Emygdio & Santos	RJ	Mata Atlântica
Heliconiaceae	<i>Heliconia farinosa</i>	Raddi	RJ	Mata Atlântica
Heliconiaceae	<i>Heliconia lacletteana</i>	Emygdio & Santos	RJ	Mata Atlântica
Heliconiaceae	<i>Heliconia sampaiona</i>	Emygdio	RJ	Mata Atlântica
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia elegans</i>	Ravenna	MG	Cerrado
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia gracilis</i>	Chukr	MG	Cerrado
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia synandra</i>	Ravenna	MG	Cerrado
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia tenuissima</i>	Ravenna	MG	Cerrado
Iridaceae	<i>Trimezia fistulosa</i> var. <i>fistulosa</i> (Trimesia-chifre-de-bode)	R.C.Foster	MG	Cerrado
Iridaceae	<i>Trimezia fistulosa</i> var. <i>longifolia</i> (Trimesia-chifre-de-bode)	Chukr	MG	Cerrado
Iridaceae	<i>Trimezia pusilla</i>	Ravenna	GO	Cerrado

Isoetaceae	<i>Isoetes brader**</i>	Herter	SP	Mata Atlântica
Isoetaceae	<i>Isoetes luetzelburgii</i>	U.Weber	PA, PB	Caatinga
Jungermanniaceae	<i>Jungermannia decolor</i>	Schiffn.	MG	Mata Atlântica
Lamiaceae	<i>Eriope machrisae</i>	(Epling) Harley	GO	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hesperozygis ringens</i>	(Benth.) Epling	RS	Pampa
Lamiaceae	<i>Hyptidendron claussenii</i>	(Benth.) Harley	MG	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis arenaria</i>	Benth.	TO	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis carvalhoi</i>	Harley	BA	Caatinga
Lamiaceae	<i>Hyptis frondosa</i>	S.Moore	MT	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis imbricatiformis</i>	Harley	GO	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis pachyphylla</i>	Epling	GO	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis penaeoides</i>	Taub.	GO	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis pinheroi</i>	Harley	BA	Caatinga
Lamiaceae	<i>Hyptis rhyptidiophylla</i>	Briq.	MG	Cerrado
Lamiaceae	<i>Hyptis simulans</i>	Epling	CE, MG, PE	Caatinga
Lamiaceae	<i>Hyptis tagetifolia</i>	Harley	GO	Cerrado
Lauraceae	<i>Aniba rosaeodora</i> (Pau-rosa, pau-rosa, itaúba)	Ducke	AM, AP, PA	Amazônia
Lauraceae	<i>Beilschmiedia rigida</i>	(Mez) Kosterm.	RJ	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Dicypellium caryophyllaceum</i> (Cravo-do-maranhão, pau-cravo, casca-preciosa)	(Mart.) Nees	PA	Amazônia
Lauraceae	<i>Ocotea basicordatifolia</i>	Vattimo-Gil	SP	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Ocotea bragae</i>	Coe-Teix.	SP	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Ocotea catharinensis</i> (Canela-preta)	Mez	PA, RS, SC	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Ocotea langsdorffii</i>	(Meisn.) Mez	BA, MG	Cerrado
Lauraceae	<i>Ocotea odorifera</i> (Canela-sassafrás, sassafráz)	(Vellozo) Rohwer	ES, MG, PR, RJ, RS, SC, SP	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Ocotea porosa</i> (Imbuia)	(Nees) Barroso	PR, RS, SC	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Persea punctata</i>	Meisn.	SP	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Phyllostemonodaphne geminiflora</i>	(Mez) Kosterm.	MG, RJ	Mata Atlântica
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne capixabensis</i>	Baitello & Coe-Teix.	ES	Mata Atlântica

	(Canela-do-nativo, oliveira-da-praia)			
Lecythidaceae	<i>Bertholletia excelsa</i> (Castanheira, castanheira-do-pará, castanheira-do-brasil)	Kunth	AC, AM, MA, PA, RO	Amazônia
Lecythidaceae	<i>Cariniana ianeirensis</i> (Jequitibá)	R. Knuth	RJ	Mata Atlântica
Lecythidaceae	<i>Cariniana parvifolia</i> (Jequitibá-cravinho)	S.A.Mori et al.	ES	Mata Atlântica
Lecythidaceae	<i>Couratari asterotricha</i>	Prance	ES	Mata Atlântica
Lecythidaceae	<i>Eschweilera piresii</i>	S.A.Mori	PA	Amazônia
Lecythidaceae	<i>Eschweilera rabeliana</i>	S.A.Mori	AP	Amazônia
Lejeuneaceae	<i>Blepharolejeunea securifolia</i>	(Steph.) R.M.Schust.	RJ	Mata Atlântica
Lejeuneaceae	<i>Bromeliophila natans</i>	(Steph.) R.M.Schust.	RJ, SP	Mata Atlântica
Lejeuneaceae	<i>Drepanolejeunea aculeata</i>	Bischler	RJ, SP	Mata Atlântica
Lejeuneaceae	<i>Myriocoleopsis fluviatilis</i>	(Steph.) E.Reiner & Gradst.	PR, SC, SP	Mata Atlântica
Lentibulariaceae	<i>Utricularia biovularioides</i>	(Kuhlm.) P.Taylor	GO	Cerrado
Lepidoziaceae	<i>Paracromastigum dusenii</i>	(Steph.) R.M.Schust.	RJ	Mata Atlântica
Loganiaceae	<i>Spigelia aceifolia</i>	Woodson	MG	Cerrado
Loganiaceae	<i>Spigelia cipoensis</i>	Zappi	MG	Cerrado
Lycopodiaceae	<i>Huperzia aqualupiana</i>	(Spring) Rothm.	MG	Cerrado
Lycopodiaceae	<i>Huperzia rubra</i>	(Cham. & Schlecht.) Trevis.	BA, MG	Cerrado
Lythraceae	<i>Cuphea adenophylla</i>	T.B.Cavalc.	MG	Cerrado
Lythraceae	<i>Cuphea cipoensis</i>	T.B.Cavalc.	MG	Cerrado
Lythraceae	<i>Cuphea teleandra</i>	Lourteig	MG	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon ericoides</i>	Lourteig	GO	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon glaziovii</i>	Koehne	MG	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon gracilis</i>	Koehne	TO	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon hatschbachii</i>	Lourteig	GO	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon minasensis</i>	Lourteig	MG	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon panniculatus</i>	Koehne	GO	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon retroimbricatus</i>	Koehne	GO	Cerrado
Lythraceae	<i>Diplusodon vidalii</i>	Lourteig	MG	Cerrado
Malpighiaceae	<i>Aspicarpa harleyi</i>	W.R.Anderson	BA	Cerrado
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon bradei</i>	C.E.Anderson	SP	Mata Atlântica

Malvaceae	<i>Calyptraemalva catharinensis</i>	Krapov.	SC	Mata Atlântica
Malvaceae	<i>Cienfuegosia hasslerana</i>	Hochr. ex Chod. & Hassler	RS	Pampa
Malvaceae	<i>Pavonia alnifolia</i>	A.St.-Hil.	RJ	Mata Atlântica
Melastomataceae	<i>Cambessedesia hermogenesii</i>	A.B.Martins	BA	Cerrado
Melastomataceae	<i>Eriocnema acaulis</i>	Triana	MG	Mata Atlântica
Melastomataceae	<i>Eriocnema fulva</i>	Naudin	MG	Mata Atlântica
Melastomataceae	<i>Lavoisiera itambana</i>	DC.	MG	Cerrado
Melastomataceae	<i>Marcetia oxycoccoides</i>	Wurdack & A.B.Martins	BA	Cerrado
Melastomataceae	<i>Merianthera burlemarxii</i>	Wurdack	ES	Mata Atlântica
Melastomataceae	<i>Ossaea warmingiana</i>	Cogn.	DF, MG	Cerrado
Melastomataceae	<i>Tibouchina bergiana</i>	Cogn.	MG	Cerrado
Melastomataceae	<i>Tibouchina quartzofila</i>	Brade	ES	Mata Atlântica
Meliaceae	<i>Swietenia macrophylla</i> (Mogno, águano, caóba)	King	AC, AM, MA, MT, PA, RO, TO	Amazônia
Monimiaceae	<i>Macropeplus friburgensis</i>	(Perkins) I.Santos & Peixoto	RJ	Mata Atlântica
Monimiaceae	<i>Macrotorus utriculatus</i>	(Mart. ex Tul.) Perkins	BA, ES, RJ, SP	Mata Atlântica
Monimiaceae	<i>Mollinedia boracensis</i>	Peixoto	SP	Mata Atlântica
Monimiaceae	<i>Mollinedia gilgiana</i>	Perkins	ES, RJ,	Mata Atlântica

Monimiaceae	<i>Mollinedia glabra</i>	Perkins	ES, RJ	Mata Atlântica
Monimiaceae	<i>Mollinedia lamprophylla</i> (Erva-santa)	Perkins	ES, RJ	Mata Atlântica
Monimiaceae	<i>Mollinedia longicuspidata</i>	Perkins	RJ	Mata Atlântica
Monimiaceae	<i>Mollinedia stenophylla</i>	Perkins	RJ	Mata Atlântica
Moraceae	<i>Brosimum glaucum</i>	Taub.	MG	Mata Atlântica
Moraceae	<i>Dorstenia elata</i> (Caiapiá-grande)	Hook.	BA, ES, MG, RJ	Mata Atlântica
Moraceae	<i>Dorstenia fischeri</i> (Caiapiá)	Bureau	RJ	Mata Atlântica

Moraceae	<i>Dorstenia tenuis</i> (Violeta-da-montanha, violeta-montes)	Bonpl. Ex Bureau	PR, SC	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Calyptranthes pereireana</i>	Mattos & D.Legrand	RJ	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Calyptranthes restingae</i>	Sobral	BA	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Eugenia itacarensis</i>	Mattos	BA	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Eugenia villae-novae</i>	Kiaerksk.	RJ	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Myrcia follii</i>	G.M.Barroso & Peixoto	ES	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Myrcia gilsoniana</i>	G.M.Barroso & Peixoto	ES	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Myrcia isaiana</i>	G.M.Barroso & Peixoto	ES	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Neomitranthes nitida</i>	Mattos	SP	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Neomitranthes pedicellata</i>	(Burret) Mattos	SP	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Plinia callosa</i>	Sobral	BA	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Plinia hatschbachii</i>	(Mattos) Sobral	PR	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Plinia ilhensis</i>	G.M.Barroso	RJ	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Plinia rara</i>	Sobral	BA	Mata Atlântica
Myrtaceae	<i>Plinia renatiana</i>	G.M.Barroso & Peixoto	ES	Mata Atlântica
Ochnaceae	<i>Ouratea luschnathiana</i>	(Tiegh) K.Yamam.	RJ	Mata Atlântica
Oleaceae	<i>Chionanthus subsessilis</i>	(Eichler) P.S.Green	MG	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Campylocentrum pernambucense</i>	Hoehne	AL, PE	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Catasetum uncatum</i> (Rabo-de-tatu)	Rolfe	PE	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Cattleya dormaniana</i> (Catléia)	Rchb.f.	RJ	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Cattleya granulosa</i>	Lindl.	AL, BA, ES, PB, PE, RN	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Cattleya labiata</i> (Catléia, parasita-roxa)	Lindl.	AL, CE, PB, PE, SE	Caatinga / Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Cattleya schilleriana</i>	Rchb.f.	BA, ES	Mata Atlântica

Orchidaceae	<i>Cattleya tenuis</i>	M.A.Campacci & P.L.Vedovello	BA	Caatinga
Orchidaceae	<i>Cattleya velutina</i> (Catléia)	Rchb.f.	ES, MG, RJ, SP	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Cattleya warneri</i>	T.Moore	BA, ES, MG	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Chaubardia heloisae</i>	(Ruschi) Garay	ES	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Cleisthes carautae</i>	Toscano Brito & Leon	MG	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Constantia cipoensis</i>	Porto & Brade	MG	Cerrado
Orchidaceae	<i>Constantia microscopica</i>	F.E.L.Miranda	MG	Cerrado
Orchidaceae	<i>Galeandra curvifolia</i>	Barb.Rodr.	PA	Amazônia
Orchidaceae	<i>Habenaria itacolumia</i>	Garay	MG	Cerrado
Orchidaceae	<i>Masdevallia gomesii-ferreirae</i>	Pabst	PE	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Pabstia schunkiana</i>	V.P.Castro	ES	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Phragmipedium lindleyanum</i> (Sapatinho)	(R.H.Schomb. ex Lindl.) Rolfe	AL, BA, PE	Caatinga / Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Phragmipedium vittatum</i> (Sapatinho)	(Vell.) Rolfe	DF, GO, MG, PR, RJ, SP	Cerrado / Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Pleurothallis gomesii-ferreirae</i>	Pabst	AL, PE	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Pseudolaelia cipoensis</i>	Pabst	MG	Cerrado
Orchidaceae	<i>Pseudolaelia citrina</i>	Pabst	ES, MG	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Scuticaria itirapinensis</i>	Pabst	SP	Cerrado
Orchidaceae	<i>Sophronitis brevipedunculata</i>	(Cogn.) Fowlie	MG	Cerrado
Orchidaceae	<i>Sophronitis endsfeldzii</i>	(Pabst) van den Berg & M.W.Chase	MG	Cerrado
Orchidaceae	<i>Sophronitis fidelensis</i> (Lélia-de-são-fidelis)	(Pabst) C.Berg & M.W.Chase	RJ	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis jongheana</i> (Lélia)	(Rchb.f.) van den Berg & M.W.Chase	MG	Cerrado / Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis kautskyi</i>	(Pabst) van den Berg & M.W.Chase	ES	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis lobata</i>	(Lindl.) van den Berg & M. W. Chase	RJ	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis perrinii</i>	(Lindl.) van den Berg & M. W. Chase	ES, MG, RJ	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis tenebrosa</i>	(Rolfe) van den Berg & M.W.Chase	BA, ES	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis virens</i>	(Lindl.) C.Berg &	ES, MG, RJ	Mata

	(Lélia-verde)	M.W.Chase		Atlântica
Orchidaceae	<i>Sophronitis xanthina</i>	(Lindl.) van den Berg & M. W. Chase	BA, ES	Mata Atlântica
Orchidaceae	<i>Thelyschista ghillanyi</i>	(Pabst) Garay	BA	Caatinga
Orobanchaceae	<i>Magdalenaea limae</i>	Brade	RJ	Mata Atlântica
Orobanchaceae	<i>Nothochilus coccineus</i>	Radlk.	ES, MG	Mata Atlântica
Passifloraceae	<i>Passiflora hatschbachii</i>	Cervi	MG	Mata Atlântica
Passifloraceae	<i>Passiflora imbeana</i>	Sacco	RJ	Mata Atlântica
Passifloraceae	<i>Passiflora ischnoclada</i>	Harms	SP	Mata Atlântica
Passifloraceae	<i>Passiflora margaritae</i>	Sacco	ES	Mata Atlântica
Passifloraceae	<i>Passiflora saccoi</i>	Cervi	MG	Cerrado
Phytolaccaceae	<i>Microtea bahiensis</i>	Marchior. & J.C.Siqueira	BA	Mata Atlântica
Picramniaceae	<i>Picramnia coccinea</i>	W.W. Thomas	BA	Mata Atlântica
Plagiochilaceae	<i>Plagiochila boryana</i>	Gottsche ex Steph.	RJ	Mata Atlântica
Plantaginaceae	<i>Angelonia alternifolia</i>	V. C. Souza	TO	Cerrado
Plantaginaceae	<i>Ildefonsia bibracteata</i>	Gardner	RJ	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Anomochloa marantoidea</i>	Brongn.	BA	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Axonopus carajasensis</i>	M.N.C.Bastos	PA	Amazônia
Poaceae	<i>Chusquea pulchella</i>	L.G.Clark	SP	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Glaziophyton mirabile</i>	Franch	RJ	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Gymnopogon doellii</i>	Boechat & Valls	DF, GO, MG	Cerrado
Poaceae	<i>Olyra latispicula</i>	Soderstr. & Zuloaga	BA	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Panicum brachystachyum</i>	Trin.	MG	Cerrado
Poaceae	<i>Paspalum biaristatum</i>	Filg. & Davidse	GO	Cerrado
Poaceae	<i>Paspalum longiaristatum</i>	Davidse & Filg.	GO	Cerrado
Poaceae	<i>Paspalum niquelandiae</i>	Filg.	GO	Cerrado
Poaceae	<i>Piptochaetium palustre</i>	Mujica-Salles & Longhi-Wagner	SC	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Raddia angustifolia</i>	Soderstr. & Zuloaga	BA	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Sucrea sampaiana</i>	(Hitchc.) Soderstr.	ES, RJ	Mata Atlântica
Poaceae	<i>Thrasypopsis jurgensii</i>	(Hack.) Soderstr. ex	PR, RS, SC	Pampa /

		A.G.Burman		Mata Atlântica
Podostemaceae	<i>Mourera fluviatilis</i>	Aubl.	AP, PE, RR, SP	Amazônia / Mata Atlântica
Podostemaceae	<i>Podostemum saldanhanum</i>	(Warm.) C.T.Philbrick & A.Novelo	RJ	Mata Atlântica
Polygalaceae	<i>Polygala franchetii</i>	Chodat	DF, GO	Cerrado
Pottiaceae	<i>Erythrophyllastrum andinum</i>	(Sull.) R.H.Zander	PR	Mata Atlântica
Pottiaceae	<i>Leptodontium wallisii</i>	(Müll.Hal.) Kindb.	RJ	Mata Atlântica
Proteaceae	<i>Euplassa nebularis</i>	Rambo & Sleumer	RS	Pampa
Pteridaceae	<i>Adiantum diphyllum</i>	(Fée) Maxon	BA	Mata Atlântica
Pteridaceae	<i>Cheilanthes incisa</i>	Kunze ex Mett.	RJ	Mata Atlântica
Pteridaceae	<i>Eriosorus flexuosus</i>	(Humb. & Bonpl. ex Kunth) Copel.	MG, SP	Cerrado / Mata Atlântica
Pteridaceae	<i>Eriosorus rufescens</i>	(Fée) A.F.Tryon	RJ	Mata Atlântica
Pteridaceae	<i>Pellaea gleichenioides</i>	(Hook.) Christ	MG	Cerrado
Ricciaceae	<i>Riccia ridleyi</i>	A.Gepp	PE	Caatinga
Rubiaceae	<i>Erithalis insularis</i>	(Ridl.) Zappi & T.S.Nunes	PE	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Faramea bahiensis</i>	Müll.Arg.	BA, ES	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Faramea coerulea</i>	(Nees & Mart.) DC.	BA	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Galianthe souzae</i>	E. L. Cabral & Bacigalupo	SP	Cerrado
Rubiaceae	<i>Guettarda leae</i>	Ridl.	PE	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Hindsia glabra</i>	K.Schum.	RJ	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Hindsia ibitipocensis</i>	Di Maio	MG	Cerrado
Rubiaceae	<i>Hindsia violacea**</i>	Benth.	RJ	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Melanopsidium nigrum</i>	Colla	BA, ES, RJ	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Mitracarpus rigidifolius</i>	Standl.	BA	Cerrado
Rubiaceae	<i>Rudgea interrupta</i>	Benth.	RJ	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Rudgea macrophylla</i>	Benth.	RJ	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Rudgea pachyphylla</i>	Müll.Arg.	RJ, SP	Mata Atlântica

Rubiaceae	<i>Rudgea parvifolia</i>	(Cham.) Müll.Arg.	RJ	Mata Atlântica
Rubiaceae	<i>Staelia hatschbachii</i>	J.H.Kirkbr.	MG	Cerrado
Rutaceae	<i>Almeidea coerulea</i>	(Nees & Mart.) A.St.-Hil.	BA	Mata Atlântica
Rutaceae	<i>Conchocarpus bellus</i>	Kallunki	ES	Mata Atlântica
Rutaceae	<i>Euxylophora paraensis</i> (Pau-amarelo, paucetin, amarelão, espinheiro)	Huber	AC, AM, MA, PA	Amazônia
Rutaceae	<i>Metrodorea maracasana</i>	Kaastra	BA	Mata Atlântica
Rutaceae	<i>Nycticalanthus speciosus</i>	Ducke	AM	Amazônia
Rutaceae	<i>Pilocarpus alatus</i>	C. J. Joseph ex Skorupa	MA, PA	Amazônia
Rutaceae	<i>Pilocarpus jaborandi</i> (Jaborandi, jaborandi-de- pernambuco, arruda-do-mato, jaborandi-branco)	Holmes	CE, PE	Mata Atlântica
Rutaceae	<i>Pilocarpus microphyllus</i> (Jaborandi-legítimo, jaborandi-do-maranhão)	Stapf ex Wardleworth	PA, MA, PI	Cerrado
Rutaceae	<i>Pilocarpus trachylophus</i> (Jaborandi-do-ceará, arruda- do-mato)	Holmes	BA, CE, MG	Cerrado
Rutaceae	<i>Raulinoa echinata</i>	R.S.Cowan	SC	Mata Atlântica
Santalaceae	<i>Acanthosyris pauloalvimii</i> (Mata-cacau)	G.M.Barroso	BA	Mata Atlântica
Sapindaceae	<i>Talisia subalbans</i> (Cascudo)	(Mart.) Radlk.	MT	Cerrado
Sapotaceae	<i>Pouteria psammophila</i> var. <i>xestophylla</i>	(Miq.) Baehni	BA, ES, RJ, SE, SP	Mata Atlântica
Scrophulariaceae	<i>Buddleja speciosissima</i>	Taub.	MG, RJ	Mata Atlântica
Siparunaceae	<i>Siparuna tenuipes</i> (Limoeiro-bravo)	Perkins	SP	Mata Atlântica
Solanaceae	<i>Cestrum tubulosum</i>	Sendtn.	SP	Cerrado
Solanaceae	<i>Nicotiana mutabilis</i>	Stehmann & Semir	RS	Mata Atlântica
Solanaceae	<i>Nierembergia pinifolia</i>	Miers	RS	Pampa
Solanaceae	<i>Petunia reitzii</i>	L.B.Sm. & Downs	SC	Mata Atlântica
Solanaceae	<i>Petunia saxicola</i>	L.B.Sm. & Downs	SC	Mata Atlântica
Solanaceae	<i>Schwenckia lateriflora</i>	(Vahl) Carvalho	RJ	Mata Atlântica

Solanaceae	<i>Schwenckia novaveneciana</i>	Carvalho	ES	Mata Atlântica
Solanaceae	<i>Solanum arenarium</i>	Sendtn.	RS	Pampa / Mata Atlântica

Solanaceae	<i>Solanum bahianum</i>	S.Knapp	BA	Mata Atlântica
Solanaceae	<i>Solanum spissifolium**</i>	Sendtn.	SP	Mata Atlântica
Symplocaceae	<i>Symplocos altissima**</i>	Brand	RJ	Mata Atlântica
Symplocaceae	<i>Symplocos neglecta**</i>	Brand	RJ	Mata Atlântica
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris novaeana</i>	(Brade) Ponce	ES	Mata Atlântica
Theophrastaceae	<i>Jacquinia brasiliensis</i> (Barbasco, pimenteira, tingui)	Mez	AL, BA, CE, ES, PB, PE, PI, RJ, RN, SE	Mata Atlântica
Trigoniaceae	<i>Trigoniadendron spiritusanctense</i>	E.F.Guim. & Miguel	ES	Mata Atlântica
Verbenaceae	<i>Lippia bromleyana</i>	Moldenke	BA	Caatinga
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta procumbens</i>	Moldenke	MG	Cerrado
Violaceae	<i>Hybanthus albus</i>	(A.St.-Hil.) Baill.	BA, MG	Caatinga
Vitaceae	<i>Cissus inundata</i>	(Baker) Planch.	MG	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris almae</i>	Kral & Wand.	BA	Caatinga
Xyridaceae	<i>Xyris augusto-coburgi</i>	Szyszl. ex G.Beck	RJ, SP	Mata Atlântica
Xyridaceae	<i>Xyris cipoensis</i> (Coroinha)	L.B.Sm. & Downs	MG	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris coutensis</i> (Cacau, coroa-cacau)	Wand. & Cerati	MG	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris hystrix</i> (Coroa)	Seub.	MG	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris morii</i>	Kral & L.B.Sm.	BA	Caatinga
Xyridaceae	<i>Xyris nigricans</i> (Coroa)	L.A.Nilsson	MG	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris phaeocephala</i>	Kral & Wand.	BA	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris platystachya</i>	L.A.Nilsson	MG	Cerrado
Xyridaceae	<i>Xyris retrorsifimbriata</i>	Kral & L.B.Sm.	BA	Cerrado

* Presumivelmente extinta na natureza.

** Presumivelmente extinta.

Anexo II

Lista de Espécies da Flora Brasileira com Deficiência de Dados

Família	Espécie	Autor
Acanthaceae	<i>Staurogyne elegans</i>	(Nees) Kuntze
Acanthaceae	<i>Staurogyne itatiaiae</i>	(Wawra) Leonard
Acanthaceae	<i>Staurogyne vauthieriana</i>	(Nees) Kuntze
Acanthaceae	<i>Stenandrium hatschbachii</i>	Wassh.
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria amabilis</i>	M.C.Assis
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria apertiflora</i>	Baker
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria brasiliensis</i>	Spreng.
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria malmeana</i>	Kraenzl.
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria orchidioides</i>	Meerow, Tombolato & F.W.Mey.
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria penduliflora</i>	M.C.Assis
Alstroemiaceae	<i>Alstroemeria variegata</i>	M.C.Assis
Amaranthaceae	<i>Alternanthera decurrens</i>	J.C.Siqueira
Amaranthaceae	<i>Alternanthera januarensis</i>	J.C.Siqueira
Amaranthaceae	<i>Froelichiella grisea</i>	(Lopr.) R.E.Fr.
Amaranthaceae	<i>Gomphrena centrota</i>	E.Holzh.
Amaranthaceae	<i>Gomphrena nigricans</i>	Mart.
Amaranthaceae	<i>Gomphrena riparia</i>	Pedersen
Amaryllidaceae	<i>Cooperia brasiliensis</i>	Traub
Amaryllidaceae	<i>Griffinia aracensis</i>	Ravenna
Amaryllidaceae	<i>Griffinia espiritensis</i>	Ravenna
Amaryllidaceae	<i>Griffinia gardneriana</i>	(Herb.) Ravenna
Amaryllidaceae	<i>Griffinia nocturna</i>	Ravenna
Amaryllidaceae	<i>Griffinia parviflora</i>	Ker Gawl
Amaryllidaceae	<i>Griffinia paubrasilica</i>	Ravenna
Amaryllidaceae	<i>Griffinia rochae</i>	G.M.Morel
Amaryllidaceae	<i>Habranthus irwinianus</i>	Ravenna
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum angustifolium</i>	Pax
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum breviflorum</i>	Herb.
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum goianum</i>	(Ravenna) Meerow
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum leucobasis</i>	(Ravenna) Dutilh
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum papilio</i>	(Ravenna) Van Scheepen
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum psittacinum</i>	(Ker Gawler) Herb.
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum reginae</i>	Herb.
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum santacatarina</i>	(Traub) Dutilh.
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum vittatum</i>	Herb.
Amaryllidaceae	<i>Zephyranthes caerulea</i>	(Griseb.) Baker
Amaryllidaceae	<i>Zephyranthes candida</i>	(Lindl.) Herb.

Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Schott ex Spreng
Anacardiaceae	<i>Cyrtocarpa caatingae</i>	J.D.Mitch. & Daly
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon balansae</i>	(Engl.) Santin
Anacardiaceae	<i>Schinopsis brasiliensis var glabra</i>	Engl.
Annonaceae	<i>Anaxagorea sylvatica</i>	R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Annona burchellii</i>	R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Duguetia magnolioides</i>	Maas
Annonaceae	<i>Duguetia restingae</i>	Maas
Annonaceae	<i>Duguetia reticulata</i>	Maas
Annonaceae	<i>Duguetia salicifolia</i>	R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Duguetia scottmorii</i>	Maas
Annonaceae	<i>Duguetia sooretamae</i>	Maas
Annonaceae	<i>Guatteria reflexa</i>	R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Guatteria xylopioides</i>	R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Hornschurchia alba</i>	(A.St.-Hil.) R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Hornschurchia cauliflora</i>	Mass & van Setten
Annonaceae	<i>Hornschurchia obliqua</i>	Maas & van Setten
Annonaceae	<i>Malmea obovata</i>	R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Rollinia ferruginea</i>	(R.E.Fr.) Maas & Westra
Annonaceae	<i>Rollinia maritima</i>	Záchia
Annonaceae	<i>Trigynaea axilliflora</i>	D.M.Johnson & N.A.Murray
Annonaceae	<i>Unonopsis riedeliana</i>	R.E.Fr.
Apocynaceae	<i>Barjonia harleyi</i>	Fontella
Apocynaceae	<i>Ditassa abortiva</i>	E.Fourn.
Apocynaceae	<i>Ditassa auriflora</i>	Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa bifurcata</i>	Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa cipoensis</i>	(Fontella) Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa cordeiroana</i>	Fontella
Apocynaceae	<i>Ditassa diamantinensis</i>	Fontella
Apocynaceae	<i>Ditassa grazielae</i>	(Fontella & Marquete) Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa inconspicua</i>	Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa itambensis</i>	Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa laevis</i>	Mart.
Apocynaceae	<i>Ditassa leonii</i>	Fontella
Apocynaceae	<i>Ditassa magisteriana</i>	Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa monocoronata</i>	Rapini
Apocynaceae	<i>Ditassa polygaloides</i>	Silveira
Apocynaceae	<i>Ditassa refractifolia</i>	K.Schum.
Apocynaceae	<i>Ditassa semiri</i>	(Fontella) Rapini
Apocynaceae	<i>Hemipogon furlanii</i>	(Fontella) Rapini

Apocynaceae	<i>Hemipogon harleyi</i>	(Fontella) Goyder
Apocynaceae	<i>Hemipogon hatschbachii</i>	(Fontella & Marquete) Rapini
Apocynaceae	<i>Hemipogon piranii</i>	(Fontella) Rapini
Apocynaceae	<i>Marsdenia queirozii</i>	Fontella
Apocynaceae	<i>Mateleia bahiensis</i>	Morillo & Fontella
Apocynaceae	<i>Mateleia santosii</i>	Morillo & Fontella
Apocynaceae	<i>Metastelma giuliettianum</i>	Fontella
Apocynaceae	<i>Oxypetalum leonii</i>	Fontella
Aquifoliaceae	<i>Ilex auricula</i>	S.Andrews
Aquifoliaceae	<i>Ilex loranthoides</i>	Mart.
Aquifoliaceae	<i>Ilex prostrata</i>	Grosso
Araceae	<i>Anthurium bromelicola</i> ssp. <i>Bromelicola</i>	Mayo & L. P. Félix
Araceae	<i>Anthurium fontellanum</i>	Nadruz & Leoni
Araceae	<i>Anthurium lucidum</i>	Kunth
Araceae	<i>Heteropsis flexuosa</i>	(Kunth) G.S.Bunting
Araceae	<i>Heteropsis spruceana</i>	Schott
Araliaceae	<i>Schefflera aurata</i>	Fiaschi
Araliaceae	<i>Schefflera gardneri</i>	(Seem.) Frodin & Fiaschi
Araliaceae	<i>Schefflera glaziovii</i>	(Taub.) Frodin & Fiaschi
Araliaceae	<i>Schefflera succinea</i>	Frodin & Fiaschi
Arecaceae	<i>Acrocomia hassleri</i>	(Barb.Rodr.) W.J.Hahn
Arecaceae	<i>Allagoptera arenaria</i>	(Gomes) Kuntze
Arecaceae	<i>Allagoptera brevicalyx</i>	M.Moraes
Arecaceae	<i>Attalea funifera</i>	Mart. ex Spreng.
Arecaceae	<i>Bactris pickelii</i>	Burret
Arecaceae	<i>Bactris timbuiensis</i>	H.Q.B.Fernandes
Arecaceae	<i>Butia campicola</i>	(Barb.Rodr.) Noblick
Arecaceae	<i>Butia capitata</i> var. <i>odorata</i>	Becc.
Arecaceae	<i>Butia leiospatha</i>	(Barb.Rodr.) Becc.
Arecaceae	<i>Butia microspadix</i>	Burret
Arecaceae	<i>Butia purpurascens</i>	Glassman
Arecaceae	<i>Butia yatay</i>	(Mart.) Becc.
Arecaceae	<i>Syagrus leptospatha</i>	Burret
Arecaceae	<i>Syagrus macrocarpa</i>	Barb.Rodr.
Arecaceae	<i>Syagrus mendanhensis</i>	Glassman
Arecaceae	<i>Syagrus picrophylla</i>	Barb.Rodr.
Arecaceae	<i>Syagrus ruschiana</i>	(Bondar) Glassman
Arecaceae	<i>Trithrinax brasiliensis</i>	Mart.
Asteraceae	<i>Acritopappus catolesensis</i>	D.J.N.Hind & Bautista
Asteraceae	<i>Acritopappus connatifolius</i>	(Soares Nunes) R.M.King & H.Rob.

Asteraceae	<i>Acritopappus pintoii</i>	Bautista & D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Agrianthus almasensis</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Agrianthus giuliettiae</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Aspilia almasensis</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Baccharis elliptica</i>	Gardner
Asteraceae	<i>Baccharis macroptera</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Baccharis martiana</i>	G.M.Barroso
Asteraceae	<i>Baccharis polyphylla</i>	Gardner
Asteraceae	<i>Baccharis pseudobrevifolia</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Calea abbreviata</i>	Pruski & Urbatsch
Asteraceae	<i>Calea brittoniana</i>	Pruski
Asteraceae	<i>Calea clematidea</i>	Baker
Asteraceae	<i>Calea kristinae</i>	Pruski
Asteraceae	<i>Catolesia mentiens</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Chaptalia chapadensis</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Chaptalia hermogenis</i>	M.D.Moraes
Asteraceae	<i>Chionolaena lychnophorioides</i>	Sch.Bip.
Asteraceae	<i>Dendrophorbium catharinense</i>	(Dusén ex Cabrera) C.Jeffrey
Asteraceae	<i>Dendrophorbium paranense</i>	(Malme) Matzenb. & Baptista
Asteraceae	<i>Dimerostemma annuum</i>	(Hassler) H.Rob.
Asteraceae	<i>Dimerostemma apense</i>	(Chodat) M.D.Moraes
Asteraceae	<i>Dimerostemma bahiensis</i>	(H.Rob.) M.D.Moraes
Asteraceae	<i>Dimerostemma bishopii</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Dimerostemma episcopale</i>	(H.Rob.) H.Rob.
Asteraceae	<i>Dimerostemma grazielae</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Dimerostemma myrtifolium</i>	(Chodat) M.D.Moraes
Asteraceae	<i>Eremanthus argenteus</i>	MacLeish & Schumacher
Asteraceae	<i>Eremanthus leucodendron</i>	Mattf.
Asteraceae	<i>Eremanthus seidelii</i>	MacLeish & Schumacher
Asteraceae	<i>Eupatorium costatipes</i>	B.L.Rob.
Asteraceae	<i>Eupatorium lineatum</i>	Sch.Bip. ex Baker
Asteraceae	<i>Gardnerina angustata</i>	(Gardner) R.M.King & H.Rob.
Asteraceae	<i>Gochnatia orbiculata</i>	(Malme) Cabrera
Asteraceae	<i>Heterocoma albida</i>	(DC. ex Pers.) DC.
Asteraceae	<i>Hoehnephytum almasense</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Holocheilus monocephalus</i>	Mondin
Asteraceae	<i>Hysterionica pinnatiloba</i>	Matzenb. & Sobral
Asteraceae	<i>Ianthopappus corymbosus</i>	(Less.) Roque & D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Ichthyothere connata</i>	S.F.Blake

Asteraceae	<i>Ichthyothere elliptica</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Isostigma crithmifolium</i>	Less.
Asteraceae	<i>Lomatozona artemisaefolia</i>	Baker
Asteraceae	<i>Lychnophora blanchetii</i>	Sch.Bip.
Asteraceae	<i>Lychnophora brunioides</i>	Mart.
Asteraceae	<i>Lychnophora crispa</i>	Mattf.
Asteraceae	<i>Lychnophora diamantinana</i>	Coile & S.B.Jones
Asteraceae	<i>Lychnophora phyllicifolia</i>	DC.
Asteraceae	<i>Lychnophora regis</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Lychnophora santosii</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Lychnophora sericea</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Lychnophora souzae</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Lychnophoriopsis damazioi</i>	(Beaverd) H.Rob.
Asteraceae	<i>Lychnophoriopsis heterotheca</i>	Sch.Bip.
Asteraceae	<i>Mikania alvimii</i>	R.M.King & H.Rob.
Asteraceae	<i>Mikania anethifolia</i>	(DC.) Matzenb.
Asteraceae	<i>Mikania capricorni</i>	B.L.Rob.
Asteraceae	<i>Mikania glabra</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Mikania hartbergii</i>	W.C.Holmes
Asteraceae	<i>Mikania mosenii</i>	Malme
Asteraceae	<i>Minasia alpestris</i>	(Gardner) H.Rob.
Asteraceae	<i>Minasia pereirae</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Monogereion carajensis</i>	G.M.Barroso & R.M.King
Asteraceae	<i>Neblinaea promontorium</i>	Maguire & Wurdack
Asteraceae	<i>Noticastrum hatschbachii</i>	Zardini
Asteraceae	<i>Noticastrum malmei</i>	Zardini
Asteraceae	<i>Noticastrum psammophilum</i>	(Klatt) Cuatrec.
Asteraceae	<i>Ophryosporus organensis</i>	G.M.Barroso
Asteraceae	<i>Pamphalea bupleurifolia</i>	Less.
Asteraceae	<i>Pamphalea maxima</i>	Less.
Asteraceae	<i>Paralychnophora atkinsiae</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Paralychnophora bicolor</i>	(DC.) MacLeish
Asteraceae	<i>Paralychnophora harleyi</i>	(H.Rob.) D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Paralychnophora patriciana</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Paralychnophora reflexoauriculata</i>	(G.M.Barroso) MacLeish.
Asteraceae	<i>Paralychnophora santosii</i>	(H.Rob.) D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Perezia eryngioides</i>	(Cabrera) Crisci & Martic.
Asteraceae	<i>Perezia squarrosa</i> ssp. <i>squarrosa</i>	(Vahl) Less.
Asteraceae	<i>Planaltoa lychnophorioides</i>	G.M.Barroso
Asteraceae	<i>Porophyllum bahiense</i>	D.J.N.Hind

Asteraceae	<i>Proteopsis argentea</i>	Mart. & Zucc. ex Sch.Bip.
Asteraceae	<i>Quelchia conferta</i>	N.E.Br.
Asteraceae	<i>Richterago angustifolia</i>	(Gardner) Roque
Asteraceae	<i>Richterago arenaria</i>	(Baker) Roque
Asteraceae	<i>Richterago campestris</i>	Roque & J.N.Nakaj.
Asteraceae	<i>Richterago caulescens</i>	Roque
Asteraceae	<i>Richterago conduplicata</i>	Roque
Asteraceae	<i>Richterago elegans</i>	Roque
Asteraceae	<i>Richterago hatschbachii</i>	(Zardini) Roque
Asteraceae	<i>Richterago lanata</i>	Roque
Asteraceae	<i>Richterago petiolata</i>	Roque & J.N.Nakaj.
Asteraceae	<i>Richterago polyphylla</i>	(Baker) Ferreyra
Asteraceae	<i>Richterago riparia</i>	Roque
Asteraceae	<i>Richterago stenophylla</i>	(Cabrera) Roque
Asteraceae	<i>Richterago suffrutescens</i>	(Cabrera) Roque
Asteraceae	<i>Schlechtendalia luzulifolia</i>	Less.
Asteraceae	<i>Senecio almasensis</i>	Mattf.
Asteraceae	<i>Senecio gertii</i>	Zardini
Asteraceae	<i>Senecio hatschbachii</i>	Cabrera
Asteraceae	<i>Senecio riograndensis</i>	Matzenb.
Asteraceae	<i>Smallanthus araucariophilus</i>	Mondin
Asteraceae	<i>Smallanthus riograndensis</i>	Mondin
Asteraceae	<i>Stenopadus aracaensis</i>	Pruski
Asteraceae	<i>Stenopadus connellii</i>	(N.E.Br.) S.F.Blake
Asteraceae	<i>Stenopadus sericeus</i>	Maguire & Aristeg.
Asteraceae	<i>Stenopadus talaumifolius</i>	S.F.Blake
Asteraceae	<i>Stenophalium almasense</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Stevia alternifolia</i>	Hieron.
Asteraceae	<i>Stevia camporum</i>	Baker
Asteraceae	<i>Stevia hilarii</i>	B.L.Rob.
Asteraceae	<i>Stevia leptophylla</i>	Sch.Bip. ex Baker
Asteraceae	<i>Stevia organensis</i>	Gardner
Asteraceae	<i>Stiffitia fruticosa</i>	(Vell.) D.J.N.Hind & Semir
Asteraceae	<i>Stilpnopappus cearensis</i>	Huber
Asteraceae	<i>Stilpnopappus rubropappus</i>	Soares Nunes
Asteraceae	<i>Stilpnopappus semirianus</i>	R.Esteves
Asteraceae	<i>Stilpnopappus suffruticosus</i>	Gardner
Asteraceae	<i>Stilpnopappus tomentosus</i>	Mart.
Asteraceae	<i>Stylotrichium corymbosum</i>	(DC.) Mattf.
Asteraceae	<i>Stylotrichium edmundoi</i>	G.M.Barroso

Asteraceae	<i>Stylotrichium glomeratum</i>	Bautista, Rodr.Oubina & S.Ortiz
Asteraceae	<i>Stylotrichium sucrei</i>	R.M.King & H.Rob.
Asteraceae	<i>Symphypappus casarettoi</i>	B.L.Rob.
Asteraceae	<i>Symphypappus lymansmithii</i>	B.L.Rob.
Asteraceae	<i>Symphypappus uncinatus</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Trichocline catharinensis var. discolor</i>	Cabrera
Asteraceae	<i>Trichocline incana</i>	Cass.
Asteraceae	<i>Trixis pruskii</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Verbesina pseudoclaussenii</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Vernonia almasensis</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Vernonia alpestris</i>	(Gardn.) Baker
Asteraceae	<i>Vernonia chamissonis</i>	Less.
Asteraceae	<i>Vernonia echinocephala</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Vernonia eitenii</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Vernonia gertii</i>	Dematteis
Asteraceae	<i>Vernonia glandulosodentata</i>	Hieron.
Asteraceae	<i>Vernonia goiasensis</i>	S.B.Jones
Asteraceae	<i>Vernonia irwinii</i>	G.M.Barroso
Asteraceae	<i>Vernonia luetzelburgii</i>	Mattf.
Asteraceae	<i>Vernonia pseud aurea</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Vernonia sessilifolia</i>	Less.
Asteraceae	<i>Vernonia souzae</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Vernonia spixiana</i>	Mart. ex DC.
Asteraceae	<i>Vernonia xiquexiquensis</i>	D.J.N.Hind
Asteraceae	<i>Viguiera filifolia</i>	Sch.Bip. ex Baker
Asteraceae	<i>Viguiera hispida</i>	Baker
Asteraceae	<i>Viguiera hypoleuca</i>	Blake
Asteraceae	<i>Viguiera linearifolia</i>	Chodat
Asteraceae	<i>Wedelia macedoi</i>	H.Rob.
Asteraceae	<i>Wunderlichia azulensis</i>	Maguire & G.M.Barroso
Asteraceae	<i>Wunderlichia cruelsiana</i>	Taub.
Asteraceae	<i>Wunderlichia senae</i>	Glaz. ex Maguire & G.M.Barroso
Balanophoraceae	<i>Helosis cayennensis var cayennensis</i>	(Sw.) Spreng.
Begoniaceae	<i>Begonia albidula</i>	Brade
Begoniaceae	<i>Begonia altamiroi</i>	Brade
Begoniaceae	<i>Begonia crispula</i>	Brade
Begoniaceae	<i>Begonia espiritosantensis</i>	E.L.Jacques & Mamede
Begoniaceae	<i>Begonia ibitiocensis</i>	E.L.Jacques & Mamede
Begoniaceae	<i>Begonia ruschii</i>	L.Kollmann

Berberidaceae	<i>Berberis camposportoi</i>	Brade
Berberidaceae	<i>Berberis kleinii</i>	Mattos
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma ackermannii</i>	Bureau & K.Schum.
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma dichilum</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma fruticosum</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma nervosum</i>	Bureau & K.Schum.
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma perglandulosum</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma mirabile</i>	(Sandwith) A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma patelliforme</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea crassa</i>	(Bureau & K.Schum.) Sprague
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea elegans</i>	(Vell.) A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Godmania dardanoi</i>	(J.C.Gomes) A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Jacaranda bullata</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Jacaranda egleri</i>	Sandwith
Bignoniaceae	<i>Jacaranda grandifoliolata</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Jacaranda microcalyx</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Jacaranda morii</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Pleonotoma bracteata</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Sparattosperma catingae</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Tabebuia arianae</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Tabebuia cassinoides</i>	(Lam.) DC.
Bignoniaceae	<i>Tabebuia catarinensis</i>	A.H.Gentry & Morawetz
Bignoniaceae	<i>Tabebuia cristata</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Tabebuia obtusifolia</i>	(Cham) Bureau
Bignoniaceae	<i>Tabebuia riodocensis</i>	A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Tabebuia spongiosa</i>	Rizzini
Bromeliaceae	<i>Aechmea alopecurus</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Aechmea amicorum</i>	B.R.Silva & H.Luther
Bromeliaceae	<i>Aechmea calyculata</i>	Baker
Bromeliaceae	<i>Aechmea castanea</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Aechmea depressa</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Aechmea echinata</i>	(Leme) Leme
Bromeliaceae	<i>Aechmea fosteriana</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Aechmea gracilis</i>	Lindman
Bromeliaceae	<i>Aechmea gustavoi</i>	J.A.Siqueira & Leme
Bromeliaceae	<i>Aechmea marginalis</i>	Leme & J.A.Siqueira
Bromeliaceae	<i>Aechmea mutica</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Aechmea orlandiana</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Aechmea sphaerocephala</i>	Baker
Bromeliaceae	<i>Alcantarea benzingii</i>	Leme

Bromeliaceae	<i>Alcantarea farneyi</i>	(Martinelli & And.Costa) J.R.Grant
Bromeliaceae	<i>Alcantarea geniculata</i>	(Wawra) J.R.Grant
Bromeliaceae	<i>Alcantarea glaziouana</i>	(Lem.) Leme
Bromeliaceae	<i>Alcantarea imperialis</i>	Harms
Bromeliaceae	<i>Alcantarea nahoumii</i>	(Leme) J.R.Grant
Bromeliaceae	<i>Alcantarea nevaesii</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Andrea selloana</i>	(Baker) Mez
Bromeliaceae	<i>Araecoccus montanus</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Araecoccus parviflorus</i>	(Mart. ex Schultes f.) Lindman
Bromeliaceae	<i>Bromelia braunii</i>	Leme & Esteves
Bromeliaceae	<i>Bromelia macedoi</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Canistropsis elata</i>	(E.Pereira & Leme) Leme
Bromeliaceae	<i>Canistrum alagoanum</i>	Leme & J.A.Siqueira
Bromeliaceae	<i>Canistrum aurantiacum</i>	E.Morren
Bromeliaceae	<i>Canistrum camacaensis</i>	Martinelli & Leme
Bromeliaceae	<i>Canistrum guzmanioides</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Canistrum montanum</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Canistrum pickelii</i>	(Andrade-Lima & L.B.Sm.) Leme & J.A.Siqueira
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus caracensis</i>	Leme & E.Gross
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus glaziovii</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus zonatus</i>	Beer
Bromeliaceae	<i>Deuterocohmia meziana</i>	O.Kuntze ex Mez
Bromeliaceae	<i>Disteganthus calatheoides</i>	(L.B.Smith) L.B.Smith & Read
Bromeliaceae	<i>Dyckia choristaminea</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Dyckia delicata</i>	Larocca & Sobral
Bromeliaceae	<i>Dyckia ibicuiensis</i>	T.Strehl
Bromeliaceae	<i>Dyckia irmgardiae</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Dyckia pseudococcinea</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Dyckia rariflora</i>	Schult.f.
Bromeliaceae	<i>Dyckia retroflexa</i>	S.Winkl.
Bromeliaceae	<i>Dyckia ursina</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Encholirium biflorum</i>	(Mez) Forzza
Bromeliaceae	<i>Encholirium disjunctum</i>	Forzza
Bromeliaceae	<i>Encholirium gracile</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Encholirium heloisae</i>	(L.B.Sm.) Forzza & Wand.
Bromeliaceae	<i>Encholirium horridum</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Encholirium irwinii</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Encholirium longiflorum</i>	Leme

Bromeliaceae	<i>Encholirium luxor</i>	L.B.Sm. & R.W.Read
Bromeliaceae	<i>Encholirium pedicellatum</i>	(Mez) Rauh
Bromeliaceae	<i>Encholirium scrutor</i>	(L.B.Sm.) Rauh
Bromeliaceae	<i>Encholirium vogelii</i>	Rauh
Bromeliaceae	<i>Fernseea bocainensis</i>	E.Pereira & Moutinho
Bromeliaceae	<i>Guzmania sanguinea</i>	André ex Mez.
Bromeliaceae	<i>Hohenbergia belemii</i>	L.B.Sm. & R.W.Read
Bromeliaceae	<i>Lymania alvimii</i>	(L.B.Sm. & R.W.Read) W.R.Read
Bromeliaceae	<i>Lymania azurea</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Lymania brachycaulis</i>	(E.Morren ex Baker) L.O.F.Sousa
Bromeliaceae	<i>Lymania corallina</i>	(Brong. ex Beer) R.W.Read
Bromeliaceae	<i>Lymania globosa</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Lymania spiculata</i>	Leme & Forzza
Bromeliaceae	<i>Neoregelia brownii</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Neoregelia burlemarxii</i>	R.W.Read
Bromeliaceae	<i>Neoregelia compacta</i>	(Mez) L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Neoregelia cruenta</i>	(Graham) L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Neoregelia hoehniana</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Neoregelia pascoalina</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Neoregelia pernambucana</i>	Leme J.A.Siqueira
Bromeliaceae	<i>Nidularium atalaiaensis</i>	E.Pereira & Leme
Bromeliaceae	<i>Nidularium azureum</i>	(L.B.Sm.) Leme
Bromeliaceae	<i>Nidularium corallinum</i>	(Leme) Leme
Bromeliaceae	<i>Nidularium itatiaiae</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Nidularium kautskyanum</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Nidularium mangaratibense</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Nidularium organense</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Nidularium rosulatum</i>	Ule
Bromeliaceae	<i>Orthophytum duartei</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Orthophytum fosterianum</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Orthophytum grossiorum</i>	Leme & C.C.Paula
Bromeliaceae	<i>Pitcairnia albiflos</i>	Herb.
Bromeliaceae	<i>Pitcairnia bradei</i>	Markgr.
Bromeliaceae	<i>Pitcairnia encholirioides</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Pitcairnia glaziovii</i>	Baker
Bromeliaceae	<i>Pitcairnia limae</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Portea alatisepala</i>	Philcox
Bromeliaceae	<i>Portea nana</i>	Leme & H.Luther
Bromeliaceae	<i>Quesnelia humilis</i>	Mez

Bromeliaceae	<i>Quesnelia seideliana</i>	L.B.Sm. & Reitz
Bromeliaceae	<i>Tillandsia brachyphylla</i>	Baker
Bromeliaceae	<i>Tillandsia grazielae</i>	Sucre & R.Braga
Bromeliaceae	<i>Tillandsia heubergeri</i>	Ehlers
Bromeliaceae	<i>Tillandsia itaubensis</i>	T.Strehl
Bromeliaceae	<i>Tillandsia ixioides</i>	Griseb.
Bromeliaceae	<i>Tillandsia kautskyi</i>	E.Pereira
Bromeliaceae	<i>Tillandsia neglecta</i>	Pereira
Bromeliaceae	<i>Tillandsia reclinata</i>	E.Pereira & Martinelli
Bromeliaceae	<i>Tillandsia sucrei</i>	Pereira
Bromeliaceae	<i>Vriesea altimontana</i>	E.Pereira & Martinelli
Bromeliaceae	<i>Vriesea altomacaensis</i>	A.F.Costa
Bromeliaceae	<i>Vriesea amethystina</i>	E.Morren
Bromeliaceae	<i>Vriesea arachnoidea</i>	A.F.Costa
Bromeliaceae	<i>Vriesea atropurpurea</i>	Silveira
Bromeliaceae	<i>Vriesea bituminosa</i>	Wawra
Bromeliaceae	<i>Vriesea bleheri</i>	Roeth & W.Weber
Bromeliaceae	<i>Vriesea botafogensis</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Vriesea brassicoides</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Vriesea cacuminis</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea costae</i>	B.R.Silva & Leme
Bromeliaceae	<i>Vriesea delicatula</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea diamantinensis</i>	Leme
Bromeliaceae	<i>Vriesea duvaliana</i>	E.Morren
Bromeliaceae	<i>Vriesea eltoniana</i>	E.Pereira & Ivo
Bromeliaceae	<i>Vriesea fosteriana</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea goniorachis</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Vriesea hieroglyphica</i>	E.Morren
Bromeliaceae	<i>Vriesea leptantha</i>	Harms
Bromeliaceae	<i>Vriesea longistaminea</i>	C.C.Paula & Leme
Bromeliaceae	<i>Vriesea minarum</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea pastuchoffiana</i>	Glaz. ex Mez
Bromeliaceae	<i>Vriesea penduliflora</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea psittacina</i>	Lindl.
Bromeliaceae	<i>Vriesea racinae</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea recurvata</i>	Gaudich.
Bromeliaceae	<i>Vriesea rubyi</i>	E.Pereira
Bromeliaceae	<i>Vriesea saundersii</i>	Morren
Bromeliaceae	<i>Vriesea sparsiflora</i>	L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Vriesea sucrei</i>	L.B.Sm. & R.W.Read

Bromeliaceae	<i>Vriesea thyrsoidea</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Vriesea triligulata</i>	Mez
Bromeliaceae	<i>Vriesea vidalii</i>	L.B.Sm. & Handro
Bromeliaceae	<i>Vriesea warmingii</i>	E.Morren
Bromeliaceae	<i>Vriesea wawraea</i>	Antoine
Burseraceae	<i>Dacryodes edilsonii</i>	Daly
Burseraceae	<i>Protium bahianum</i>	Daly
Burseraceae	<i>Protium giganteum var. crassifolium</i>	Engl.
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum ssp. cordatum</i>	(Aubl.) Marchand
Burseraceae	<i>Protium icicariba var. talmonii</i>	D.C.Daly
Burseraceae	<i>Protium inodorum</i>	Daly
Burseraceae	<i>Tetragastris occhionii</i>	(Rizzini) Daly
Cactaceae	<i>Arrojadoa bahiensis</i>	(P.J.Braun & Esteves) N.P.Taylor & U.Eggli
Cactaceae	<i>Arrojadoa dinae ssp. dinae</i>	Buining & Brederoo
Cactaceae	<i>Arrojadoa dinae ssp. eriocaulis</i>	(Buining & Brederoo) N.P.Taylor & D.C.Zappi
Cactaceae	<i>Arthrocerus glaziovii</i>	(K.Schum.) N.P.Taylor & Zappi
Cactaceae	<i>Arthrocerus melanurus</i>	(K. Schum.) Diers, P. J. Braun & Esteves
Cactaceae	<i>Cereus mirabella</i>	N.P.Taylor
Cactaceae	<i>Cipocereus bradei</i>	(Backeb. & Voll) Zappi & N.P.Taylor
Cactaceae	<i>Cipocereus minensis ssp. minensis</i>	F.Ritter
Cactaceae	<i>Coleocephalocereus buxbaumianus ssp. flavisetus</i>	(F. Ritter) N.P. Taylor & D.C. Zappi
Cactaceae	<i>Discocactus bahiensis</i>	Britton & Rose
Cactaceae	<i>Discocactus catingicola</i>	Buining & Brederoo
Cactaceae	<i>Discocactus ferricola</i>	Buining & Brederoo
Cactaceae	<i>Discocactus placentiformis</i>	K.Schum.
Cactaceae	<i>Discocactus zehntneri</i>	Britton & Rose
Cactaceae	<i>Echinopsis eyriesii</i>	(Turpin) Pfeiff. & Otto
Cactaceae	<i>Facheiroa cephalomelana</i>	Buining & Brederoo
Cactaceae	<i>Hatiora cylindrica</i>	Britton & Rose
Cactaceae	<i>Hatiora rosea</i>	(Lagerheim) Barthlott
Cactaceae	<i>Melocactus conoideus</i>	Buining & Brederoo
Cactaceae	<i>Melocactus ferreophilus</i>	Buining & Brederoo
Cactaceae	<i>Melocactus paucispinus</i>	Heimen
Cactaceae	<i>Melocactus violaceus</i>	Pfeiff.
Cactaceae	<i>Micranthocereus violaciflorus</i>	Buining
Cactaceae	<i>Parodia rechensis</i>	(Buining) F.H.Brandt

Cactaceae	<i>Pereskia aureiflora</i>	F.Ritter
Cactaceae	<i>Pilosocereus floccosus</i> ssp. <i>quadricostatus</i>	(F.Ritter) D.C.Zappi
Cactaceae	<i>Pilosocereus fulvilanatus</i>	(Buining & Brederoo) F.Ritter
Cactaceae	<i>Pseudoacanthocereus brasiliensis</i>	(Britton & Rose) F.Ritter
Cactaceae	<i>Rhipsalis baccifera</i> ssp. <i>hileiabaiana</i>	N.P.Taylor & Barthlott
Cactaceae	<i>Rhipsalis crispata</i>	(Haw.) Pfeiff.
Cactaceae	<i>Rhipsalis paradoxa</i> ssp. <i>septentrionalis</i>	N.P.Taylor & Barthlott
Cactaceae	<i>Rhipsalis pilocarpa</i>	Loefgr.
Cactaceae	<i>Schlumbergera kautskyi</i>	(Horobin & McMillan) N.P.Taylor
Cactaceae	<i>Schlumbergera truncata</i>	(Haw.) Moran
Cactaceae	<i>Tacinga saxatilis</i> ssp. <i>estesvesii</i>	(P.J.Braun) W.Stuppy & N.P.Taylor
Cactaceae	<i>Tacinga weneri</i>	(Eggl) W.Stuppy & N.P.Taylor
Cactaceae	<i>Uebelmannia pectinifera</i>	Buining
Campanulaceae	<i>Lobelia hilaireana</i>	(Kanitz) E.Wimm.
Campanulaceae	<i>Lobelia santoslimae</i>	Brade
Celastraceae	<i>Elachyptera coriacea</i>	Lombardi
Celastraceae	<i>Maytenus acanthophylla</i>	Reissek
Celastraceae	<i>Maytenus basidentata</i>	Reissek
Celastraceae	<i>Maytenus quadrangulata</i>	(Schrad.) Loes.
Celastraceae	<i>Maytenus rupestris</i>	Pirani & Carvalho-Okano
Celastraceae	<i>Peritassa longifolia</i>	Lombardi
Celastraceae	<i>Peritassa saddleri</i>	Lombardi
Celastraceae	<i>Tontelea lanceolata</i>	(Miers) A.C.Sm.
Celastraceae	<i>Tontelea martiana</i>	(Miers) A.C.Sm.
Chrysobalanaceae	<i>Couepia montesclarensis</i>	Prance
Chrysobalanaceae	<i>Couepia schottii</i>	Fritsch
Combretaceae	<i>Buchenavia igaratensis</i>	N.F.Mattos
Combretaceae	<i>Combretum rupicola</i>	Ridley
Combretaceae	<i>Terminalia kuhlmannii</i>	Alwan & Stace
Combretaceae	<i>Terminalia reitzii</i>	Exell
Commelinaceae	<i>Dichorisandra acaulis</i>	Cogn.
Commelinaceae	<i>Dichorisandra glaziovii</i>	Taub.
Commelinaceae	<i>Dichorisandra leucophthalmos</i>	Hook.
Commelinaceae	<i>Dichorisandra perforans</i>	C.B.Clarke
Commelinaceae	<i>Siderasis fuscata</i>	(Lodd.) H.E.Moore
Convolvulaceae	<i>Evolvulus glaziovii</i>	Dammer
Convolvulaceae	<i>Evolvulus gypsophiloides</i> var. <i>confertus</i>	Choisy
Convolvulaceae	<i>Evolvulus kramerioides</i>	Mart.

Convolvulaceae	<i>Evolvulus rariflorus</i>	(Meisn.) Ooststr.
Convolvulaceae	<i>Ipomoea daturiflora</i>	Meisn.
Convolvulaceae	<i>Jacquemontia revoluta</i>	R.S.Bianchini
Convolvulaceae	<i>Merremia repens</i>	Austin & Staples
Cyperaceae	<i>Bulbostylis latifolia</i>	Kral & M.T.Strong
Cyperaceae	<i>Cryptangium clausenii</i>	C.B.Clarke
Cyperaceae	<i>Cryptangium comatum</i>	Boeck.
Cyperaceae	<i>Cryptangium humile</i>	Boeck.
Cyperaceae	<i>Cyperus atlanticus</i>	Hemsl.
Cyperaceae	<i>Hypolytrum amorimii</i>	M.Alves & W.W.Thomas
Cyperaceae	<i>Hypolytrum bahiense</i>	M.Alves & W.W.Thomas
Cyperaceae	<i>Hypolytrum lucennoi</i>	M.Alves & W.W.Thomas
Cyperaceae	<i>Hypolytrum paraense</i>	M.Alves & W.W.Thomas
Cyperaceae	<i>Lagenocarpus bracteosus</i>	C.B.Clarke
Cyperaceae	<i>Rhynchospora paranaensis</i>	A.C.Araujo & W.W.Thomas
Cyperaceae	<i>Trilepis tenuis</i>	Vitta
Dicksoniaceae	<i>Culcita coniiifolia</i>	(Hook.) Maxon
Dilleniaceae	<i>Davilla morii</i>	Aymard
Droseraceae	<i>Drosera graomogolensis</i>	T.R.S.Silva
Dryopteridaceae	<i>Polystichum bradei</i>	Rosenst.
Ericaceae	<i>Gaylussacia angulata</i>	Gardner
Ericaceae	<i>Gaylussacia caparoensis</i>	Sleumer
Ericaceae	<i>Gaylussacia centunculifolia</i>	Sleumer
Ericaceae	<i>Gaylussacia harleyi</i>	Kin.-Gouv.
Ericaceae	<i>Gaylussacia oleifolia</i>	Dunal
Ericaceae	<i>Gaylussacia pruinosa</i>	Loes.
Ericaceae	<i>Gaylussacia retivenia</i>	Sleumer
Ericaceae	<i>Gaylussacia retusa</i>	Mart. ex Meisn.
Ericaceae	<i>Gaylussacia setosa</i>	Kin.-Gouv.
Ericaceae	<i>Gaylussacia vitis-idaea</i>	Mart. ex Meisn.
Eriocaulaceae	<i>Actinocephalus cabralensis</i>	(Silveira) Sano
Eriocaulaceae	<i>Actinocephalus ciliatus</i>	(Bong.) Sano
Eriocaulaceae	<i>Leiothrix schlechtendalii</i>	(Koern.) Ruhland
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus ater</i>	Silveira
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus graomogolensis</i>	Silveira
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus vernonioides</i>	Silveira
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum maracasense</i>	Plowman
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum nelsonrosae</i>	Plowman
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum petraecaballi</i>	Plowman
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum speciosum</i>	O.E.Schulz

Euphorbiaceae	<i>Adenophaedra cearensis</i>	Huber ex Secco
Euphorbiaceae	<i>Argythamnia foliosa</i>	Müll.Arg.
Euphorbiaceae	<i>Bernardia crassifolia</i>	Müll.Arg.
Euphorbiaceae	<i>Bernardia similis</i>	Pax & K.Hoffm.
Euphorbiaceae	<i>Croton luetzelburgii</i>	Pax & K.Hoffm.
Euphorbiaceae	<i>Dalechampia purpurata</i>	Cordeiro
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia appariciona</i>	Rizzini
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia attastoma</i>	Rizzini
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia crossadenia</i>	Pax & K.Hoffm.
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia gymnoclada</i>	Boiss.
Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus gladius</i>	Mull. Arg.
Fabaceae	<i>Acacia kallunkiae</i>	J.W.Grimes & Barneby
Fabaceae	<i>Bauhinia smilacina</i>	(Schott) Steudel
Fabaceae	<i>Bowdichia nitida</i>	Spruce ex Benth.
Fabaceae	<i>Calliandra carrascania</i>	Barneby
Fabaceae	<i>Centrosema carajasense</i>	Cavalcante
Fabaceae	<i>Chamaecrista anamariae</i>	Conc. , L.P.Queiroz & G.P.Lewis
Fabaceae	<i>Chamaecrista aristata</i>	(Benth.) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista belemii</i> var. <i>belemii</i>	(H.S.Irwin & Barneby) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista brevicalyx</i> var. <i>elliptica</i>	(H.S. Irwin & Barneby) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista catolesensis</i>	Conc. , L.P.Queiroz & G.P.Lewis
Fabaceae	<i>Chamaecrista fodinarum</i>	H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista stillifera</i>	(H.S.Irwin & Barneby) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista strictifolia</i>	(Benth.) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista tephrosiifolia</i>	(Benth) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista ulmea</i>	H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chloroleucon extortum</i>	Barneby & J.W.Grimes
Fabaceae	<i>Gleditsia amorphoides</i>	(Griseb.) Taub.
Fabaceae	<i>Harpalyce lanata</i>	L.P.Queiroz
Fabaceae	<i>Harpalyce parvifolia</i>	H.S.Irwin & Arroyo
Fabaceae	<i>Lathyrus acutifolius</i>	Vogel
Fabaceae	<i>Lathyrus parodii</i>	Burkart
Fabaceae	<i>Leucochloron limae</i>	Barneby & J.W.Grimes
Fabaceae	<i>Lonchocarpus torrensis</i>	N.F.Mattos
Fabaceae	<i>Mimosa leptantha</i>	Benth.
Fabaceae	<i>Mimosa mensicola</i>	Barneby
Fabaceae	<i>Mimosa niomarlei</i>	Afr.Fern.

Fabaceae	<i>Pithecellobium racemosum</i>	Ducke
Fabaceae	<i>Prosopis affinis</i>	Spreng.
Fabaceae	<i>Prosopis nigra</i>	(Griseb.) Hieron.
Fabaceae	<i>Sellocharis paradoxa</i>	Taub.
Fabaceae	<i>Vouacapoua americana</i>	Aubl.
Gentianaceae	<i>Prepusa viridiflora</i>	Brade
Gentianaceae	<i>Senaea coerulea</i>	Taub.
Gentianaceae	<i>Senaea janeirensis</i>	Brade
Gesneriaceae	<i>Gloxinia burchellii</i>	(S.M.Phillips) Wiehler
Gesneriaceae	<i>Goyazia petraea</i>	(S.M.Phillips) Wiehler
Gesneriaceae	<i>Sinningia carangolensis</i>	Chautems
Gesneriaceae	<i>Sinningia harleyi</i>	Wiehler & Chautems
Gesneriaceae	<i>Vanhouttea leonii</i>	Chautems
Gesneriaceae	<i>Vanhouttea pendula</i>	Chautems
Grammitidaceae	<i>Ceradenia capillaris</i>	(Desv.) L.E.Bishop
Grammitidaceae	<i>Ceradenia glaziovii</i>	(Baker) Labiak
Grammitidaceae	<i>Lellingeria itatimensis</i>	(C.Chr.) A.R.Sm. & R.C.Moran
Grammitidaceae	<i>Micropolypodium perpusillum</i>	(Maxon) A.R.Sm.
Gunneraceae	<i>Gunnera herteri</i>	Osten
Heliconiaceae	<i>Heliconia fluminensis</i>	Emygdio & Santos
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum magellanicum</i>	(Klotzsch) Kunze
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum peltatum</i>	(Poir.) Desv.
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum sampaioanum</i>	Brade & Rosenst.
Hymenophyllaceae	<i>Hymenophyllum silveirae</i>	Christ
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes lucens</i>	Sw.
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes macilentum</i>	Bosch
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes spruceanum</i>	Hook.
Iridaceae	<i>Alophia coerulea</i>	(Vell.) Chukr
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia aminae</i>	Chukr
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia brevistaminea</i>	Chukr
Iridaceae	<i>Pseudotrimezia concava</i>	Ravenna
Iridaceae	<i>Trimezia brevicaulis</i>	Ravenna
Iridaceae	<i>Trimezia exillima</i>	Ravenna
Iridaceae	<i>Trimezia plicatifolia</i>	Chukr
Isoetaceae	<i>Isoetes gigantea</i>	U.Weber
Isoetaceae	<i>Isoetes kriegerii</i>	H.P.Fuchs
Isoetaceae	<i>Isoetes martii</i>	A.Br
Isoetaceae	<i>Isoetes organensis</i>	U.Weber
Lamiaceae	<i>Eriope anamariae</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Eriope blanchetii</i>	(Benth.) Harley

Lamiaceae	<i>Eriope crassipes ssp. cristalinae</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Eriope ganevii</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Eriope luetzelburgii</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Eriope obovata var. gracilis</i>	Epling
Lamiaceae	<i>Eriope simplex</i>	(A.St.-Hil. ex Benth.) Harley
Lamiaceae	<i>Hypenia aristulata</i>	(Epling) Harley
Lamiaceae	<i>Hypenia crispata</i>	(Pohl ex Benth.) Harley
Lamiaceae	<i>Hypenia micrantha</i>	(Benth.) Harley
Lamiaceae	<i>Hypenia subrosea</i>	(Harley) Harley
Lamiaceae	<i>Hyptidendron amethystoides</i>	(Benth.) Harley
Lamiaceae	<i>Hyptidendron conspersum</i>	(Benth.) Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis alpestris</i>	A.St.-Hil. ex Benth.
Lamiaceae	<i>Hyptis angustifolia</i>	Pohl ex Benth.
Lamiaceae	<i>Hyptis bahiensis</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis bombycina</i>	Epling
Lamiaceae	<i>Hyptis caprariifolia</i>	Pohl ex Benth.
Lamiaceae	<i>Hyptis colligata</i>	Epling & Játiva
Lamiaceae	<i>Hyptis cruciformis</i>	Epling
Lamiaceae	<i>Hyptis delicatula</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis digitata</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis fallax</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis hamatidens</i>	Epling & Játiva
Lamiaceae	<i>Hyptis piranii</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis sanctigabriellii</i>	Harley
Lamiaceae	<i>Hyptis stachydidifolia</i>	Epling
Lamiaceae	<i>Hyptis tricephala</i>	A.St.-Hil. ex Benth.
Lamiaceae	<i>Hyptis viatica</i>	Harley
Lauraceae	<i>Aiouea bracteata</i>	Kosterm.
Lauraceae	<i>Cinnamomum hatschbachii</i>	Vattimo-Gil
Lauraceae	<i>Nectandra micranthera</i>	Rohwer
Lauraceae	<i>Ocotea cryptocarpa</i>	Baitello
Lauraceae	<i>Ocotea cymbarum</i>	Kunth
Lauraceae	<i>Ocotea serrana</i>	Coe-Teix.
Lauraceae	<i>Persea pedunculosa</i>	Meisn.
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne parvifolia</i>	Madriñán
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne recurva</i>	van der Werff
Lauraceae	<i>Urbanodendron bahiense</i>	(Meisn.) Rohwer
Lauraceae	<i>Urbanodendron macrophyllum</i>	Rohwer
Lauraceae	<i>Williamodendron cinnamomeum</i>	van der Werff
Lecythidaceae	<i>Eschweilera alvimii</i>	S.A.Mori

Lecythidaceae	<i>Eschweilera subcordata</i>	S.A.Mori
Lecythidaceae	<i>Eschweilera tetrapetala</i>	S.A.Mori
Lecythidaceae	<i>Gustavia erythrocarpa</i>	S.A.Mori
Lecythidaceae	<i>Lecythis brancoensis</i>	(R.Knuth) S.A.Mori
Lentibulariaceae	<i>Utricularia flaccida</i>	A.DC.
Loasaceae	<i>Loasa uleana</i>	Urb. & Gilg
Loganiaceae	<i>Spigelia flava</i>	Zappi & Harley
Loganiaceae	<i>Spigelia kuhlmannii</i>	E.F.Guim. & Fontella
Loganiaceae	<i>Spigelia lundiana</i>	A.DC.
Loganiaceae	<i>Spigelia sellowiana</i>	Cham. & Schtdl.
Lomariopsidaceae	<i>Elaphoglossum beckeri</i>	Brade
Lycopodiaceae	<i>Huperzia catharinae</i>	(Christ) Holub
Lycopodiaceae	<i>Huperzia hemleri</i>	(Nessel) B.Øllg.
Lycopodiaceae	<i>Huperzia itambensis</i>	B.Øllg. & P.G.Windisch
Lycopodiaceae	<i>Huperzia mooreana</i>	(Baker) Holub
Lycopodiaceae	<i>Huperzia regnellii</i>	B.Øllg. & P.G.Windisch
Lycopodiaceae	<i>Huperzia treitubensis</i>	(Silveira) B.Øllg.
Lycopodiaceae	<i>Lycopodiella benjaminiana</i>	P.G.Windisch
Lycopodiaceae	<i>Lycopodiella bradei</i>	(Herter) B.Øllg.
Lycopodiaceae	<i>Lycopodium jussiaei</i>	Poir.
Lythraceae	<i>Cuphea bahiensis</i>	(Lourteig) T.B.Cavalc. & S.A.Graham
Lythraceae	<i>Cuphea cuiabensis</i>	Mart.
Lythraceae	<i>Cuphea rubrovirens</i>	T.B.Cavalc.
Lythraceae	<i>Diplusodon aggregatifolius</i>	T.B.Cavalc.
Lythraceae	<i>Diplusodon argyrophyllus</i>	T.B.Cavalc.
Lythraceae	<i>Diplusodon kielmeyeroides</i>	A.St.-Hil.
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis amplectens</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis andersonii</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis cachimbensis</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis cipoensis</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis hatschbachii</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis hirsuta</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis magdalenensis</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis parviflora</i>	(A.Juss.) B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis patula</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis rondoniensis</i>	B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis sellowiana</i>	(A.Juss.) B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis sepium</i>	(A.Juss.) B.Gates
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis virgultosa</i>	(A.Juss.) W.R.Anderson & B.Gates

Malpighiaceae	<i>Bunchosia acuminata</i>	Dobson
Malpighiaceae	<i>Bunchosia itacarensis</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Bunchosia pernambucana</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima alvimii</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima bahiana</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima blanchetiana</i>	Miq.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima cacaophila</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima cipoensis</i>	Mamede
Malpighiaceae	<i>Byrsonima fonsecae</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima lanulosa</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima macrophylla</i>	(Pers.) W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima microphylla</i>	A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima morii</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Byrsonima onishiana</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Camarea axillaris</i>	A.St.-Hil.
Malpighiaceae	<i>Camarea elongata</i>	Mamede
Malpighiaceae	<i>Camarea hirsuta</i>	A.St.-Hil.
Malpighiaceae	<i>Camarea humifusa</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Camarea linearifolia</i>	A.St.-Hil.
Malpighiaceae	<i>Heteropterys admirabilis</i>	Amorim
Malpighiaceae	<i>Heteropterys aliciae</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Heteropterys alternifolia</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Heteropterys brasiliensis</i>	Regnell & Körn.
Malpighiaceae	<i>Heteropterys bullata</i>	Amorim
Malpighiaceae	<i>Heteropterys capixaba</i>	Amorim
Malpighiaceae	<i>Heteropterys conformis</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Heteropterys fragilis</i>	Amorim
Malpighiaceae	<i>Heteropterys hatschbachii</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Heteropterys marginata</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Heteropterys oberdanii</i>	Amorim
Malpighiaceae	<i>Heteropterys occhionii</i>	Amorim
Malpighiaceae	<i>Heteropterys sanctorum</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Heteropterys ternstroemiifolia</i>	A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Janusia occhionii</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Janusia schwannioides</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Mascagnia leonii</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peixotoa adenopoda</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peixotoa andersonii</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peixotoa bahiana</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peixotoa barnebyi</i>	C.E.Anderson

Malpighiaceae	<i>Peixotoa catarinensis</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peixotoa cipoana</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peixotoa glabra</i>	A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Peixotoa psilophylla</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Peregrina linearifolia</i>	(A.St.-Hil.) W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Pterandra andersonii</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon carautae</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon crenatum</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon glabrum</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon harleyi</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon hatschbachii</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon macedoanum</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon matogrossense</i>	C.E.Anderson
Malpighiaceae	<i>Stigmaphyllon vitifolium</i>	A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Tetrapterys cordifolia</i>	W.R.Anderson
Malpighiaceae	<i>Thryallis laburnum</i>	S.Moore
Malpighiaceae	<i>Thryallis parviflora</i>	C.E.Anderson
Malvaceae	<i>Abutilon anodoides</i>	A.St.-Hil. & Naud.
Malvaceae	<i>Abutilon monteiroi</i>	Krapov.
Malvaceae	<i>Calyculogygas uruguayensis</i>	Krapov.
Malvaceae	<i>Christiana macrodon</i>	Toledo
Malvaceae	<i>Pavonia almasana</i>	Ulbr.
Malvaceae	<i>Pavonia grazielae</i>	Krapov.
Malvaceae	<i>Pavonia spiciformis</i>	Krapov.
Marantaceae	<i>Calathea fatimae</i>	H.Kenn. & J.M.A.Braga
Marantaceae	<i>Maranta zingiberina</i>	L.Andersson
Marsileaceae	<i>Regnellidium diphyllum</i>	Lindman
Melastomataceae	<i>Cambessedesia atropurpurea</i>	A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Cambessedesia eichleri</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Cambessedesia glaziovii</i>	Cogn. ex A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Cambessedesia gracilis</i>	Wurdack
Melastomataceae	<i>Cambessedesia wurdackii</i>	A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Chaetostoma fastigiatum</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Dolichoura spiritusanctensis</i>	Brade
Melastomataceae	<i>Huberia carvalhoi</i>	Baumgratz
Melastomataceae	<i>Huberia espiritosantensis</i>	Baumgratz
Melastomataceae	<i>Huberia piranii</i>	Baumgratz
Melastomataceae	<i>Lavoisiera quinquenervis</i>	Wurdack
Melastomataceae	<i>Lavoisiera rigida</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Leandra adenothrix</i>	Cogn.

Melastomataceae	<i>Lithobium cordatum</i>	Bong.
Melastomataceae	<i>Marcetia alba</i>	Ule
Melastomataceae	<i>Marcetia bahiana</i>	(Ule) A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Marcetia formosa</i>	Wurdack
Melastomataceae	<i>Marcetia hatschbachii</i>	A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Marcetia luetzelburgii</i>	Markgr.
Melastomataceae	<i>Marcetia lychnophoroides</i>	A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Marcetia nummularia</i>	Markgr.
Melastomataceae	<i>Marcetia semiriana</i>	A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Marcetia shepherdii</i>	A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Marcetia viscida</i>	Wurdack
Melastomataceae	<i>Miconia angelana</i>	R.Romero & R.Goldenb.
Melastomataceae	<i>Miconia capixaba</i>	R.Goldenb.
Melastomataceae	<i>Miconia carvalhoi</i>	Baumgratz & D'El Rei Souza
Melastomataceae	<i>Miconia cipoensis</i>	R.Goldenb.
Melastomataceae	<i>Miconia glazioviana</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Miconia johnwurdackiana</i>	Baumgratz & D'El Rei Souza
Melastomataceae	<i>Miconia longicuspis</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Miconia penduliflora</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Miconia petroniana</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Miconia picinguabensis</i>	R.Goldenb. & A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Miconia setosociliata</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Microlicia agrestis</i>	(DC.) Cogn.
Melastomataceae	<i>Microlicia amplexicaulis</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Microlicia canastrensis</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia cuspidifolia</i>	Mart. ex Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia decipiens</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia elegans</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia ericoides</i>	D.Don
Melastomataceae	<i>Microlicia flava</i>	R.Romero
Melastomataceae	<i>Microlicia glazioviana</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Microlicia hirtoferruginea</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia hispidula</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia humilis</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Microlicia juniperina</i>	A.St-Hil.
Melastomataceae	<i>Microlicia macedoi</i>	L.B.Sm. & Wurdack
Melastomataceae	<i>Microlicia melanostagma</i>	Pilg.
Melastomataceae	<i>Microlicia microphylla</i>	(Naudin) Cogn.
Melastomataceae	<i>Microlicia obtusifolia</i>	Cogniaux ex R.Romero
Melastomataceae	<i>Microlicia psammophila</i>	Wurdack

Melastomataceae	<i>Microlicia pusilla</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Rhynchanthera latifolia</i>	Cogn.
Melastomataceae	<i>Svitamia wurdackiana</i>	R.Romero & A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Svitramia integerrima</i>	R.Romero & A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Svitramia minor</i>	R.Romero & A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Svitramia petiolata</i>	R.Romero & A.B.Martins
Melastomataceae	<i>Tibouchina ademari</i>	J.P.F.Guim., R.Romero & Leoni
Melastomataceae	<i>Tibouchina angraensis</i>	Brade
Melastomataceae	<i>Tibouchina boudetii</i>	J.P.F.Guim. & R.Goldenb.
Melastomataceae	<i>Tibouchina castellensis</i>	Brade
Melastomataceae	<i>Tibouchina papyrus</i>	(Pohl) Toledo
Melastomataceae	<i>Trembleya chamissoana</i>	Naudin
Melastomataceae	<i>Trembleya hatschbachii</i>	Wurdack & E.Martins
Meliaceae	<i>Cedrela lilloi</i>	C.DC.
Menispermaceae	<i>Anomospermum reticulatum ssp. nitidum</i>	(Miers) Krukoff & Barneby
Menispermaceae	<i>Odontocarya vitis</i>	(Vell.) J.M.A.Braga
Menispermaceae	<i>Unguilipetalum filipendulum</i>	(Mart.) Moldenke
Metzgeriaceae	<i>Metzgeria hegewaldii</i>	Kuwah.
Monimiaceae	<i>Mollinedia salicifolia</i>	Perkins
Moraceae	<i>Brosimum glaziovii</i>	Taub.
Moraceae	<i>Dorstenia arifolia</i>	Lam.
Moraceae	<i>Dorstenia cayapia</i>	Vell.
Moraceae	<i>Dorstenia ramosa</i>	(Desv.) Carauta C. Valente & Sucre
Moraceae	<i>Dorstenia ramosa ssp. ramosa</i>	C.B. Clarke
Myristicaceae	<i>Virola surinamensis</i>	(Rol. ex Rottb.) Warb.
Myrsinaceae	<i>Myrsine congesta</i>	(Sw. ex Mez) Pipoly
Myrsinaceae	<i>Myrsine glazioviana</i>	Warm.
Myrsinaceae	<i>Myrsine villosissima</i>	Mart.
Myrtaceae	<i>Accara elegans</i>	(DC.) Landrum
Myrtaceae	<i>Calycolpus legrandii</i>	Mattos
Myrtaceae	<i>Calyptranthes dryadica</i>	M.L.Kawas.
Myrtaceae	<i>Campomanesia espiritosantensis</i>	Landrum
Myrtaceae	<i>Campomanesia macrobracteolata</i>	Landrum
Myrtaceae	<i>Eugenia blanda</i>	Sobral
Myrtaceae	<i>Eugenia dimorpha</i>	O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia hermesiana</i>	Mattos
Myrtaceae	<i>Eugenia mattsosii</i>	D.Legrand
Myrtaceae	<i>Eugenia myrciariifolia</i>	Soares-Silva & Sobral
Myrtaceae	<i>Eugenia oxyoentophylla</i>	Kiaersk.

Myrtaceae	<i>Eugenia peruibensis</i>	Mattos
Myrtaceae	<i>Marlierea leal-costae</i>	G.M.Barroso & Peixoto
Myrtaceae	<i>Marlierea skortzoviana</i>	Mattos
Myrtaceae	<i>Marlierea sucrei</i>	G.M.Barroso & Peixoto
Myrtaceae	<i>Myrceugenia brevipedicellata</i>	(Burret) D.Legrand & Kausel
Myrtaceae	<i>Myrceugenia foveolata</i>	(O.Berg) Sobral
Myrtaceae	<i>Myrceugenia hatschbachii</i>	Landrum
Myrtaceae	<i>Myrceugenia smithii</i>	Landrum
Myrtaceae	<i>Myrcia limae</i>	G.M.Barroso & Peixoto
Myrtaceae	<i>Myrcia riodocensis</i>	G.M.Barroso & Peixoto
Myrtaceae	<i>Myrciaria sericea</i>	O.Berg
Myrtaceae	<i>Neomitranthes obtusa</i>	Sobral & Zambom
Myrtaceae	<i>Plinia complanata</i>	M.L.Kawas. & B.Holst
Myrtaceae	<i>Plinia muricata</i>	Sobral
Myrtaceae	<i>Siphoneugena kuhlmannii</i>	Mattos
Ochnaceae	<i>Luxemburgia corymbosa</i>	A.St.-Hil
Ochnaceae	<i>Ouratea hatschbachii</i>	K.Yamam.
Ochnaceae	<i>Sauvagesia nitida</i>	Zappi & E.Lucas
Ophioglossaceae	<i>Botrychium virginianum</i>	(L.) Sw.
Orchidaceae	<i>Adamantina miltonioides</i>	Van den Berg & C.N.Gonçalves
Orchidaceae	<i>Bifrenaria silvana</i>	V.P.Castro
Orchidaceae	<i>Bifrenaria wittigii</i>	(Rchb.f.) Hoehne
Orchidaceae	<i>Cattleya aclandiae</i>	Lindl.
Orchidaceae	<i>Cattleya nobilior</i>	Rchb.f.
Orchidaceae	<i>Cattleya walkeriana</i>	Gardn.
Orchidaceae	<i>Cochleanthes wailiesiana</i>	(Lindl.) R.E.Schult. & Garay
Orchidaceae	<i>Constantia cristinae</i>	F.E.L.Miranda
Orchidaceae	<i>Constantia rupestris</i>	Barb.Rodr.
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium braemii</i>	L.C.Menezes
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium caiapoense</i>	L.C.Menezes
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium dusenii</i>	Schltr.
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium lamellaticallosum</i>	J.A.N.Batista & Bianch.
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium latifolium</i>	Bianch. & J.A.N.Batista
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium linearifolium</i>	J.A.N.Batista & Bianch.
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium lissochiloides</i>	Hoehne & Schltr.
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium poecilum var. roseum</i>	J.A.N.Batista & Bianch.
Orchidaceae	<i>Encyclia fowliei</i>	D.I.Duveen
Orchidaceae	<i>Grobya cipoensis</i>	F.Barros & Lourenço
Orchidaceae	<i>Habenaria brachyplectron</i>	Hoehne & Schltr.

Orchidaceae	<i>Masdevallia discoidea</i>	Luer & Würtle
Orchidaceae	<i>Oncidium gracile</i>	Lindl.
Orchidaceae	<i>Pleurothallis pernambucensis</i>	Rolfe
Orchidaceae	<i>Pseudolaelia canaanensis</i>	(Ruschi) F.Barros
Orchidaceae	<i>Scuticaria irwiniana</i>	Pabst
Orchidaceae	<i>Sophronitis alaorii</i>	(Brieger & Bicalho) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis briegeri</i>	(Blumensch. ex Pabst) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis caulescens</i>	(Lindl.) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis crispata</i>	(Thunb.) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis ghillanyi</i>	(Pabst) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis grandis</i>	(Lindl.& Paxton C.Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis milleri</i>	(Blumensch. ex Pabst) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis pendula</i>	(R.C.Mota, P.L.Viana & K.G.Lacerda) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis praestans</i>	(Linden & Rchb.f.) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Sophronitis sincorana</i>	(Schltr.) Van den Berg & M.W.Chase
Orchidaceae	<i>Zygostates bradei</i>	(Schltr.) Garay
Orobanchaceae	<i>Agalinis angustifolia</i>	(Mart.) D´Arcy
Orobanchaceae	<i>Agalinis bandeirensis</i>	Barringer
Orobanchaceae	<i>Agalinis itambensis</i>	V.C.Souza & S.I.Elias
Orobanchaceae	<i>Agalinis nana</i>	S.I.Elias & V.C.Souza
Orobanchaceae	<i>Agalinis ramulifera</i>	Barringer
Orobanchaceae	<i>Esterhazyca caesarea</i>	(Cham. & Schldl.) V.C.Souza
Oxalidaceae	<i>Oxalis arachnoidea</i>	Progel
Oxalidaceae	<i>Oxalis bela-vitoriae</i>	Lourteig
Oxalidaceae	<i>Oxalis diamantinae</i>	R.Knuth
Oxalidaceae	<i>Oxalis doceana</i>	Lourteig
Oxalidaceae	<i>Oxalis kuhlmannii</i>	Lourteig
Oxalidaceae	<i>Oxalis paranaensis</i>	Lourteig
Oxalidaceae	<i>Oxalis praetexta</i>	Progel
Passifloraceae	<i>Passiflora urubiciensis</i>	Cervi
Phytolaccaceae	<i>Microtea papillosa</i>	Marchior. & J.C.Siqueira
Piperaceae	<i>Peperomia rostulatifomis</i>	Yunck.
Piperaceae	<i>Peperomia suboppositifolia</i>	Yunck.

Piperaceae	<i>Piper bennetianum</i>	C.DC.
Piperaceae	<i>Piper casteloense</i>	Yunck.
Piperaceae	<i>Piper kuhlmannii</i>	Yunck.
Piperaceae	<i>Piper laevicarpum</i>	Yunck.
Piperaceae	<i>Piper rioense</i>	Yunck.
Piperaceae	<i>Piper velutinibaccum</i>	C.DC.
Plagiogyriaceae	<i>Plagiogyria fialhoi</i>	(Fée & Glaz.) Copel.
Plantaginaceae	<i>Achetaria latifolia</i>	V.C.Souza
Plantaginaceae	<i>Angelonia eriostachys</i>	Benth.
Plantaginaceae	<i>Bacopa cochlearia</i>	(Huber) L.B.Sm.
Plantaginaceae	<i>Plantago turficola</i>	Rahn
Plantaginaceae	<i>Stemodia harleyi</i>	B.L.Turner
Plantaginaceae	<i>Stemodia stellata</i>	B.L.Turner
Poaceae	<i>Altoparadisium chapadense</i>	Filg., Davidse, Zuloaga & Morrone
Poaceae	<i>Ophiochloa hydrolithica</i>	Filg., Davidse & Zuloaga
Poaceae	<i>Pariana carvalhoi</i>	R.P Oliveira & Longhi-Wagner
Poaceae	<i>Paspalum burmanii</i>	Filg., Morrone & Zuloaga
Poaceae	<i>Raddia distichophylla</i>	Chase
Poaceae	<i>Sucrea maculata</i>	Soderstr.
Poaceae	<i>Triraphis devia</i>	Filg. & Zuloaga
Podostemaceae	<i>Castelnavia lindmaniana</i>	Warm.
Polypodiaceae	<i>Microgramma crispata</i>	(Fée) R.M.Tryon & A.F.Tryon
Polypodiaceae	<i>Pecluma hoehnii</i>	(A.Samp.) Salino
Polypodiaceae	<i>Pecluma imbeana</i>	(Brade) Salino
Polypodiaceae	<i>Pecluma insularis</i>	(Brade) Salino
Proteaceae	<i>Euplassa semicostata</i>	Plana
Pteridaceae	<i>Adiantum discolor</i>	Prado
Pteridaceae	<i>Adiantum tetragonum</i>	Schrad.
Pteridaceae	<i>Cheilanthes juergensii</i>	Rosenst.
Pteridaceae	<i>Doryopteris itatiaiensis</i>	(Fée) Christ.
Pteridaceae	<i>Doryopteris paradoxa</i>	(Fée) Christ
Pteridaceae	<i>Doryopteris quinquelobata</i>	(Fée) Diels
Pteridaceae	<i>Doryopteris rosenstockii</i>	Brade
Pteridaceae	<i>Doryopteris rufa</i>	Brade
Pteridaceae	<i>Doryopteris subsimplex</i>	(Fée) Diels
Pteridaceae	<i>Doryopteris tijucana</i>	Brade & Rosenst.
Pteridaceae	<i>Doryopteris trilobata</i>	Prado
Pteridaceae	<i>Eriosorus biardii</i>	(Fée) A.F.Tryon

Pteridaceae	<i>Eriosorus cheilanthoides</i>	(Sw.) A.F.Tryon
Pteridaceae	<i>Eriosorus insignis</i>	(Kuhn) A.F.Tryon
Pteridaceae	<i>Jamesonia brasiliensis</i>	Christ
Pteridaceae	<i>Pellaea cymbiformis</i>	Prado
Pteridaceae	<i>Pteris congesta</i>	Prado
Pteridaceae	<i>Pteris limae</i>	Brade
Rubiaceae	<i>Faramea monantha</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Guettarda paludosa</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Mitracarpus anthospermoides</i>	K.Schum.
Rubiaceae	<i>Mitracarpus baturitensis</i>	Sucré
Rubiaceae	<i>Mitracarpus eritrichoides</i>	Standl.
Rubiaceae	<i>Pagamea harleyi</i>	Steyerm.
Rubiaceae	<i>Palicourea fulgens</i>	(Müll.Arg.) Standl.
Rubiaceae	<i>Rudgea coronata ssp. leiocarpoides</i>	(Müll. Arg.) Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea coronata ssp. Saint-hilairei</i>	(Standl.) Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea crassifolia</i>	Zappi & E.Lucas
Rubiaceae	<i>Rudgea erythrocarpa</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Rudgea francavillana</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Rudgea insignis</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Rudgea jasminoides ssp. nervosa</i>	Zappi & Anunciação
Rubiaceae	<i>Rudgea minor ssp. calycina</i>	(Benth.) Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea minor ssp. minor</i>	(Cham.) Standl.
Rubiaceae	<i>Rudgea nobilis</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Rudgea parquoides ssp. caprifolium</i>	(Zahlbr.) Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea parquoides ssp. hirsutissima</i>	Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea reflexa</i>	Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea sessilis ssp. cipoana</i>	(Standl.) Zappi
Rubiaceae	<i>Rudgea umbrosa</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Rudgea vellerea</i>	Müll.Arg.
Rubiaceae	<i>Simira gardneriana</i>	M.R.V.Barbosa & Peixoto
Rubiaceae	<i>Simira hatschbachiorum</i>	J.H.Kirkbr.
Rutaceae	<i>Andreadoxa flava</i>	Kallunki
Rutaceae	<i>Conchocarpus cauliflorus</i>	Pirani
Rutaceae	<i>Galipea carinata</i>	Pirani
Sapotaceae	<i>Bumelia obtusifolia var. excelsa</i>	(A. DC) Miq.
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum imperiale</i>	(Linden ex Koch) Benth. & Hook.
Sapotaceae	<i>Manilkara dardanoi</i>	Ducke
Sapotaceae	<i>Pouteria brevensis</i>	Pires
Sapotaceae	<i>Pouteria decussata</i>	(Ducke) Baehni
Schizaeaceae	<i>Anemia blechnoides</i>	Brade

Schizaeaceae	<i>Anemia gardneri</i>	Hook.
Schizaeaceae	<i>Anemia mirabilis</i>	Brade
Schizaeaceae	<i>Anemia organensis</i>	Rosenst.
Scrophulariaceae	<i>Ameroglossum pernambucense</i>	Eb.Fisch. , S.Vogel & A.V.Lopes
Scrophulariaceae	<i>Buddleja longiflora</i>	Brade
Selaginellaceae	<i>Selaginella mendoncae</i>	Hieron.
Selaginellaceae	<i>Selaginella valida</i>	Alston
Simaroubaceae	<i>Simaba floribunda</i>	A. St.-Hil.
Simaroubaceae	<i>Simaba suaveolens</i>	A. St.-Hil.
Simaroubaceae	<i>Simaba warmingiana</i>	Engl.
Siparunaceae	<i>Siparuna erythrocarpa</i>	(Mart.) A.DC.
Smilacaceae	<i>Smilax japicanga</i>	Griseb.
Smilacaceae	<i>Smilax longifolia</i>	Rich.
Smilacaceae	<i>Smilax lutescens</i>	Vell.
Smilacaceae	<i>Smilax muscosa</i>	Toledo
Solanaceae	<i>Bouchetia anomala</i>	(Miers) Britton & Rusby
Solanaceae	<i>Calibrachoa eglandulata</i>	Stehmann & Semir
Solanaceae	<i>Calibrachoa elegans</i>	(Miers) Stehmann & Semir
Solanaceae	<i>Calibrachoa humilis</i>	(R.E.Fr.) Stehmann & Semir
Solanaceae	<i>Calibrachoa serrulata</i>	(L.B.Smith & Downs) Stehmann & Semir
Solanaceae	<i>Petunia bonjardinensis</i>	T.Ando & Hashim.
Solanaceae	<i>Petunia exserta</i>	Stehmann
Solanaceae	<i>Petunia mantiqueirensis</i>	T.Ando & Hashim.
Solanaceae	<i>Solanum diamantinense</i>	M.F.Agra
Solanaceae	<i>Solanum graveolens</i>	Bunbury
Solanaceae	<i>Solanum jabrense</i>	Agra & Nee
Solanaceae	<i>Solanum restingae</i>	S.Knapp
Solanaceae	<i>Solanum santosii</i>	S.Knapp
Symplocaceae	<i>Symplocos aegrota</i>	Brand
Symplocaceae	<i>Symplocos corymboclados</i>	Brand
Symplocaceae	<i>Symplocos organensis</i>	Brand
Symplocaceae	<i>Symplocos rhamnifolia</i>	A.DC.
Turneraceae	<i>Piriqueta flammea</i>	(Suess.) Arbo
Urticaceae	<i>Hemistylus brasiliensis</i>	Wedd.
Urticaceae	<i>Pilea aparadensis</i>	P.Brack
Urticaceae	<i>Pilea hydra</i>	P.Brack
Velloziaceae	<i>Barbacenia delicatula</i>	L.B.Sm. & Ayensu
Velloziaceae	<i>Barbacenia riparia</i>	(N.L.Menezes & Mello-Silva) Mello-Silva

Velloziaceae	<i>Barbacenia rogeri</i>	Hort. ex Moore & Ayres
Velloziaceae	<i>Barbacenia spectabilis</i>	L.B.Sm. & Ayensu
Velloziaceae	<i>Vellozia armata</i>	Mello-Silva
Velloziaceae	<i>Vellozia barbata</i>	Goeth. & Henrard
Velloziaceae	<i>Vellozia canelinha</i>	Mello-Silva
Velloziaceae	<i>Vellozia gigantea</i>	N.L.Menezes & Mello-Silva
Velloziaceae	<i>Vellozia hatschbachii</i>	L.B.Sm. & Ayensu
Velloziaceae	<i>Vellozia sessilis</i>	L.B.Sm. ex Mello-Silva
Verbenaceae	<i>Lippia alnifolia</i>	Schauer
Verbenaceae	<i>Lippia bahiensis</i>	Moldenke
Verbenaceae	<i>Lippia bellatula</i>	Moldenke
Verbenaceae	<i>Lippia bradei</i>	Moldenke
Verbenaceae	<i>Lippia diamantinensis</i>	Glaz.
Verbenaceae	<i>Lippia elliptica</i>	Schauer
Verbenaceae	<i>Lippia insignis</i>	Moldenke
Verbenaceae	<i>Lippia morii</i>	Moldenke
Verbenaceae	<i>Lippia rhodocnemis</i>	Mart. & Schauer
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta almasensis</i>	Mansf.
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta radlkoferiana</i>	Mansf.
Violaceae	<i>Hybanthus strigoides</i>	Taub.
Violaceae	<i>Rinorea ramiziana</i>	Glaz. ex Hekking
Vitaceae	<i>Cissus acreensis</i>	Lombardi
Vitaceae	<i>Cissus apendiculata</i>	Lombardi
Vitaceae	<i>Cissus xerophila</i>	Lombardi
Woodsiaceae	<i>Athyrium filix-femina</i>	(L.) Roth
Xyridaceae	<i>Xyris caparaoensis</i>	Wand.
Xyridaceae	<i>Xyris fibrosa</i>	Kral & Wand.
Xyridaceae	<i>Xyris longifolia</i>	Mart.
Xyridaceae	<i>Xyris lutescens</i>	Kral & Wand.
Xyridaceae	<i>Xyris sincorana</i>	Kral & Wand.

Anexo 2: Glossário de termos e definições¹

Agentes de controle biológico: organismos vivos usados para eliminar ou regular a população ou atividade biológica de outros organismos vivos.

Agrotóxicos: produtos químicos destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos

¹ Adaptado dos documentos: FSC-STD-01-001 (V4-0) EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship; FSC-STD-01-001 V5-0 D5-0 EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship; e FSC-STD-01-002 (V 1-0) – Glossary of Terms.

considerados nocivos, bem como as substâncias e produtos empregados como desfolhantes, desseccantes, estimuladores e inibidores de crescimento.

Alto valor de conservação: qualquer dos seguintes valores:

AVC 1 – Diversidade de espécies.

Concentrações de diversidade biológica incluindo espécies endêmicas, raras, ameaçadas ou em perigo de extinção, significativas em nível global, regional ou nacional.

AVC 2 – Ecossistemas e mosaicos em nível de paisagem. Ecossistemas e mosaicos de ecossistemas extensos em nível de paisagem, significativos em nível global, regional ou nacional, contendo populações viáveis da grande maioria das espécies de ocorrência natural em padrões naturais de distribuição e abundância.

AVC 3 – Ecossistemas e habitats.

Ecossistemas, habitats ou refúgios de biodiversidade raros, ameaçados ou em perigo de extinção.

AVC 4 – Serviços ambientais críticos.

Serviços ambientais básicos em situações críticas, incluindo proteção de mananciais e controle de erosão em solos vulneráveis e vertentes.

AVC 5 – Necessidades das comunidades.

Áreas e recursos fundamentais para atender necessidades básicas de comunidades locais, populações indígenas ou populações tradicionais (subsistência, alimentação, água, saúde etc.), identificadas em cooperação com estas comunidades ou populações.

AVC 6 – Valores culturais.

Áreas, recursos, habitats e paisagens de especial significado cultural, arqueológico ou histórico em nível global ou nacional, e/ou de importância cultural, ecológica, econômica ou religiosa crítica para a cultura tradicional de comunidades locais, populações indígenas ou populações tradicionais, identificadas em cooperação com estas comunidades ou populações.

Nota: descrição de AVCs extraída do documento FSC-STD-01-001 V5-0 D5-0 EN – FSC Principle and Criteria for Forest Stewardship, disponível na página eletrônica do FSC <http://www.fsc.org>.

Aprendiz: adolescentes a partir de 14 anos aos quais pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/ 1999) é permitido o trabalho desde que esteja presente a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação em vigor, com a garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular e que a atividade seja compatível com o desenvolvimento físico e mental do adolescente.

Áreas adjacentes: aquelas confrontantes ou próximas à unidade florestal, sob influência dos impactos das operações do empreendimento.

Áreas confrontantes: aquelas, vizinhas de uma determinada área objeto. As áreas confrontantes podem ser demarcadas por linhas imaginárias ou não, ou ainda, serem determinadas por ocorrências físicas ou geográficas existentes.

Área de alto valor de conservação: área geográfica contendo qualquer alto valor de conservação (ver também definição de alto valor de conservação).

Área degradada: área danificada que sofreu ação antrópica que não consegue manter mais a função econômica para a qual foi destinada e não possui mais a função ecológica original, de forma que os fatores de degradação inibem ou comprometem severamente o restabelecimento da vegetação original mesmo após a cessão da exploração.

Área de Preservação permanente: áreas, cobertas ou não por vegetação nativa, que estejam situadas nas seguintes condições:

- a) ao longo dos rios ou de qualquer curso d'água desde o seu nível mais alto em faixa marginal;
- b) ao redor das lagoas, lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais;
- c) nas nascentes ainda que intermitentes e nos chamados olhos-d'água, qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio mínimo de 50 m (cinquenta metros) de largura;
- d) no topo dos morros, montes, montanhas e serras;
- e) nas encostas ou partes destas com declividade superior a 45°, equivalente a 100% na linha de maior declive;
- f) nas restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadores de mangues;
- g) nas bordas dos tabuleiros ou chapadas, a partir da linha de ruptura do relevo, em faixa nunca inferior a 100 m (cem metros) em projeções horizontais;
- h) em altitude superior a 1.800 m (mil e oitocentos metros), qualquer que seja a vegetação.

Parágrafo único. No caso de áreas urbanas, assim entendidas as compreendidas nos perímetros urbanos definidos por lei municipal e nas regiões metropolitanas e aglomerações urbanas, em todo território abrangido, observar-se-á o disposto nos respectivos planos diretores e Leis de usos do solo, respeitados ainda, os princípios e limites a que se refere este artigo 2º.

Ato Declaratório Ambiental: Instituído pela Lei 9.393/1996, consiste de um formulário, emitido pelo IBAMA, de acordo com a Portaria IBAMA 162 de 18/12/97, no qual o proprietário rural identifica as áreas de preservação permanente (APPs) existentes em sua propriedade, sendo a utilização do ADA limitado para fins de apuração do ITR (Imposto Territorial Rural).

Bacia hidrográfica: área total de drenagem das águas que alimentam uma determinada rede de rios, e seus tributários, formadas por microbacias.

Cadeia de custódia: o canal pelo qual os produtos são distribuídos desde sua origem na floresta até os seus usuários finais.

Caracterização: classificação e localização das diferentes tipologias vegetais presentes na área sob exame.

Ciclos naturais: ciclos de nutrientes e minerais resultantes de interações entre os solos, água, plantas e animais em um determinado ambiente, os quais afetam a produtividade ecológica de um dado local.

Comunidade local: grupo humano inserido ou adjacente à unidade de manejo florestal, que inclui ou não a comunidade tradicional (vide também, população tradicional).

Comunidade tradicional: vide População tradicional

Conectividade: medida do grau de interligação entre remanescentes de vegetação oriundos do processo de fragmentação de habitats.

Conflitos ou disputas de magnitude substancial: conflitos ou disputas sobre direitos de posse ou uso da terra e dos recursos florestais/naturais que incluem uma ou mais das seguintes características, a serem avaliadas caso a caso:

- envolvimento de áreas significativas – parâmetros (qualquer das hipóteses a seguir):

- mais de 0,5% da área manejada em um período de um ano; ou
- mais de 5% da área total; ou
- mais de dez mil hectares em um período de cinco anos;

- alcance ou repercussão em escala regional ou maior;

- presença de cenários de alta complexidade social (presença de grupos de interesses diversos, situações de pressão social e potencial conflito, sobreposição com áreas de interesse de populações tradicionais, entre outros).

Nota: os parâmetros estabelecidos para a definição de áreas significativas foram adaptados de especificações das seguintes normas:

- Item 3.1."d" do documento FSC-POL-20-003 (2004) – The Excision of Areas from the Scope of Certification.

- Definição de "Forest Conversion - Significant Conversion" no Item D – "Terms and definitions".

Conhecimento tradicional: todo conhecimento, inovação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou comunidade tradicional, com valor real ou potencial, protegidos ou não por regime de propriedade intelectual.

Critério: um meio de julgar se um princípio (de manejo florestal) foi ou não satisfeito.

Direitos costumários: direitos resultantes de uma longa série de ações habituais ou de costumes, constantemente repetidas, as quais têm, por sua repetição e aquiescência ininterrupta, adquirindo a força de lei dentro de uma dada unidade geográfica ou sociológica.

Direitos de uso: direitos para o uso dos recursos naturais que podem ser definidos pelos costumes locais, acordos mútuos ou prescritos por outras entidades com direitos de acesso. Estes direitos podem restringir o uso de certos recursos a níveis específicos de consumo ou a técnicas específicas de exploração.

Diversidade biológica: a variedade existente entre organismos vivos de todas as origens, incluindo, *inter alia*, ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos, bem como os complexos ecológicos dos quais eles fazem parte; isto inclui diversidade em diferentes níveis: genes, espécies, níveis taxonômicos, comunidades, processos biológicos, biomas e ecossistemas.

Ecossistema: todos os fatores físicos e biológicos (bióticos e abióticos) e suas interações que funcionam juntas como uma unidade interdependente.

Escala: uma medida da extensão com que um evento ou atividade de manejo afetam a unidade de manejo ou um valor ambiental no espaço ou no tempo. Uma atividade com uma pequena ou baixa escala espacial afeta somente uma pequena proporção da floresta a cada ano, uma atividade com pequena ou baixa escala temporal ocorre somente após longos intervalos de tempo.

Nota: extraído do conceito contido nas minutas dos novos P&C do FSC.

Espécie ameaçada de extinção: qualquer espécie que possa se tornar extinta em um futuro previsível se continuarem operando os fatores causais da ameaça em toda a sua área de ocorrência ou em parte significativa da mesma.

Espécie em perigo de extinção: qualquer espécie que possa se tornar ameaçada de extinção em um futuro previsível, se continuarem operando os fatores causais da ameaça em toda a sua área de ocorrência ou em parte significativa da mesma.

Espécie endêmica: espécie nativa com populações restritas a determinada área geográfica. Este termo pode ser interpretado em diferentes escalas, como por exemplo: espécies restritas a países, biomas, tipologias vegetais ou a locais específicos. Neste documento serão consideradas apenas as espécies endêmicas referentes a locais específicos, ou seja, a uma pequena escala de distribuição (e.g. tapaculo-da-chapada-da-diamantina – *Scytalopus diamantinensis* – distribui-se apenas na Chapada da Diamantina).

Espécie exótica: espécie introduzida em uma área geográfica distinta de sua área geográfica originária.

Espécies invasoras: espécies que apresentam capacidade espontânea de colonizar novos ambientes, podendo, em geral, se tornar hiperabundantes e prejudiciais ao ecossistema natural.

Espécie nativa: uma espécie que ocorre naturalmente em determinada região.

Espécie rara: qualquer espécie de distribuição geográfica ou habitat restrito ou de distribuição mais ampla, porém com populações pouco numerosas.

Floresta nativa: área florestal onde a maior parte das principais características físicas e biológicas e elementos-chaves de ecossistemas originais tais como complexidade, estrutura e diversidade estão presentes.

Fragmento: remanescente de ecossistema natural isolado em função de barreiras antrópicas e ou naturais.

Funções ecológicas: são funções que afetam o ambiente e a biocenose objetivando um equilíbrio entre o meio físico, o ambiente e a biocenose (flora, fauna) em uma determinada área.

Grandes EMFs: empreendimentos com área total superior a 10.000 hectares.

Nota: extraído do documento FSC-STD-20-007 EN – Forest Management Evaluations.

Impactos sociais e ambientais: quaisquer modificações, benéficas ou não, resultantes das atividades, produtos ou serviços de uma operação de manejo florestal na unidade de manejo florestal.

Integridade da unidade de manejo florestal: a composição, dinâmica, função e atributos estruturais de uma plantação florestal.

Intensidade: uma medida da força, severidade ou poder com que atividades de manejo ou outras ocorrências afetam aspectos sociais ou ambientais.

Nota: extraído do conceito contido nas minutas dos novos P&C do FSC.

Leis locais: inclui todas as normas legais ditadas por organismos de governo cuja jurisdição é menor que as de nível nacional, tais como normas estaduais, municipais, distritais e costumárias.

Longo prazo: a escala de tempo adotada pelo proprietário (ou detentor da posse) da área florestal ou o responsável pela unidade de manejo florestal, de acordo com os objetivos do plano de manejo, a taxa de exploração, e o compromisso de manutenção de uma cobertura florestal permanente. O período de tempo envolvido irá variar de acordo com o contexto e as condições ecológicas, e será determinado em função de quanto tempo leva para que um dado ecossistema recupere sua estrutura e composição natural, após a exploração florestal ou distúrbios, ou quanto tempo leva para que tal ecossistema atinja condições de maturidade ou características primárias.

Manejo Florestal: a administração da unidade de manejo florestal, para obtenção dos produtos, serviços e benefícios econômicos e sociais, respeitando-se os mecanismos para sua sustentação ambiental.

Microbacia hidrográfica: área total de drenagem das águas que alimentam uma determinada rede de um rio.

Mosaico: no sistema de plantações florestais é o conjunto formado por sub-áreas, (conhecidos como talhões, quadras, povoamentos ou lotes) presentes em determinada unidade de manejo florestal dentro da paisagem que apresentam entre si diversidade quanto à sua composição, seja de idades, rotações, procedências, espécies, gêneros, clones, genes ou de estágios de desenvolvimento e/ou manejo silvicultural.

Organismos geneticamente modificados: organismos biológicos que tenham sido induzidos por vários meios a constituir mudanças genéticas estruturais, e que não podem ocorrer de forma natural ou espontânea.

Paisagem: porção do território, definido em função dos elementos geomorfológicos ou legais. Poderá incluir uma ou mais bacias hidrográficas ou ainda, parte de bacias hidrográficas. Inclui os componentes físicos, biológicos e antrópicos contidos nessa porção do território.

Paisagem natural: um mosaico geográfico, composto de ecossistemas interativos resultado da influência de interações geológicas, topográficas, edáficas (solo), climáticas, bióticas e humanas em uma dada área, sem que tenha sido modificado por atividades humanas.

Partes afetadas: qualquer pessoa, grupo de pessoas ou entidade que seja ou possa ser submetida aos efeitos das atividades de uma unidade de manejo, incluindo, por exemplo:

- Comunidades locais;
- Povos indígenas e outros povos tradicionais;
- Trabalhadores;
- Moradores no entorno da unidade de manejo;
- Vizinhos;
- Proprietários a jusante;
- Processadores locais;
- Comerciantes locais;
- Detentores de direitos de uso ou posse;
- Organizações autorizadas ou conhecidas por agir em nome de partes afetadas, por exemplo, ONGs sociais e ambientais, sindicatos etc.

(Fonte: FSC 2011).

Partes interessadas: qualquer pessoa, grupo de pessoas ou entidade que tenha demonstrado interesse, ou seja, conhecida por seu interesse nas atividades de uma unidade de manejo florestal, incluindo:

- Organizações conservacionistas (e.g. ONGs ambientais);
- Organizações de direitos do trabalho (e.g. sindicatos de trabalhadores);
- Organizações de direitos humanos (e.g. ONGs sociais);
- Projetos de desenvolvimento local;
- Governos locais;
- Órgãos de Governo Estaduais ou Federais atuando na região;
- Iniciativas nacionais do FSC;
- Especialistas em temas específicos (e.g. Altos Valores de Conservação).

(Fonte: FSC 2011).

Plano de manejo florestal e plano operacional anual: o plano de manejo florestal e os planos operacionais anuais são documentos escritos baseados em critérios técnicos adequados, em conformidade com a legislação ambiental e outras leis nacionais disponíveis. O plano de manejo se refere ao ordenamento das atividades florestais na unidade de manejo florestal como um todo, e o plano operacional anual se refere às atividades específicas naquele ano.

Plantação florestal: áreas resultantes de atividades humanas tanto de semeadura ou plantio, com ou sem tratamentos silviculturais intensivos.

População tradicional: grupo humano distinto da sociedade nacional por suas condições sociais, culturais e econômicas, que se organiza total ou parcialmente por seus próprios costumes ou tradições ou por uma legislação especial e que, qualquer que seja sua situação jurídica, conserva suas próprias instituições sociais, econômicas, culturais ou parte delas.

Para efeito deste documento: para descrever uma relação social mais específica e inserida, ou adjacente à unidade de manejo florestal, utiliza-se o termo comunidade tradicional.

Porta da floresta: ponto a partir do qual a posse do produto certificado é transferida ao cliente ou ao próximo elo da cadeia de custódia.

Posse: acordo socialmente definido firmado por indivíduos ou grupos, reconhecido por estatuto legal ou costumes relativos ao "conjunto de direitos e obrigações" sobre a ocupação, o acesso e/ou o uso de uma unidade de área específica ou de seus recursos associados (como árvores individuais, espécies de plantas, recursos hídricos ou minerais ou outros e assemelhados).

Povos indígenas: coletividades que se distinguem no conjunto da sociedade nacional por reconhecerem seus vínculos históricos com as populações ameríndias antecessoras ao processo da colonização europeia.

Para efeito deste documento: para descrever uma relação social mais específica e inserida, ou adjacente à unidade de manejo florestal, utiliza-se o termo comunidade indígena.

Pragas: organismos vivos (em geral, insetos, fungos, bactérias e vírus) que ao utilizarem as plantas como fonte de alimento ou como hospedeiras, modificam o seu ritmo normal de crescimento e desenvolvimento em grau suficiente para causar danos econômicos às plantações florestais.

Princípio: uma regra ou elemento essencial; no caso do FSC, uma regra ou elemento essencial de manejo florestal.

Processamento no local: a primeira transformação da matéria-prima florestal no local em que a mesma foi colhida dentro da unidade de manejo florestal.

Processos ecológicos: processos através dos quais ecossistemas mantêm sua estrutura e dinâmica natural.

Produtividade do ecossistema: taxa de acumulação de biomassa em uma dada área em um dado período de tempo; geralmente é medida em toneladas por hectare.

Produtos florestais não-madeireiros: todos os produtos de origem vegetal ou animal, obtidos da floresta exceto a madeira.

Produtos químicos: substância ou mistura de substâncias obtidas por processos de elaboração química, cujo armazenamento, uso e destinação podem representar significativo potencial poluidor (e.g. óleos, graxas, combustíveis, agrotóxicos, entre outros).

Reabilitação: melhoria nas funções e processos do ecossistema, sem a função de restabelecer a composição e estrutura originais do ecossistema.

Regeneração: processo no qual o ecossistema se desenvolve através de mecanismos de sucessão natural, restabelecendo outros processos ecológicos.

Resíduo florestal: todo material florestal orgânico que sobra na floresta após a operação de colheita ou outra operação de processamento local. Abrange, entre outros, sobras de madeira, galhos, ponteiros, cascas, restos de picamento, entre outros.

Restauração: processo através do qual um ecossistema degradado ou uma população silvestre é manejado para que se aproxime da sua estrutura e forma originais.

Recuperação: processo através do qual um ecossistema é manejado visando melhorar as condições ambientais de um ecossistema, restabelecendo uma ou mais funções e serviços.

Remanescentes naturais: áreas com a presença de ecossistemas de ocorrência natural, com ou sem vegetação em qualquer estágio de sucessão, bem como áreas destinadas à conservação por meio de programas de recuperação e/ou restauração em diferentes estágios (e.g. florestas de diferentes biomas, cerrado, caatinga, pampas, lagos cavernas etc.).

Reserva legal: área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, excetuada a de preservação permanente, destinada ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção de fauna e flora nativas.

Responsável pela Unidade de Manejo Florestal: o responsável legal pela gestão da unidade de manejo florestal.

RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural): categoria de unidade de conservação onde o proprietário não perde o direito de posse da área e a conservação da mesma tem a sua perpetuidade assegurada através de averbação do registro de propriedade em cartório, aprovada pelo órgão ambiental competente.

Rotação de corte florestal: o intervalo de tempo existente entre a remoção completa de parte ou do total da plantação florestal, em uma área definida, e o próximo período de remoção, estipulado nesta

mesma área, de acordo com o manejo silvicultural da área, considerando o(s) objetivo (s) da plantação florestal.

Serviços da floresta: conjunto de benefícios gerados por ecossistemas naturais ou cultivados como, por exemplo, conservação de mananciais, sequestro de carbono, conservação da biodiversidade, recreação, lazer, regulação do clima, retenção de sedimentos, polinização, redução de ocorrência de pragas e doenças devida à presença de inimigos naturais etc.

Silvicultura: o cultivo e a manutenção de uma floresta através de manipulações no estabelecimento, composição e crescimento da vegetação para melhor atender aos objetivos de seu proprietário. Isto pode incluir ou não a produção de madeira.

Sistema de aviamento: sistema ou forma de comercialização de mercadorias através do qual o proprietário do capital mercantil ou o gerente de empresa industrial extrativista organiza a venda a prazo, de produtos de subsistência para os aviados (os trabalhadores e/ou produtores extrativistas), normalmente utilizando uma instalação conhecida como “barracão” ou venda. Os “barracões” ou pontos de venda, habitualmente, praticam preços superiores aos do mercado e obrigam os trabalhadores (e/ou produtores extrativistas) a trabalho forçado por dívida contraída.

SLIMF (*Small and Low Intensity Managed Forests*): florestas pequenas e com manejo de baixa intensidade, definidas segundo as políticas e padrões do FSC Internacional. Os critérios de elegibilidade SLIMF levam em consideração a área total e a intensidade do manejo praticado na floresta. Em termos de área, conceito mais adequado à realidade atual de plantações no Brasil, são considerados empreendimentos SLIMF aqueles com área total de até 100 hectares fora da região amazônica, ou de até 1.000 hectares na região amazônica.

Subcontratados: empresas contratadas ou trabalhadores de empresas contratadas por prestadores de serviços já terceirizados.

Sucessão: mudanças progressivas na composição de espécies e na estrutura do ecossistema ao longo do tempo, após distúrbios naturais ou causados pela interferência humana.

Talhão: menor área contínua da Unidade de Manejo Florestal, usada para o planejamento das operações florestais.

Terras e territórios indígenas: terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, (1) as habitadas em caráter permanente, (2) as utilizadas para as atividades produtivas, (3) as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e (4) as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

Unidade de conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

Unidade de Manejo Florestal: área, contínua ou não, definida e submetida ao manejo florestal, pelo responsável pela unidade de manejo florestal, correspondendo ou não à área total da propriedade ou posse, que inclui áreas de produção, manutenção, colheita e de preservação.

Valores da diversidade biológica: os valores intrínsecos, ecológicos, genéticos, sociais, econômicos, científicos, educacionais, culturais, recreacionais e estéticos da diversidade biológica e seus componentes (ver Convenção sobre Diversidade Biológica, 1992).

Zoneamento: ordenamento do solo para sua ocupação.